

O mundo está de olho no Brasil

**AGROPECUÁRIA
TROPICAL**

ISSN - 1758

N. 114 - Agosto / Setembro - 2000

**O CONGRESSO
DO MILÊNIO**



XIII CONGRESSO MUNDIAL DA CARNE

- A carne: um alimento estratégico
- Globalização ou global-ilusão
- O couro dá mais lucro ao Brasil que a carne
- O futuro além da porteira, com o Gir

- Produzir, sim; exportar, como?
- Transgênicos: um diálogo de surdos
- Um empurrão no Brasil

E mais

Viva
a Reforma Agrária,
por que não?



ESPECIAL
**PARDO-SUIÇO
CORTE**

Editorial:
O grande Agronegócio

Boa parte do progresso da moderna pecuária acontece por causa dos **LIVROS** e **REVISTAS** de **"Agropecuária Tropical"**

Fazer somente revistas é tarefa fácil. Muitas Editoras fazem revistas rurais.

A Editora Agropecuária Tropical vem lançando a revista "Agropecuária Tropical" desde 1975 e também "O Berro" (Revista Brasileira de Caprinos & Ovinos). São as duas únicas revistas opinativas do Brasil, levantando as discussões importantes para o desenvolvimento da pecuária brasileira. Quem quer decidir sobre os rumos, o futuro ou a atualidade tecnológica da pecuária – tem que ler "Agropecuária Tropical" e "O Berro". **Para separar os "mitos" da "realidade" – nada melhor do que estas valentes revistas.**

O progresso da pecuária, no entanto, pedia mais literatura de profundidade. Os fazendeiros queriam aprender rapidamente tudo aquilo que outros pecuaristas haviam aprendido durante décadas em seus currais. Só havia uma maneira: **editar livros especializados.**



Somente "Agropecuária Tropical" resolveu arregaçar as mangas e atender o interesse dos modernos fazendeiros. Foi assim que surgiram os grandes livros da atualidade: "A Geometria do Zebu", "O gado sagrado na Índia", "O Guzerá", "Nelore: a vitória brasileira" (3 volumes), etc. A maior parte dos livros são "oficializados" pelas Associações de Criadores. A seriedade é tanta que até a **ABCZ** – Associação Brasileira dos Criadores de Zebu já oficializou dois livros: "O Zebu" e "Zebu Ano 2000".

Para mostrar todas as raças do Brasil e também as **610** mais importantes do mundo, "Agropecuária Tropical" lançou o livro "Os Cruzamentos na Pecuária Tropical", abrindo horizontes para todas as raças.

Na década de 1990, "Agropecuária Tropical" lançou diversos livros totalizando **7.066** páginas e mais de **9.100** fotografias – indicando um "banco de imagens" fabuloso à disposição dos fazendeiros. Tudo isso além das revistas.

Agora, "Agropecuária Tropical" está preparando um **"site"** especial para levar a grandeza pecuária do Brasil para todo o mundo. O fazendeiro brasileiro merece nosso esforço.

**AGROPECUÁRIA
TROPICAL**

**A revista que você
Olha, Lê e Guarda**

**Uma revista que está nas conversas
de todo mundo.**



Vale a pena ler nessa edição

5

O mundo está de olho no Brasil



14

A carne: um alimento estratégico



17

O couro dá mais lucro ao Brasil que a carne



Editorial

Aumentando a Cadeia do Agronegócio 4

Economia

Globalização ou globalização? 10

Produzir é fácil, exportar como? 26

Veterinária

Cachorro agora é inimigo na fazenda 30

Reforma Agrária

Viva a Reforma Agrária 63

A gangorra da Reforma Agrária 67

Regiões

Nordeste: os vendilhões do templo 77

Zootecnia

O futuro além da porteira c/ Gir 82

(Vai entrar vários títulos aqui, do Pardo Suíço)

Transgênicos

Um diálogo de surdo 87

Especial

PARDO SUIÇO
CORTE.....31



PATROCINADORES

Agropecuária Peters	90
Agropecuária Tropical, Assinaturas	22
Alberto Ferreira Mota	13
Alberto Pereira Nunes	9
Aliança	36-37
Assoc. Limousin-1	28-29
Brasilbor, SP	27
Braspelco	4a. capa
Canal do Boi	3a. capa
Carlos Vergueiro	53
CICB	41-52
Duílio César Braga	24-25
Guzerá-JA, RJ	68-69

Hélio Coelho	33
Jorge Nicolau	61
Luiz Carlos Costa	54
Manoel Dantas Vilar	72-73
Mar Ranch	39
Marcos Szerman, ...	59
Meira Fernandes	35
Núcleo PSC	62
O Berro, Assinaturas	86
Paulo Silveira	57
Rudolph Reich, ...	60
Rural Business	23
Zebu Ano 2000	2a. capa

Fundador: Virgolino de Faria Leite Neto, com "PARAIBA PECUÁRIA", em 1976 cognominado "O Patrão do Zebu Nordestino", sequenciada por "AGROPECUÁRIA TROPICAL", fundada por Rinaldo dos Santos em Janeiro de 1980

Edição: nº 114 - Setembro/2000

DIRETORIA: Rinaldo dos Santos, Denise de Abreu Ribeiro

DIREÇÃO EXECUTIVA: Rinaldo dos Santos

Pesquisas Editoriais: Denise Teixeira de Abreu - Revisor para Zootecnia: Paulo Roberto M. Leite - Tradução: José Antônio dos Santos - Assessoria Administrativa: José Luis de Paula - CPD (Diagramação): Denise de Abreu Ribeiro - Ilustrações: Pedro Ricciopo

COLABORADORES EDITORIAIS

Hugo Prata, Eunepedes Oliveira, Jorge Coelho, Huiascar Terra do Vale, Marcel Dantas Vilar Filho, Tito Victor, Paulo Roberto Miranda Leite, Eduardo Almeida, José Nivaldo, José Mainito Perez, Antônio Ernesto Werna de Salvo, Francisco Teatini

DEPARTAMENTO COMERCIAL:

SEDE: UBERABA-MG - Jadir Bison - Editora Agropecuária Tropical Ltda - Av. Alexandre Barbosa, 853 - CEP 38060-200 - Cx. Postal 606 - Fones: (034) 312-9788 / 312-7250 / Fax: 312-5080

Telemarketing - Jadir Bison, José Maria Matos Filho, Lenice Marisa Cobo

Fotógrafos de campo autônomos - Rubens Sales, Sidnei Novais, Marcelo Cordeiro, Luis Alberto Brito Mendez, Roberto Pinheiro

REPRESENTAÇÕES NO EXTERIOR:

AFRICA DO SUL - G. Mackenzie Maia - 23 Redway Glencairn 7995 Cape - Tel: 0217-831185 / 02171929

MÉXICO - 1) Elias Bremauntz - Revista "CRIADOR" - Av. Nevada 112 13, 1º. Portales Mexico 03300 D.F.
2) Consuelo González Pastrana - 9º Pte. Sur 886, Tuxtla Gtz - Chiapas - México

PERU: Reinaldo Trinidad Ardiles - Pablo Bermudez 301, Lima 11 - Fone: 23-5550

COSTA RICA: Roberto Albertazzi Avendano - Idiossa apdo. 100, Curridabat, San José - Costa Rica

VENEZUELA: Alvaro Javier Alvarez Rodriguez - Apdo. Postal 17 - Guanare - Venezuela - Fone 057-519009 / 515819

CONVÊNIO EDITORIAL: El Cebú (Colômbia), Brahman Journal (EUA), Brahman News (Australi), Holstein Friesian Journal (EUA), Desarrollo Agropecuario (Peru), Desarrollo Agropecuario (Costa Rica), Ganagrino (Venezuela), Cebu (México), Criador (México), Godarshan (Índia), Brown Swiss (EUA), Dorper (África do Sul)

Fotolitos: Registro Fotolito Digital Uberaba MG - Fone: (34) 321-6535
Impressão: Grefy Ltda. Uberlândia MG - Fone: (34) 212-4572

AGROPECUÁRIA TROPICAL - Título autorizado para publicação a Editora Agropecuária Tropical Ltda, destinada a mostrar as potencialidades e realizações da pecuária nacional, principalmente as tropicais, num diálogo com as classes rurais e autoridades do setor. Artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da publicação e são da responsabilidade dos que os subscrevem, mantendo a Editora o direito de publicar as contestações recebidas, por parte dos leitores. Não se autorizam como também sugerimos a transcrição de matérias editadas, citando-se a fonte.

EDITORA AGROPECUÁRIA TROPICAL LTDA - Sede: UBERABA-MG - Av. Alexandre Barbosa, 853 - Caixa Postal 606 - CEP 38060-200 - Fones: (34) 312-9788 / 312-7250 - FAX: (34) 312-5080 - Reg. Título ZEBU - Classe 38 10 - Nº 815133049 - Classe 10 - C.T.G. 25-918 555/0001.00 - Reg. Jôme Comercial 312031138018 - Reg. ISSN 0101-1758 - Reg. Título AGROPECUÁRIA TROPICAL - Reg. Título O BERRÃO - Reg. Título GIROLANDO

Aumentando a Cadeia do Agronegócio

Nada mais saudável do que observar o setor rural atingindo a maioridade. As safras de 90 milhões de toneladas, que decaíram para 82 toneladas no ano 2000, são vistas como fenômeno da imprevidência governamental pois o Brasil tem terra, tem clima, tem produtores preparados, tem tudo para duplicar essa marca. E por que não o faz? Por que falta o resto, falta a infra-estrutura, falta quase tudo que está além da porteira. O Brasil produz mas não vende...

Sem dúvida, o Governo está tentando buscar soluções para melhor vender a produção e, depois, multiplicá-la. Não é tarefa fácil, ao se somarem os montantes da dívida externa e interna e mais a enorme carência interna de assistência social às pessoas que têm sido marginalizadas na última década. No final, sobra pouco dinheiro do Governo para estimular os produtores rurais.

Enquanto isso, as instituições ruralistas despertam para a necessidade de ampliar sua abrangência. Até agora, o setor produzia no campo e entregava na indústria, seja ela beneficiadora de grãos ou de carne. Agora, torna-se importante juntar também a indústria transformadora e até a exportadora no mesmo balde. Vai criando forma a Cadeia do Agronegócio, de forma gigantesca, num país gigantesco.

Assim, propõe-se que a Cadeia do Boi comece no pasto e só termine quando a carne tiver sido exportada. Comece pelo boi e termine no sapato exportado. Comece pela semente do grão e termine no porão do navio.

É urgente a necessidade de instalar um Fórum da Cadeia do Agronegócio, unindo todas as atividades, aumentando a possibilidade de reivindicações e de autofinanciamento.

Como exemplo, cita-se o couro. A valorização do produto está despertando a classe pecuarista para o valor econômico dessa matéria-prima, que sempre foi ofuscada pela carne, um produto considerado mais nobre do que o couro, na estrutura econômica da bovinocultura. Alguns curtumes já mantêm parcerias com frigoríficos e produtores com o objetivo de melhorar a qualidade da matéria-prima e remunerar adequadamente os produtos superiores. O couro - com superávits anuais na balança comercial - aos poucos começa a adquirir o status de produto de valor econômico importante em toda a cadeia. Nessa moldura, ameaças de restrições à sua exportação, em qualquer estágio, resultam em reações de todos os segmentos envolvidos. Ao mesmo tempo, o país vem sucateando as indústrias nacionais de beneficiamento, exportando empregos para além-mar. O couro precisa sair do estágio economicamente vegetativo para se tornar peça de alto valor no Agronegócio. No saldo de exportações/importações, o couro é elemento significativo para dar peso às argumentações de toda a Cadeia.

Os frigoríficos, outro importante elo da cadeia, também já começaram o processo de verticalização, para frente para trás, em busca de melhores oportunidades comerciais. Logo estarão se transferindo para o Centro Oeste, para usufruir as vantagens da proximidade com o Anel da Soja. O Brasil do futuro está saindo da prancheta.

O "boi verde" ganha status, ao mesmo tempo que o país recebe a boa notícia de que os países europeus continuam se recusando a comprar produtos transgênicos. As exportações de produtos "verdes" para a Europa pode atingir alturas jamais imaginadas. Boa hora para o Brasil aproveitar a maré.

Um Fórum da Cadeia do Agronegócio unindo o Homem do Campo ao industrial e exportador, poderia inaugurar um novo tempo.



O mundo está de olho no Brasil...

Afinal, quem pode plantar? – O que é a globalização, no mundo? É produzir, vender e comprar em qualquer lugar, sem respeitar os limites geográficos de cada país. É a busca máxima da competência produtiva, para poder alimentar mais e mais gente. Quem irá sair vencedor nessa competição inédita na história da humanidade? É gratificante correr os olhos sobre o mapa-múndi:

◆ **1** - A China é o maior consumidor e o maior produtor de alimentos do mundo. Só de grãos, produz 500 milhões de toneladas por ano. Em piscicultura nos perímetros de irrigação, pesca 17 milhões de toneladas/ano; enquanto o Brasil contenta-se com apenas 400 mil toneladas.

Apesar de ser o maior produtor do mundo, a China é uma pobre China, pois suas fronteiras agrícolas estão quase esgotadas. Ou seja, os chineses não têm onde produzir mais alimentos. Nos próximos 20 anos, a fome grassará ferozmente na China – diz a FAO – e as pessoas consumirão tudo o que conseguirem produzir e terão que importar o triplo. Seus vizinhos, na Ásia, também estão com sua capacidade razoavelmente esgotada. Mesmo assim, a China será o país que mais irá crescer em sua agropecuária – garante a FAO. Os chineses empolgarão o mundo, inventarão métodos novos de cultivo, de colheita, darão um show de competência... mas não conseguirão alimentar todas as pessoas.

Para piorar as coisas, o cidadão chinês tem um sonho: morar numa casa própria de 30 metros quadrados! Esse sonho está inviabilizando mu-

ta terra que, antes, era cultivada. A população "média" quer viver um pouco melhor e, então, constrói casas pequenas, pequeníssimas, mas que são o "tesouro" de cada um. E são centenas de milhões de casas surgindo no horizonte, enquanto a agricultura vai perdendo terreno... As casas ocupam as áreas que produziam legumes!

◆ **2** - Na América do Norte, os Estados Unidos são grandes líderes mundiais de agribusiness, mas têm apenas entre 10-15 milhões de hec-

prefere comprar alimentos do que produzi-los. Afinal, é o país com melhor índice de bem-estar social no planeta e ninguém quer modificar esse cenário, enchendo o campo com tratores, fumaças, estragando a paisagem...

◆ **3** - A Europa é subsídio puro para que os cidadãos permaneçam no campo, ao invés de migrar para as cidades, onde iriam provocar atropelos, amarguras sociais e gastos extras do tesouro público. Na Europa desenvolvida, cada cidadão no campo é considerado até uma "arma" de defesa contra ataques inimigos e, por isso, quanto mais gente melhor. É um autêntico e bem remunerado setor rural. O governo paga para o cidadão permanecer no campo, onde pode produzir aquilo que o mercado bem consome. Devido ao apoio permanente e à infra-estrutura consolidada, os produtores atingem altos níveis de eficiência.

Mas também não existem novas "fronteiras agropecuárias" para serem exploradas...

◆ **4** - A África poderia ser explorada para uma produção maciça de alimentos, mas as rivalidades, guerras fratricidas, guerrilhas, desmandos de toda ordem, exploração econômica por parte de poderosos cartéis internacionais, tornam o majestoso continente inviável para o progresso. Assim, nem tão cedo a África poderá sequer alimentar seus muitos povos. Pelo contrário, a África precisa de ajuda alimentícia...

◆ **5** - A Oceania apresenta a Austrália, outro grande país, que já explorou toda sua área disponível, só



tares disponíveis para ampliar sua produção. Na verdade, os EUA estão perdendo 250 mil hectares por ano de produção agrícola, porque as pessoas tendem a trabalhar menos e a procurar mais lazer. Então, 250 mil hectares agrícolas são transformados em belos sítios ou chácaras de fim-de-semana. A riqueza vai fazendo com que a produção agrícola se transforme em empreendimento de lazer, de turismo. O total de 10-15 milhões de hectares potenciais durarão pouco tempo! Com dinheiro disponível, os EUA tendem a se tornar, cada vez mais, o grande comprador mundial de tudo.

O Canadá tem muitas fronteiras mas elas estão cobertas por gelo durante boa parte do ano e o Governo

restando um monte de pedaços de desertos. Os australianos são "mestres" no que fazem: bovinos e ovinos, mas o país é uma "ilha" cercada por água e desertos. Não há novas fronteiras para exploração...

◆ **6** - Assim, sobrou o Brasil que tem, só nos Cerrados, 205 milhões de hectares disponíveis para o plantio. Mesmo com todo o conservadorismo existente (implantar reservas florestais, abrir cidades, estradas, etc.) ainda sobrarão – no mínimo – 80 milhões de hectares para serem plantados.

Os Cerrados - Estão errados aqueles que pretendem um cerrado intocável. As pesquisas de solo mostram que a agricultura, pelo contrário, contribui para a riqueza do solo já tão debilitado e fragilizado por milênios de incúria. O solo também aprecia uma ajuda, de vez em quando, para garantir uma vegetação aproveitável para o Homem e para a fauna. A salvação dos Cerrados, portanto, está numa agricultura feita de forma auto-sustentável.

Os ambientalistas que adoram acusar o uso de terras que eles, somente eles, acham necessário preservar, deviam caçar outro Judas para malhar! Afinal, os Cerrados podem produzir, sozinhos, 500 milhões de toneladas de grãos! Se, com apenas cerca de 90 milhões de toneladas, o Governo já faz festa, o que não seria com 500 milhões? Quantos milhões de empregos estariam sendo gerados? O Brasil tem que olhar para o futuro...

Como exemplo, cita-se a Baixa dos Parecis, no Mato Grosso, que é a maior área contínua agricultável do mundo, somando 30 milhões de hectares planos. Somente ali, pode-se produzir o dobro de tudo que se obtém hoje, no Brasil!

Os Cerrados, portanto, podem e devem ser desenvolvidos de forma competente e ambientalmente responsável. Numa aritmética simples, verifica-se que o país pode colocar em produção 180 milhões de hectares, na hora que quiser! Cadê o Governo?

O Semi-árido - Paradoxalmente, o Governo sempre repudiou a região

semi-árida nordestina como se fosse um lugar deslocado da história geoeconômica do país mas, agora, já está comprovado que o semi-árido tem um grande potencial. A fruticultura e a olericultura do mundo têm em comum o fato de serem produzidas em regiões semi-áridas! O Chile produz toda sua fruticultura famosa em terras semi-áridas. A Califórnia e a Espanha também. Basta verificar alguns dados: no semi-árido, o Brasil tem 4 milhões de hectares disponíveis para



agricultura, fruticultura, floricultura, horticultura e olericultura, enquanto a Califórnia tem apenas 830 mil hectares irrigados e o Chile apenas 186 mil hectares. Esses dois países, no entanto, tiram enorme riqueza dessa área, todos os anos. E Israel? Apresenta uma fruticultura riquíssima, utilizando água que não seria suficiente para encher sequer o açude de Orós! (Aliás, o Nordeste não tira nenhuma vantagem da represa de Orós para a fruticultura ou qualquer atividade rentável). Israel é um país agressivo, tecnologicamente desenvolvido, com liderança no mundo – mas, comparado com o Brasil, só tem uma gota de água!

Deduz-se, então, que a falta de água não é o grande problema! Acusar o Nordeste de atraso é, no mínimo, enfiar a cabeça na areia para não enxergar. Esse cinismo histórico precisa acabar para dar lugar a um pouco de felicidade ao povo tão sofrido da região semi-árida nordestina – que continua "dormindo em berço esplêndido", esperando sua vez.

O Brasil tira da gaveta projetos de implantar 1 milhão de hectares com fruticultura nos próximos 10 anos. Somente em 1998, o mundo consumiu mais 1.6 bilhão de dólares em frutas

Por que? Há um consenso em nutrição moderna que recomenda que as pessoas idosas devem consumir muitas frutas. Então, se o século XXI se o século da terceira idade e também o será das frutas... Poderá ser a redenção do semi-árido nordestino desde que o governo queira transformar aquele inglório "curral de votos" em uma área extremamente rica. Afinal, a Califórnia e a Espanha semi-áridas eram regiões de miseráveis e especuladores, antes da fruticultura.

Ela foi a atividade básica que redimiu aquela população, tirando-a da miséria.

O exemplo do Piauí é marcante: o Estado, apontado como o mais pobre do Brasil, tem 3.400 horas/ano de sol! Se plantar uva, colherá duas safras e meia por ano. Ou seja, em dois anos, cinco safras. Qualquer outro país concorrente consegue, no máximo, colher uma safra e meia! Além disso, o excesso de luz impede a proliferação de fungos nas frutas. Assim, está claro que o Piauí inteiro, um dia, será um fabuloso celeiro de frutas – como toda a região semi-árida. Que maravilhoso Nordeste o Brasil tem!

Brasil temperado – Falar do potencial do Sudeste e do Centro-Oeste é chover no molhado. Ali cabem mais de 300 milhões de cabeças de gado e um oceano de produtos agrícolas. Dessa região pode sair a produção para abastecer boa parte dos países do mundo inteiro.

E o Sul, de clima temperado? Basta um exemplo: a região de Vacaria (RS) era uma terra sem valor mas descobriram que ali se prestava para o cultivo de maçã. Hoje são mais de 5.000 empregos diretos só na cultura da maçã!

O Brasil, portanto, é um paraíso para quem quer ganhar dinheiro. Bom... se o Governo deixar!

Ser ou não ser – A grande vocação brasileira é o agribusiness mas, pitorescamente, isso parece nunca ter sido muito importante, in facto, pelos Governos que se sucedem no país. Por dois motivos básicos:

● **1** - Primeiro, devido a uma questão de natureza política. Na década de 60, a intelectualidade acreditava que as sociedades para se desenvolverem, deveriam quebrar as amarras

fundiárias, econômicas, do atraso, do arcaísmo, da concentração de renda – caminhando rapidamente para a industrialização. No caso brasileiro, essa ideologia tornou-se até um delírio, e hoje o país já é a maior nação industrializada no rol daquelas consideradas em desenvolvimento. Nem por isso, no entanto, mudou o panorama da concentração de renda. Pelo contrário, agudizou tal concentração!

É mais fácil concentrar rendas por meio do industrialismo inconsequente do que por meio da agropecuária! Por conta dessa política vesga, o Governo tem condenado o setor rural a um medíocre desempenho agropecuário: safras de 90 milhões de toneladas de grãos, quando já poderiam ser de 200 ou 300 milhões. Os Estados Unidos, com uma política agrícola definida há muito tempo, produzem 240 milhões! O pior é ver o governo festejando esse resultado diante do eleitorado, como se fosse vitória, na grande imprensa manietada por polpudas verbas publicitárias governamentais...

● 2 - Segundo, devido à filosofia canhestre, principalmente da imprensa, que acredita que o progresso no campo é representado apenas pelos grãos. De repente, todos se esquecem de que agricultura também é floricultura, silvicultura, olericultura, fruticultura, produção de fibras, animais domésticos, animais silvestres, etc. O próprio governo só divulga suas medíocres 90 milhões de toneladas de grãos, esquecendo-se de todo o resto! O couro, a carne, as frutas, etc. são partes importantes do PIB e das exportações nacionais, mas nunca mereceram destaque na imprensa! O couro, por exemplo, é superavitário nas exportações e por que o Governo não divulga esse fato para a imprensa?

Por que o Brasil não encontrou seu caminho? Garante Francisco Turra (*) que simplesmente porque boa parte da legislação que rege o Ministério da Agricultura ainda é do início do século! Por que? Simplesmente porque o Brasil foi bem sucedido naquele já longínquo período. O Ministério da Agricultura teve uma das melhores políticas e legislações na questão sanitária. Aliás, o Brasil foi bem também no campo da saúde – naqueles tempos. O Brasil viveu uma vitória, era um exemplo para o mundo, mas cristalizou-se, encasulou-se. Traçou leis e todos os produtores acreditavam que o país seria uma grande nação. Con-

tinuam acreditando. Mas por parte dos governos, muitos governos, tudo ficou na promessa...

Empregos e empregos - O Brasil do ano 2000 vive uma síndrome de violência, de desemprego e de quase desespero. Três milhões de brasileiros abandonaram o campo e foram para a cidade, entre 1989 e 1998, atraídos pela industrialização. A globalização pressiona e os produtores passam a adotar novas tecnologias que, a partir do Plano Real, também está expulsando as pessoas. Está jogando esses cidadãos para a periferia urbana e, apesar do seguro-desemprego, não há esperança de retorno ao trabalho, porque a tecnologia, cada vez mais utilizada nas indústrias, continuará a expulsá-los. O Brasil era uma Belíndia mas, agora, já apresenta um formidável contingente vivendo no Quarto Mundo, ou seja, aquela

discussão de boas intenções e de promessas falazes, mas falta a consciência cívica de querer resolver o problema das pessoas. As promessas surgem na exata proporção da luta pelo voto, caracterizando uma farsa cívica e anticristã.

Até 2007 o negócio é vender - O agronegócio brasileiro é muito importante, representa 40% do PIB e 27 milhões de brasileiros nele envolvidos. Segundo Turra, o presidente FHC traçou como meta exportar 100 bilhões de dólares até o ano 2002, passando o agronegócio de 18,8 para 45 bilhões do total. Ou seja, 45% da meta de exportações será do agronegócio. O Governo



população típica das periferias das grandes megalópoles, sem recursos e assistência. Melhor dizendo, sem dignidade – o que leva as pessoas à violência. Qual será a alternativa para o Brasil, um dia? É claro que será o agronegócio, mais cedo ou mais tarde – quando algum governante acordar...

Por outro lado, o progresso levou água, luz, energia, tudo para os centros urbanos e até para suas periferias mas, o setor rural, está em boa parte na escuridão, sem estradas adequadas, sem escolas suficientes, sem transportes, sem atendimento médico, sem quase nada. E são regiões potencialmente ricas. Ou seja, o Governo faz a sua parte de atendimento social – e mal! – nas cidades, mas no campo não faz quase nada! Assim, o homem-do-campo prefere fugir para a cidade, porque – afinal – a vida é uma só.

Nos governos que passam, sobram

também lançou um plano para 2000-2007, com investimentos de 165 bilhões de dólares para resolver o "Custo Brasil" que hoje inibe o crescimento e o progresso. Entre as medidas propostas está a internacionalização da BM&F, cujo plano já está no Banco Central.

O Brasil precisa e já está pensando em criar uma Agência de Desenvolvimento do Agronegócio. Produzir o país sabe. É fácil garantir que, de um ano para outro, se houvesse garantia de mercado, a produção seria duplicada. Mas é preciso abrir mercados. O Brasil sabe produzir, tem vocação, tem espaço, mas não sabe vender.

Outros países dão um grande exemplo; talvez não sejam tão hábeis ou capazes, nem tenham potencial como o do Brasil para produzir mas, uma coisa é certa, eles sabem vender muito bem. E o Brasil não sabe! Os exemplos estão dentro do próprio

Brasil: em algum lugar, os produtores lançam batatas ao rio e, em outros, faltam batatas. A televisão mostra produtores jogando milho ou leite no chão, diante do Banco do Brasil, e, em outros lugares, faltam milho e leite! Sobra feijão e o governo autoriza importações de feijão. Parece um samba do crioulo doido, uma terra de desperdícios.

A mula empaca na hora de vender - Comenta Ailton Barcelos Fernandes, do Ministério, que, depois de algumas palestras para um público investidor em soja dos EUA, vieram 164 aviões com produtores e empreendedores para conhecer a região dos Cerrados. Ficaram fascinados com a perspectiva de safras múltiplas. Dentre os visitantes, 160 quiseram investir no Brasil. Tinham dinheiro, capital, tecnologia, e queriam saber como se investe no país. Aí a mula empacou: não havia uma estrutura para montagem e apresentação de projetos para os investidores internacionais. Se alguém telefonar para a Fundación Chi-



le e disser que quer investir apenas 100 mil dólares no agribusiness, com taxa de 8% ao ano, logo receberá informações de uma lista de projetos disponíveis, nome de pessoas interessadas e locais para encontros. Os negócios fecham-se em 24 horas. No Brasil, não há projetos; não há uma estrutura de montagem de projetos para estimular o investidor estrangeiro. O Brasil não sabe vender... (!)

De outra feita, chegou o ex-ministro da Agricultura dos EUA, trazendo 14 bilhões de dólares no bolso, captado na região do Tennessee, de produtores de algodão. Esse dinheiro era para ser investido em algodão, em centenas de propriedades que garantissem um fluxo de produção para os EUA, mas voltou com a promessa de que o Brasil iria montar uma agência de

Exportações Brasileiras – Metas para 2002 (US\$ bilhões)						
Produtos	1997			2002		
	Mundo	Brasil	(%)	Mundo	Brasil	%
Produtos lácteos	28,41	-	-	32,81	1,51	4,0
Complexo fumo	26,60	1,66	6,2	30,39	2,74	9,0
Frutas	22,30	0,11	0,5	27,40	2,12	7,7
Complexo soja	22,32	5,69	25,5	28,80	8,28	28,8
Carne bovina	18,31	0,43	2,3	20,23	4,40	21,7
Carne suína	12,23	0,11	0,9	18,84	1,85	9,8
Açúcar	13,82	1,86	13,5	17,11	3,25	19,0
Milho	13,71	-	-	16,42	2,10	12,8
Carne de frango	8,80	0,87	9,9	15,12	1,88	12,4
Café	12,05	3,09	25,6	14,90	4,48	30,1
Algodão	11,73	0,24	2,0	10,75	0,53	4,9
Vinho	11,12	-	-	13,61	1,10	8,1
Cacau	10,23	0,18	1,8	11,80	0,96	8,1
Couro	8,10	0,68	8,4	10,62	1,84	17,3
Outros	261,07	3,92	1,5	251,80	7,86	3,1
TOTAL	480,80	18,84	3,9	520,60	44,90	8,6

Fonte: Minist. Agricultura

projetos... É claro que nunca saiu do papel... (!)

De outra feita, alguns comerciantes árabes estiveram na Bahia, querendo comprar cordeiros para uma festa de "ramadã", depois de ouvirem que o Brasil tinha um enorme rebanho de caprinos e ovinos. Só para iniciar um profícuo relacionamento comercial, iriam levar um milhão de cordeiros para a festa!! Resultado: o setor não tinha mais que 30 mil animais registrados. De fato, a criação de caprinos/ovinos é absolutamente dispersiva, a demanda interna está longe de ser atendida, os criadores filiados a entidades são uma minoria, etc. – embora o rebanho seja enorme! Se os árabes quisessem comprar apenas 20.000 animais, também teriam problemas para recolhê-los, em várias fazendas. O Brasil, portanto, não está organizado para atender os grandes negócios internacionais.

O Brasil precisa acelerar sua Agência de Desenvolvimento para impulsionar as exportações do agribusiness, de 19 para 45 bilhões de dólares em 4 anos (ver Quadro). Afinal, a China dobrou suas exportações em apenas cinco anos, de 1990 a 1995. Os Estados Unidos também. A Argentina idem. Então, crescer é possível. Basta plantar aquilo que o mercado quer comprar. Basta o Governo estimular ou, pelo menos, deixar que

os produtores plantem e colham em paz.

Os paradoxos são visíveis: o país tem 165 milhões de habitantes e 175 milhões de cabeças de bovinos. É correto dizer que há mais bois do que gente no Brasil mas o país é importador de leite e péssimo exportador de carne. Mesmo chegando à meta de US\$ 1,5 bilhão no ano 2002, em exportação de carne, o Brasil estará preenchendo apenas 4,6% do mercado mundial – muito pouco para quem tem o maior rebanho comercial do planeta. O que é a Aftosa? É falta de higiene, é falta de educação, é falta de competência... (!)

Existe algo bom no Brasil? Claro que sim. Por exemplo, o país explodirá em exportações de carne suína, pois os complexos produtores que já funcionam muito bem, vão se mudar. Eles irão ocupar a periferia do "cinturão" do milho e da soja, aos milhares, produzindo a carne mais barata do mundo. O "cinturão da soja" já está em efetivação e, logo mais, os frigoríficos estarão se dirigindo para lá, para ganhar competitividade. A indústria de beneficiamento de carnes deverá estar perto dos centros de produção. Foi o que Swift descobriu há mais de um século, nos EUA...

Apesar de ser um país gigantesco, o Brasil não é o maior do mundo. É o quinto em extensão territorial, mas é o maior em termos de extensão explorável. Não há geleiras, nem desertos, todas as terras podem ser plantadas. Um paraíso para fazer fortuna – se o Governo deixar. O Brasil, portanto, é o "país do futuro" e, graças a Deus, esse futuro está ficando bem mais perto!

(*) Francisco Turra, ex-ministro da Agricultura e Abastecimento.

GIR LEITEIRO, sim senhor !

... e com muita Raça

- Um dos rebanhos mais premiados e mais visitados do Brasil.
- Dentro da maior bacia leiteira do país.
 - Ordenha diária.
 - Controle leiteiro oficial.
- Teste de Progênie de Touro Leiteiros.



● Girolando

produzido na própria fazenda
com Certificado de Qualidade.

- Transferência de embriões
das melhores matrizes.

Venha nos visitar.



VENDEMOS: Vacas em lactação, Novilhas Prenhas,
e Tourinhos Gir, filhos de vacas de alta lactação.



Estância

São José

Km. 30 – Rodovia GO-060
Trindade – GO

ALBERTO PEREIRA NUNES FILHO

Em Goiânia – Goiás – Brasil

Av. Castelo Branco, 4.782 - S. Rodoviário
CEP: 74430-130

Fones: (62) 295-5005 / 295-4662

Fax: (62) 295-4216 / Cel: 9971-2161

www.girgirolando.com.br

E-mail: girgirolando@girgirolando.com.br

Contatos: Gilmar Cordelro - Fone: (62) 255-0520



Uma das bestas do apocalipse?

Globalização ou globalienação?



o mundo globalizado - A globalização conseguiu bons resultados políticos e econômicos nos países em desenvolvimento mas ne-

nhum dos países envolvidos conseguiu alcançar um bom índice de "felicidade" para as pessoas. A expressão "felicidade para as pessoas" é bem diferente do jargão comum "bem-estar social". Essa diferença foi percebida em uma reunião no Banco Mundial, segundo afirma Roberto Rodrigues (*), presidente da Associação Brasileira de Agribusiness.

Exemplo: em janeiro de 1999, o mundo tinha 1 bilhão de pessoas vivendo com menos de US\$ 1,00 por dia e, em dezembro de 1999, havia evoluído para 1,5 bilhão de pessoas nessa situação. Ou seja, houve um crescimento estupendo de 50% dos excluídos sociais em apenas um ano. A globalização, para essas pessoas, é uma "globalilusão", ou uma "global-exclusão".

A América do Sul é um barril de pólvora com o pavio aceso. A Venezuela, cujo novo presidente, Hugo Chaves, era guerrilheiro, percebe que muitos cidadãos honestos têm que roubar para poder alimentar os filhos. Foi o que falou no discurso de posse, alimentando a desilusão de 87% dos que o apoiaram. A Colômbia está dividida em 3 poderes: guerrilheiros que não cumprem qualquer acordo; páramilitares que defendem os empresários; e o "exército da droga". E o go-

verno, ora o governo! O Equador está metido numa enorme crise social. O Chile está dividido, deixando de ser aquele mar de tranquilidade tão divulgado. O Paraguai mata o vice-presidente na rua, por insatisfação popular. A Argentina perdeu mais de 30% de suas exportações por causa de uma crise cambial... acontecida no Brasil.



Cada vez mais excluídos no mundo...

A América Central não fica atrás: o México teve parte da economia destruída e o problema social, com Chiapas à frente, vai aumentando.

Na Índia, o governo caiu e quem assume é uma italiana, Raghiv Gandhi. A Indonésia está em crise e tem o conflito com o Timor Leste para piorar. A Malásia vai mal das pernas. O Japão está sofrendo fortes dores em sua economia. A China só está indo bem porque passou por poucas privatizações e o governo simplesmente entregou para a iniciativa privada a infra-estrutura que tinha, sem cobrar nada, por enquanto. Quando chegar a hora de cobrar, quem vai pagar?

Na Europa do Leste, a Iugoslávia

vai mal, tanto quanto Kosovo, tanto quanto a Rússia dominada por uma máfia, provocando incrível exclusão social. A Rússia, segundo dados do Banco Mundial, antes do ajuste econômico, tinha 15 milhões de pessoas vivendo com menos de US\$ 4,00 por dia; chegou ao final de 1999, com 60 milhões mergulhados nessa triste realidade. A República Tcheca, a Eslováquia, a Hungria estão cheias de problemas passando por um ajuste estrutural brutal. E a Europa Ocidental? Está em tal situação que a comissão inteira da União Européia teve que pedir demissão por corrupção.

Enfim, está provado que a liberalização comercial não foi útil a esses países e não houve tempo ainda para eles se adequarem à nova realidade. O mundo todo está com muitos problemas. É uma crise geral.

Globalização na raiz - A confusão é ditada pela globalização. Alguém pode dizer: "os Estados Unidos e o Canadá são uma maravilha, por conta da globalização". É verdade, mas até quando será possível que esses países se mantenham qual uma torre de excelência tendo, cara a cara, um mundo convulsionado? Na verdade, ninguém sabe o que vai acontecer com a globalização, porque - no momento - ela é uma global-ilusão, provocando uma absurda mas real global-alienação das pessoas.

Duas coisas são visíveis na globalização:

1) Existem 2 bilhões de desempregados ou subempregados no mundo por

globalização, segundo a OIT. Pode haver maior ameaça à democracia do que 2 bilhões de desempregados no mundo? Assim, a globalização é uma ferramenta que trabalha contra a democracia.

2) É evidente o crescimento do poder das grandes empresas sobre os governos de todos os países. E isso também é uma formidável ferramenta que trabalha contra a democracia. Quem pode duvidar que o poder político ou a demanda de um grande banco tenha a mesma receptividade que as reclamações do povo das favelas do Rio de Janeiro? É claro que o governo irá resolver o problema do banco, ou da indústria, mas jamais da favela... Isso tem um nome: corrupção!

Afirma Rodrigues que o mundo vive, assim, um processo de exclusão: uma global-exclusão, em nível dramático, senão brutal. Parte das pessoas perde o emprego enquanto outras perdem o horizonte de melhorar o emprego. A sociedade é tratada com "pão e circo", ou seja, alimentos baratos e a ditadura das comunicações. O "circo das comunicações" mostra garotinhas lindas, de biquini, tomando sol e uísque na praia de Ipanema, em novelas rocambolescas, sem fundo moralista, sem religiosidade, sem uma base ética - como se o dinheiro surgisse no fundo do quintal. As pessoas vão se alienando, buscando a maneira fácil de viver, tornando-se cada vez mais exclusivistas, individualistas e violentas. O que pensarão os excluídos interioranos dessas imagens levianas do mundo moderno? É claro que arrumarão as malas e tentarão descobrir onde fica Ipanema. Ao saírem de sua terra, serão apenas alguns excluídos a mais.

De fechado a arrombado - Em 1990, o Brasil era fechado em relação ao resto do mundo, com inflação de 84% ao mês. Havia políticas públicas razoáveis, intervindo em todos os setores da economia e também na agricultura, com o Preço Mínimo, o Crédito Rural, etc. Cinco anos depois, com o Plano Real já funcionando, o Brasil era um país praticamente arrombado comercialmente, sem inflação e sem capacidade de o Estado resolver problemas de política agrícola.

Essa transição repentina de um cenário para outro gerou para a agricultura brasileira uma onda bárbara de exclusão. Há, hoje, mais de dois milhões de desempregados na agricultura brasileira. Milhares de pequenos produtores perderam tudo o que tinham. E o Governo, levianamente, fala em Reforma Agrária - quando deveria falar sobre a renda na agricultura, a renda mínima para o pequeno produtor. Ao invés de incentivar a produção de trigo, o Governo contenta-se em importar o produto e entregar um pão barato para os eleitores. Pão e circo! Os produtores falam em produção e o Governo pensa em abastecimento. O Governo consegue velocidade, pois tem a máquina de arrecadação nas mãos, mas a produção do país vai ficando para trás, sem

ter onde buscar apoio tendo que enfrentar "El Niño" e "La Niña" e outras mazelas climáticas, quando não econômicas. O resultado a ser esperado é que o organismo inteiro da nação venha a se desequilibrar, tendo a agricultura à frente. Afirmando claramen-

A globalização exige uma geração preparada...



te: a agricultura está caindo e, ao cair, ela deverá levar o Governo de rodão. Isto porque o Brasil é uma nação que tem tudo para ser rica devido ao solo e nele sobrevivem 5 milhões de propriedades a duras penas.

Como é que o produtor brasileiro, pagando 35% de juros - ou será que é 52%? - pode competir com o agricultor norte-americano que paga apenas 5%? Como é possível competir com o agricultor da Argentina que paga US\$ 4,00 para embarcar uma tonelada de soja enquanto o brasileiro paga US\$ 14,00? O agricultor estrangeiro paga apenas 25% do total dos impostos brasileiros e, então, é fácil conquistar fatias do mercado mundial.

Ademais, nos países desenvolvidos, o dinheiro arrecadado em forma de impostos retorna, em grande parte, para a infra-estrutura da própria atividade. Bem ao contrário do que acontece no Brasil onde impostos são "inventados" para atender uma certa finalidade e desaparecem como por encanto para finalidades rasteiras,

muitas vezes! A política tributária, de fato, é por demais leviana para com o produtor brasileiro. Se o Governo levantasse os "rombos" que tem sofrido em sua leviana administração nos últimos 10 anos, daria para quitar a dívida externa e sobrar troco... Bom! - teria que se meter só com gente grande, o que não é tarefa fácil!

Os três nós górdios - Na realidade, o Brasil precisa, agora, de apenas três coisas, segundo Roberto Rodrigues:

1 - **Políticas públicas** - que dêem igualdade de condições para que a concorrência seja possível. Nada de privilégios. O que emperra a agropecuária brasileira são as políticas públicas de um Governo que não toma decisões. Tem um discurso até maravilhoso mas não decide nada! No final, as verbas ficam para as grandes indústrias, grandes corporações internacionais, grandes estatais, grandes conglomerados financeiros... mas jamais para a agropecuária.

2 - **Organização privada adequada** - para cada setor de atividade. Se não houver articulação política nas entidades de classe, o país não conseguirá chegar a lugar algum. É impressionante observar como as entidades de classe apóiam as medidas governamentais, simplesmente por medo de perder alguma pequena verba que, porventura, possam receber de algum órgão público. Têm medo de perder a migalha que as mantém vivas.

3 - **Negociações internacionais competentes** - enfrentando a maré de subsídios que os países ricos colocam em sua agricultura para viabilizar a permanência das pessoas no campo. Afinal, se o Brasil não é uma potência mundial agrícola é porque não quis. É preciso querer. É fácil fazer! O homem-do-campo saberá fazer seu trabalho, desde que o Governo lhe garanta um preço justo pelo seu suor. Esta devia ser a premissa para a retomada do desenvolvimento tão falado pelo Governo FHC. Sem pagar o preço justo pelo suor do homem-do-campo jamais o país terá produção à altura, pois nenhum ser humano aprecia trabalhar à toa!

Produzir para quê? - Ninguém pode esquecer que, nos últimos 20 anos, a área plantada no Brasil cres-

ceu apenas 1%, enquanto que a produção cresceu 40%. Houve, então, um grande investimento em tecnologia. E o governo fez o quê? Nada e a renda ainda caiu 38%, segundo dados da FGV. Ou seja, as pessoas fizeram sua parte, até com muita competência, mas o governo sepultou tudo, pois derrubou a renda. O Governo remou contra a maré que estava boa...

Sem um Programa de Renda Mínima para o pequeno produtor rural, quando chegar os fiscais ou o Banco do Brasil, ele arrumará as malas e irá morar nas favelas do Rio de Janeiro. Um notável desperdício de talento, de tradição, de vocação, de suor! Um gesto que promove a "indignidade social", ou seja o sentimento de injustiça generalizada. Sem dúvida, seria mais barato para o Governo garantir uma renda mínima ao produtor do que to-



mar sua terra, como punição por não ter pago algumas parcelas do minúsculo crédito rural assumido diante do "monstro voraz" financeiro.

Na verdade, o Brasil tem um Governo confiscatório, punidor, e pouco recompensador. Esse é um dos principais pontos que precisam ser encarados, com coragem. O Governo precisa olhar para seu eleitor e enxergar

nele uma pessoa digna, disposta a trabalhar, sonhando com programas que garantam mais prosperidade. Um cidadão não é apenas um caipira-eleitor, fácil de ser enganado ou aliciado. Ele é uma alma viva, é o mais poderoso componente da nacionalidade. A globalização e o neoliberalismo tentam liquidar essa alma viva e a célula-mater da sociedade construtiva, que é a família. Combater essa tendência não é fácil tarefa.

Um país como o Brasil deveria dar o exemplo para o mundo, inaugurando um período em que o processo desenvolvimentista fosse alicerçado, de fato, sobre o Homem e a família. Dessa maneira ele estaria mostrando que, com muitos pequenos paus, é possível construir uma grande canoa!

(*) Roberto Rodrigues, presidente da Assoc. Bras. de Agribusiness)

Atualidades

EUA x Brasil

A seca de 1999 levou, só ao setor de soja, nos Estados Unidos, um subsídio de mais de US\$ 8 bilhões, com a correta justificativa de que "não queremos que a agricultura se endivide e acumule problemas que terão de ser resolvidos no futuro com um custo muito maior". O montante do subsídio anual visível e invisível à agricultura norte-americana é certamente maior do que a valor da produção anual da agricultura brasileira. Enquanto isso, os economistas neocolonizados do Planalto, embebidos em ideologias neoliberais e cheios de covardia, recusam subsidiar a agropecuária brasileira (cit. Delfim Netto, in Folha de S. Paulo, 05/04/2000).

No orçamento de 2001, o governo americano está direcionando quase US\$ 90 bilhões ao incentivo à pesquisa e desenvolvimento. Não é à toa, portanto, que a produtividade da sua economia continua crescendo. Estes são exemplos que poderiam ser imitados pelo Brasil.

Você sabia...?

... que a palavra "vacina" vem de "vaca"? Exatamente, a vaca foi utilizada para inoculação do vírus da varíola e numerosas outras moléstias, na tentativa de descobrir um meio de cura. Quando descoberto, recebeu o nome de "vacina" que, em latim, significa, "oriundo da vaca".

Frase

- *Perfeitamente pode-se selecionar linhagens leiteiras sem aptidão para o corte, porém é improvável que se consiga selecionar linhagens para o corte que não tenham leite nem para suas crias.* (Hoffmeyer)

Ditado sertanejo

- Pedra que rola não cria limo.



GROSELIA (5/8)

Fazenda Serrinha

Criação de 1/2 sangue, 3/4 e 5/8.

Samir Faria Valle

Itarumã - GO

Fone: (62) 659-1137

ESTRELINHA (1/2 sangue)

Fazenda Congo

Itarumã - GO

Rubens Assis Freitas

Fone: (62) 659-1276

JOVANCA (5/8)

**Fazenda
Ribeirão de Maio**

Itarumã - GO

Criação de 3/4 e 5/8.

Hélcio Borges Barbosa

Fone: (62) 619-9298

GIR DA SAUDADE

O Girista é antes de tudo um poeta!

***Selecionamos
Gir há mais
de quatro
décadas.***



PLANALTO DA SAUDADE - 30 meses



SAUDADE DA SAUDADE - Matriz com 40 meses
(Crianças: Alberto Mota Filho e Jordão Mota)

***Gir da Saudade:
Mais Leite,
mais Raça.***

FAZENDA SAUDADE

Rio Verde - GO
Alberto Ferreira Motta
Fone: (62) 612-0037

***Continuando
a seleção
de Adão Motta***



RAMÃ DA SAUDADE - 15 meses

A carne: UM ALIMENTO ESTRATÉGICO



A população mundial aumenta 90 milhões de pessoas a cada ano e elas precisam ser alimentadas. Cada vez mais a imprensa mundial vai conclamando a união de esforços para dar dignidade ao ser humano. Cada vez mais a humanidade quer o encurtamento da distância entre ricos e pobres. As religiões proclamam que todos têm direito à alimentação, à saúde, à moradia, à segurança e à educação. A humanidade vai caminhando para aplicar mais os fundamentos da Ética, ou seja, para distribuir melhor as riquezas da terra.

O Homem, no entanto, não conseguiu até hoje produzir a quantidade necessária de alimentos para todos os povos e, por conta disso, a História registra milhares de guerras e uma galopante concentração de renda e poder político nas mãos de uma minoria. A Terra, por outro lado, não é um manancial inesgotável. Pelo contrário, enquanto a população mundial aumenta, o espaço da agricultura diminui - em escala surpreendente. Por que diminui? Geralmente, as terras antes exploradas são avidamente devoradas por desertos! O Homem, portanto, é um fazedor de desertos! A exploração intensiva do solo conduz ao deserto.

Os países ricos têm o poder e querem um atendimento cada vez mais

amplo para sua população e, a rigor, menosprezam o atendimento aos países mais pobres. Assim, os produtores de bens industriais e agropecuários são levados a produzir de acordo com as exigências da minoria de compradores ricos. Um absurdo ético, mas real! A maioria dos países pobres é estimulada para produzir para os países ricos, mesmo deixando sua própria população à míngua - exatamente como acontece com o Brasil.

Aproximadamente 1,5 bilhão de pessoas - um quarto da população do planeta - vive com menos de 1 único dólar por dia (Banco Mundial, BIRD). Em 1990, o número não passava de 1,3 bilhão. O grupo dos que se sustentam com até 2 dólares por dia reúne 3 bilhões de pessoas, ou a metade da população mundial. As crises econômicas, os períodos de recessão e a globalização são os grandes promotores da pobreza mundial. A pobreza aumentou na Indonésia, Tailândia, Coreia do Sul, Índia, Federação Russa, Ucrânia, Romênia, Oriente Médio e norte da África. A exceção é a China, onde os miseráveis diminuíram de 280 para 125 milhões, entre 1990 e 1997.

Devido à distribuição irregular das oportunidades econômicas no mundo, mais de 80 nações apresentam hoje renda per capita menor que há uma década. A América Latina é a região

com pior distribuição de renda. Em 1998, os 20% mais pobres detinham apenas 3% da riqueza produzida na região. O Brasil é o país que possui a maior concentração de renda no planeta: a renda per capita dos 20% mais pobres é 32 vezes menor que a dos 20% mais ricos (*Pnud/1999*).

Cerca de 790 milhões de pessoas passam fome no mundo - entre elas, 200 milhões de crianças - representando 13% da população mundial. Nem tudo é negro, pois a fome vem diminuindo a um ritmo de 8 milhões de pessoas por ano mas esta cifra é insuficiente para atingir o compromisso firmado por 186 países para reduzir a desnutrição mundial à metade até o ano 2015. A velocidade de queda deveria aumentar para 20 milhões ao ano!

A Ásia é o continente que tem mais subnutridos: 525 milhões. Só a Índia soma 204 milhões. A África Subsaariana tem 180 milhões. Na América Latina e no Caribe há cerca de 53 milhões.

Falar em produção de alimentos, portanto, é uma urgência. É uma obrigação para um país, como o Brasil que tem terras sobrando, clima favorável, produtores dispostos a trabalhar... Tem tudo, mas continua deixando em berço esplêndido!

Como resultado dessa corrida contra o tempo e contra a fome, cabe ao Homem desenvolver técnicas cada

vez mais sofisticadas de extrair cada vez mais alimentos de uma área cada vez menor. Essa orientação cabe também à pecuária: o bovino deve produzir cada vez mais carne ou leite ocupando a mesma área. Em outra linguagem: o produtor deve extrair uma tonelagem cada vez maior de carne ou leite por hectare, não importando o número de animais ali contidos. A meta final é entregar cada vez mais produtos para satisfazer a necessidade da população humana!

O caminho para garantir a felicidade mundial, está fincada no campo – e tão somente no campo – pois, segundo todas as religiões, ao Homem feliz basta a alimentação, a saúde, a moradia e a segurança. Todo o resto vem depois: educação, lazer, conforto, etc. Assim, a produção de alimentos é uma arma estratégica nas mãos das grandes potências.

A produção de alimentos, segundo a Ética, é uma responsabilidade e não apenas uma oportunidade de ganhos. Os países que não utilizarem seu potencial para produção de alimentos, tendo em vista o atendimento da humanidade, tendem a ver suas terras sendo adquiridas ou conquistadas por estrangeiros – para fazer o mesmo que poderia ser feito pelos autóctones. O Brasil é a região mais visada do mundo; os famintos estão de olhos voltados para esta grande nação. Ou os brasileiros passam a produzir, com competência, ou outros virão produzir...

Panorama mundial para o futuro

Os Estados Unidos produzem 24,0% do total mundial de alimentos industrializados; o Japão produz 14,9%; a Alemanha como a França produz 6,6%; o Reino Unido produz 4,8%; a Itália produz 3,9%; a Espanha produz 3,1%; o Brasil produz 2,8%.

O Brasil tem o maior rebanho comercial do mundo de bovinos (12,0%) com mais de 160 milhões de cabeças; seguido pelos EUA (7,4%) ou 98,5 milhões de cabeças; e pela China (7,2%) ou 95,3 milhões de cabeças. O Brasil é o terceiro maior produtor de suínos (3,2%), perdendo para a China (50,3%) e os EUA (6,4%) do total mundial de 960,8 milhões de cabeças. O Brasil é o terceiro maior produtor de frangos, com 6,9%; perdendo para a China (22,8%), e EUA (12,6%).

A produtividade brasileira, no entanto, é baixa e assim o país não figura entre os grandes exportadores

de alimentos. A França é o maior exportador de carnes bovinas (18,0%) totalizando 1,69 milhão de toneladas, seguida pela Austrália (15,9%) com 1,44 milhão; depois pelo Canadá (13,8%) com 1,30 milhão. Os grandes exportadores de suínos são o Canadá (23,8%), China (16,9%), Holanda (11,5%), Dinamarca (8,4%) e Malásia (7,6%). Os grandes exportadores de frangos são a Holanda (17,7%), Alemanha (11,2%), França (9,6%), Bélgica (9,2%) e EUA (8,1%).

A carne é um produto nobre e, como tal, deveria estar disponível na mesa da maior parte dos seres humanos, mas isso não acontece. Cada vez mais a riqueza mundial vai se concentrando nas mãos de poucos e estes, sendo facilmente atendidos, passam a exigir, cada vez mais, produtos sofisticados e alimentos produzidos com alta tecnologia. A maioria não-atendida não tem como fazer exigências e, então, os produtores de alimentos trabalham tendo em vista apenas o atendimento da minoria rica do planeta. A globalização veio incrementar ainda mais o desnível entre

ricos e pobres. Tiram-se duas constatações dessa situação:

1) cada vez mais o produtor de carne e de leite terá que otimizar sua exploração, adotando a mais alta tecnologia possível, para não ser excluído do mercado. Esta é uma visão positiva e otimista diante do futuro.

2) cada vez mais o mercado dos não-atendidos ficará maior e, um dia, depois da satisfação completa dos ricos, os produtores terão que atender a esse mercado de bilhões de pessoas, de uma forma ou outra.



Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), 87% das pessoas dos países ricos, rejeitam a carne que contenha resíduos hormonais, antibió-

ricos e pobres. Tiram-se duas constatações dessa situação:

1) cada vez mais o produtor de carne e de leite terá que otimizar sua exploração, adotando a mais alta tecnologia possível, para não ser excluído do mercado. Esta é uma visão positiva e otimista diante do futuro.

2) cada vez mais o mercado dos não-atendidos ficará maior e, um dia, depois da satisfação completa dos ricos, os produtores terão que atender a esse mercado de bilhões de pessoas, de uma forma ou outra.

Segundo a OMS (Organização Mundial da Saúde), 87% das pessoas dos países ricos, rejeitam a carne que contenha resíduos hormonais, antibió-

ricos e outros produtos químicos. Outras 74% preocupam-se com a carne gorda e os efeitos desta na saúde humana. Mais de 80% das pessoas da Europa condenam o uso de cereais transgênicos, tanto na alimentação humana como na alimentação dos animais, devido à falta de pesquisas sobre suas consequências quanto à saúde humana.

Nesse momento, esse imenso mercado de consumidores "naturistas" volta os olhos para o Brasil, onde o bovino permanece livremente nas pastagens, sem consumir rações, anabolizantes, aditivos, etc. – para produzir uma "carne verde" puríssima. Esse é o "boi verde", um produto genuinamente tropical, genuinamente brasileiro. Esse é um imenso patrimônio genético que o Brasil tem a oferecer para o mundo moderno. Assim, o futuro é risonho para a exploração do bovino tropical.

E, para melhorar, o Brasil é o único país do mundo que ainda conta com fronteiras a serem desbravadas para a agropecuária. Na verdade, o Brasil pode contar com praticamente

cais brasileiras, tanto quanto não houve estímulo para adaptar os princípios aprendidos em outras partes do mundo tropical. Somente a partir da década de 1980, as autoridades brasileiras começaram a perceber a necessidade de "tropicalizar" os conceitos da Zootecnia européia! Boa parte dos procedimentos de avaliação da moderna pecuária brasileira baseiam-se em teorias européias...

Enquanto o setor de carnes bovinas tateava na escuridão, o mercado global de carnes foi dominado pelo frango-de-granja, que ganhou um formidável espaço e ainda ganhará muito mais. Por que? Por ser uma carne branca e ter conotações de higiene. E também por ser alimentado com grãos que são produzidos nos países ricos! Além disso, religiões orientais determinam que os fiéis não consumam carne e que, não havendo escolha, prefiram primeiramente as carnes brancas e frias. Ademais, o sistema industrial de criação de frangos é confinado, em galpões higiênicos, os abates são facilitados – enfim tudo



cenário do comércio mundial de carnes? Não, pois chegará o tempo em que estagnar-se-á e, depois cairá. Por quê? Porque a energia gasta para produzir rações para frangos daria para alimentar 10 vezes mais pessoas. Esse é o grande problema do frango: é um monogástrico e engorda às custas de alimentos que também alimentam o ser humano. E pior! – gasta uma preciosa quantidade de energia para ser produzido e essa energia poderia auxiliar a humanidade de outras maneiras. Trata-se, portanto, de um desperdício de energia... num mundo cada vez mais sem energia. O frango, então, logo estará sendo apontado

como um alimento do topo da cadeia alimentar, ou seja, daqueles que podem gerar desperdícios no planeta e, como tal, será destinado a uma minoria milionária. A expansão do frango, portanto, não irá muito longe.

Constata-se que a humanidade vai sendo forçada a buscar alimentos que não estejam no topo da cadeia alimentar, cada vez mais. Então será a chan-

ce e a vez das carnes que se tornam disponíveis para o consumo humano sem a utilização de outros alimentos (grãos, etc) próprios dos humanos. A tendência mundial, portanto, será excluir paulatinamente as carnes produzidas por meio de milho, farelos, trigo, aditivos, anabolizantes, etc. preferindo-se as carnes produzidas apenas por meio do capim. Em que lugar o bovino é alimentado, exclusivamente, com capim? No mundo tropical, nos países de Terceiro Mundo. Principalmente no Brasil, onde podem caber até 400 milhões de cabeças.

Os bovinos especializados em produção de carne ou de leite, exibidos como o ponto-alto da zootecnia, principalmente na Europa, são nutridos com alimentos dos humanos, em regime de confinamento ou semiconfinamento e, no futuro, deverão sofrer um baque, como os frangos. Na verdade, os países ricos já começaram a estimular, lentamente, a produção de carne bovina no Brasil e outros países tropicais, justamente para obter um produto saudável, à base de capim. Logo mais, as grandes organizações produtoras de carne adquirirão enormes extensões de terra no Brasil e estarão multiplicando o rebanho! Esse tempo está mais próximo do que se pensa... *



agrada ao consumidor exigente. As grandes organizações terceirizaram a criação e o mundo ocidental viu, de repente, milhões e milhões de frangos saindo dos galpões, baixando os preços a patamares nunca imaginados. De fato, 1 kg de frango a US\$ 0,45-0,60 é tentador, enquanto que 1 kg de carne bovina permanece ao redor de US\$ 2,1-4,7.

O frango continuará dominando o

Você sabia...?

...que o *Bos primigenius*, segundo Cuvier, é o mais antigo dos bovinos e vivia aos milhares na Europa durante o período quaternário?

Era um gigante em relação aos bovinos atuais, atingindo até 2,5 m na cernelha e de 3-3,5 m de comprimento total do corpo. Seu nome: Aurochs, ou Uro.

PIRELLA

- Apregoar a criação de uma raça que possa viver coberta de parasitas numa inverno desprovida de pastos é, no mínimo, procurar a pedra filosofal (Fernand Ruffier, 1917).

Ditado sertanejo

- Tolo é o cão que enjeita o osso que lhe dão.

Você sabia...?

... que o setor agropecuário participa com 282 bilhões do PIB nacional? Enquanto isso, o setor de eletroeletrônicos participa com 14 bilhões; a metalurgia com 21 bilhões, a indústria automobilística com 26 bilhões, a química e petroquímica com 37 bilhões, o comércio com 71 bilhões.

O couro dá mais lucro ao Brasil que a carne

O couro brasileiro está gerando grandes fortunas em outros países, as quais poderiam e deveriam ser dos próprios brasileiros...

Lucro para o Brasil - Entre 1992 e 1999, o Brasil teve um superávit de 14,69 bilhões no setor coureiro. Trata-se, portanto, de um setor de grande importância para o país, pois garante um saldo líquido todos os anos. Já se prevê um superávit acima de US\$ 3,0 bilhões no ano de 2002 - segundo o Centro das Indústrias de Curtume do Brasil.

Tudo indica que o setor coureiro continuará faturando nesse nível, até que o país apresente condições estimulantes para sediar uma notável indústria calçadista, de competitividade mundial, para vender mais de US\$ 5 bilhões/ano. O Brasil tem o couro, tem os empresários, tem os bovinos, tem o ambiente propício para produção. O que falta? Falta o Governo enxergar tudo isso e garantir que os lucros fiquem com os próprios brasileiros.

O domínio como fornecedor

- O Brasil é um gigante na área do couro, com um rebanho bovino brasileiro que já passou de 161 milhões de cabeças, com uma taxa de abate ao redor de 19%, significando 32,0 milhões de animais abatidos todos os anos. O rebanho dos Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e Mato Grosso do Sul, soma 74,8 milhões de cabeças, quase a metade do rebanho brasileiro. O Conselho Nacional de Pecuária de Corte projetou um rebanho de 220 milhões de cabeças para o ano de 2010. Nenhum país tem essa riqueza. E melhor ainda: o rebanho brasileiro pode evoluir para algo como 400 milhões de cabeças, e a taxa de desfrute pode subir até

27%, abatendo cerca de 108 milhões de animais/ano!

O couro brasileiro é bom? Não, ainda não é, mas vem progredindo. Hoje, 15% dos couros são de primeira, 40% são de segunda, 30% são de terceira e 15% são de refugos. Como exemplo cita-se o Mato Grosso do Sul, detentor do maior rebanho de corte do país e que produz apenas 10% de



couro de primeira categoria. Por quê? Simplesmente porque o pecuarista nunca recebeu um valor adequado à qualidade do couro!

Os empresários estão se movimentando: para transformar o prejuízo em lucro, empresas como a Braspelco e o CICB - Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil estão desenvolvendo, desde 1996, o "Programa Brasileiro de Melhoria do Couro Cru", parceria entre curtumes e frigoríficos, que já conseguiu reduzir o percentual de couros furados, de 40% para apenas 5%. Logo esta ação estará pagando melhor o couro ao pecuarista e este irá melhorar o manejo animal.

Crescendo como vendedor mundial

- No cenário mundial, o Brasil vem ganhando espaço internacional nas negociações de couro, muito mais que no setor de carnes. Em 1999 exportou para quase 90 países, numa lista liderada pela Itália, responsável por 33,04% das compras do Exterior. As exportações de couro e derivados, são da ordem de US\$ 1,7-2,5 bilhões/ano. Para

o ano 2002 está previsto um saldo de US 2,0 bilhões, só em couro.

Nos últimos 5 anos, o Brasil entrou no mercado de couros para estofamento de móveis e automóveis. Já é o fornecedor mundial mais competitivo. 40% do couro brasileiro agora vai para a fabricação de móveis, setor que nunca havia comprado no país. O Brasil já abastece 30% da demanda de couro mundial para móveis de

classe média.

O parque nacional coureiro é grande, mas poderia ser muito mais forte. Cabe muita gente na atividade. No momento, são quase 500 empresas envolvidas no beneficiamento de couros para exportação, embora sobrevivendo ainda no estágio "Wet Blue", ou seja, da pele apenas curtida. Trata-se de um material de baixo valor agregado, que representou quase 75% do total das 15.578.099 peças que deixaram as fronteiras brasileiras em 1998. Agora, parte-se para o desafio de aumentar a participação dos tipos "Crust" (ou Semi-Elaborado) e o couro "Acabado" - já pronto para confecção. Estes dois tipos de couro

tiveram exportações de 1.698.066 e 1.586.021 peças, respectivamente, no mesmo período. O couro "Salgado", fase primária do couro, chegou a 713.102 unidades.

Afinal de quem é a festa? - É comum ouvir ou ler sobre carne e sobre leite, no Brasil, mas quase nunca a imprensa fala do couro. Por quê? Simplesmente porque o Brasil sempre foi um exportador de couro para ser beneficiado e enriquecer pessoas de outros países. Nada diferente do que acontece com centenas de outros produtos que são praticamente "proibidos" de serem beneficiados aqui mesmo. O Brasil é tratado como uma "colônia", inclusive pelos nossos governantes, mantendo o direito de produzir a matéria-prima mas não de beneficiá-la.

O Governo atual derrubou a chance de festejar o sucesso do setor, pois as exportações caíram e houve um enorme desemprego no setor e desativação de fábricas. Ele, o Governo está insistindo em tirar o couro dos brasileiros... A meta do empresariado é um superávit setorial mínimo de US\$ 6 bilhões e, para tanto, bastaria um sistema tributário racional, pois o atual é ineficiente e anti-Brasil.

Afinal, o que rende mais: a carne ou o couro? O saldo positivo da expor-

Quadro 2 - Evolução prevista do rebanho brasileiro			
Discriminação	Brasil, 1996	Brasil, 2010	Brasil futuro
Rebanho	160 milhões	220 milhões	400 milhões
Abate (milhões)	31,84 (19,90%)	48,0 (21,8%)	108,0 (27,0%)
Empregos diretos	7,0 milhões	10,0 milhões	16,0 milhões
Consumo de carne per capita	34,6 kg/ano	45,0 kg/ano	64,0 kg/ano
Estabelecimentos pecuários	1,8 milhões	1,8 milhões	-
Indústrias frigoríficas	750	750	-
Curtumes	560	560	-
Fábricas de calçados	4.150	4.150	-
Carne p/ exportação	450 mil ton/ano	1.200 mil ton/ano	4.500 mil ton/ano
Saldo exp/imp carne (US\$)	121,65 milhões	800,00 milhões	3,4 bilhões
Saldo exp/imp couro (US\$) (*)	1,94 bilhão	3,1 bilhões	12,0 bilhões

Fonte: CNPC/1999 - Fonte: Cacex/99, CNA/DETEC, Abiec-Assoc. Bras. Indústrias Exportadoras de Carnes Industrializadas/99 - Extrapolações: "Agropecuária Tropical"

(*) Considerando a política econômica depressiva do ano 2000. Caso essa política torne-se "pró-Brasil", então o saldo do setor couro/calçados poderá ser em maior.

é produto que agrega valor. O setor coureiro foi muito prejudicado pelo Plano Real e poderia ter rendido, adicionalmente, US\$ 2,5 bilhões/ano para o país, nesse período. Essa quantia foi jogada fora!

Mesmo assim, a imprensa fala muito em carne e quase nunca em couro, pois a carne é alimento de primeira ordem. Todos precisam de carne para sobreviver. Ninguém come couro de fazer sapato - por enquanto. Acontece que o couro agrega valor, ao se transformar em muitos produtos. Já a carne quase não agrega valor, ela

valor recebido pelos norte-americanos. Por quê? Simplesmente porque 5% dos couros norte-americanos apresentam os defeitos apresentados por 93% dos couros brasileiros.

Assim, o pecuarista brasileiro está perdendo muito dinheiro. Ou melhor, está deixando de ganhar. Basta fazer as contas. Em um único ano, o preço pago por 30 milhões de couros, a US\$ 27 por peça verde (ou US\$ 0,73 por quilo), totaliza US\$ 810 milhões - no Brasil. Já nos EUA, a mesma quantidade de peças, a US\$ 48 cada (ou US\$ 1,30 por quilo), totaliza US\$ 1.440 milhões. Ou seja, o Brasil perde, a cada ano, US\$ 630 milhões - bem mais que a média de exportação de carnes. O valor que o país deixa de lucrar com as vendas de couro supera a soma total das exportações de carne - que é festejada e badalada pela imprensa e pelos tecnocratas!

No setor do couro, o mais rentável da Cadeia Pecuária, acontece uma outra anomalia singular. É o que afirma José Roberto Scarabel, presidente do CIB-Centro das Indústrias de Curtumes - "Estamos nos tornando vítimas da exportação do couro Wet-Blue. Depois de transformado em sapato, esse tipo de couro retorna para o Brasil, concorrendo com larga vantagem competitiva. Está errado o calçadista quando quer a taxaço do Wet-Blue para provocar uma queda do preço do couro no mercado interno. Erra também o pecuarista quando não quer a taxaço do Wet-Blue, com medo de que a medida possa contribuir para a queda do preço do couro e até do próprio boi. Todos os elos da cadeia produtiva devem ser ouvidos para tomar uma decisão harmônica".



tação/importação no setor de carnes e laticínios foi de US\$ 736 milhões em 1996; de US\$ 875 milhões em 1997 e de US\$ 858 milhões em 1998. Já o setor de couros e calçados teve o saldo positivo de 1,9 bilhão em 1996; de US\$ 1,9 bilhão em 1997, de US\$ 1,7 bilhão em 1998 e US\$ 1,9 bilhão em 1999. O couro rende muito mais para o país e pode render ainda três vezes mais, no mínimo.

É claro que o melhor é exportar as duas coisas: carne e couro. O couro, no entanto, consegue muito mais dinheiro, como sempre conseguiu, pois

apenas é carne. Um couro, transformado em sapato pode valer mais de US\$ 300,00. Já um quilo de carne sempre custará o mesmo valor, algo como US\$ 1,80.

Brasil perde US\$ 6,3 bilhões em couro e muito mais em manufaturados - O couro pesa entre 8% do peso vivo do animal e, independente de sua qualidade, tem o valor comercial estimado entre 6 a 10% do valor do animal em pé. Durante a última década, o setor de curtume remunera o couro cru brasileiro por 50% do

"Oscaldistas deveriam ser os grandes compradores de couro" – continua Scarabel – "substituindo os megaespeculadores internacionais que contam com enorme volume do nosso couro para fazer jogo de mercado. Os pecuaristas deveriam estimular o processamento final do couro no Brasil para que o mesmo tenha mais força na exportação, garantindo preços bons e

estáveis. Nossa indústria calçadista pode ser sufocada, sem dúvida, pois estamos perdendo competitividade provocada pelo uso do nosso próprio couro, no Exterior. O mercado mundial não encontra facilidades para se abastecer em outros lugares. Ao mesmo tempo, ninguém vai conseguir tapar esse buraco com fornecimentos de outras partes do mundo. O Brasil está perdendo tempo e dinheiro, de graça. Se o Governo quer, realmente, incrementar as exportações, criar empregos e gerar rendas, não tem outro caminho a seguir, a não ser taxar o Wet-Blue, ou seja, dar marcha-a-ré no desastre que provocou!"

O couro sob massacre - O governo vem agredindo o setor coureiro com impostos progressivos que vai minando o esforço exportador do empresário brasileiro. O Governo tem alma confiscatória, só quer punir, confiscar, taxar, expropriar. A palavra "estimular" parece não existir... Eis um absurdo: para agravar a situação, o Governo inseriu na Medida Provisória 2.013-4, já transformada na Lei 9.959, de 27 janeiro 2000, a incidência de alíquota de 15% de Imposto de Renda na remessa de recursos para pagamento de estandes em feiras internacionais. Assim, fica mais caro promover o produto "made in Brazil", no exterior. Ou seja, o Governo provoca o aumento do "Custo Brasil", ao invés de baixá-lo! E derruba o couro brasileiro no exterior, justamente onde deveria promovê-lo. Um absurdo estratégico.

No momento, o Governo está mandando o dinheiro e o emprego dos bra-



sileiros para outros países – e pior! – enviando todo o potencial estratégico do setor para o espaço.

O Brasil tem sido líder na exportação de couros em estágios primários, nos últimos 10 anos, mas não é este o interesse principal. Se o empresário opta pela exportação é porque o sistema tributário brasileiro incentiva a exportação de matérias-primas e penaliza a exportação de manufaturados de alto valor agregado e várias etapas produtivas. Ou seja, é descaso puro. Até um pequeno país como a Nigéria suspendeu as exportações de couro Wet-Blue, para privilegiar a produção interna de manufaturados! O Brasil está fazendo o contrário e perdendo dinheiro e empregos.

Depois de 1993, o Brasil reduziu as exportações de calçados, ao invés de aumentar. Passou de US\$ 1,95 bilhão para apenas US\$ 1,3 bilhão. Na década de 1990, a exportação do couro "Wet-Blue" – que é o couro para beneficiamento

no exterior – saltou de 2,0 para 12 milhões de unidades! Um absurdo estratégico, o Brasil passou a exportar empregos...

O país subordinou-se aos ditames estrangeiros como se não tivesse cérebros para criar um desenvolvimento próprio, centrado em setores onde ocorrem vantagens competitivas naturais. No Brasil atual, no entanto, estas vantagens naturais estão sendo destruídas pela ação burocrática fiscal míope.

Tem prevalecido a visão tributarista/monetarista em detrimento de uma política de desenvolvimento que respeite também a visão estratégica de desenvolvimento do país. Foi esta aberração dos tecnocratas que privilegiou outros países, prejudicando o setor coureiro brasileiro...

A Itália não produz couro cru mas é a maior produtora mundial de produtos de couro, ocupando mais de 10 vezes o espaço do Brasil em feiras mundiais, exportando até quatro vezes mais que o Brasil. Na verdade, nos últimos seis anos inverteu-se a situação histórica nacional e os burocratas conseguiram destruir boa parte da operação dos curtumes e calçadistas. O país foi remetido de volta ao período colonial, em termos de couro. A Itália está deitada num berço esplêndido chamado "Brasil"! Agora a Ásia também está tomando uma fatia do potencial brasileiro.

Técnicos brasileiros em couro e calçados, estão promovendo o desenvolvimento na China, utilizando matéria-prima de origem brasileira. O Brasil tem a matéria-prima estratégica, de oferta inelástica, que é o cou-

- Na década de 90, a exportação de "Wet Blue" saltou de 2 para 12 milhões de couros, equivalentes a 300 milhões de pares de sapatos (que foram ser fabricados em outros países). Equivalem, também, a 300.000 empregos que deixaram de ser gerados no Brasil.

- Depois de 1993, o Brasil reduziu as exportações de calçados, de US\$ 2,0 bilhões para US\$ 1,3 – evidenciando prejuízo. Por conta dessa miopia do Governo brasileiro, o país logo estará comprando sapatos do exterior. Ao invés de vender ovos de ouro, o Brasil está vendendo a galinha...

ro cru, tem as fábricas, tem a cultura de produtores de couro e calçados, tem os técnicos, tem a tecnologia, tem a mão-de-obra especializada, vende para mais de 50 países, participa como expositor de todas as feiras mundiais e, então, por que está perdendo terreno? "Simplesmente porque a promoção de exportações é penalizada por tributos, enquanto os concorrentes são estimulados e subsidiados em 50% do custo promocional de feiras". É o que garante Arnaldo Frizzo, da Braspelco.

O custo de capital para os concorrentes fazerem estoques estratégicos da principal matéria-prima, o couro cru, é barato - 3 a 5% a.a. - e permite estocar nos momentos de máxima oferta e baixo preço, enquanto para os brasileiros custa 20, 30, 40% a.a. e, na maioria das vezes o capital não está disponível.

Quando o mercado reage, o produtor brasileiro só encontra a matéria-prima cara para trabalhar. Aí vem o Governo e diz que os produtores são anacrônicos, incompetentes, buscando proteção. Na verdade, os concorrentes internacionais utilizam um bólido de Fórmula-1, enquanto o Brasil vai de Ford-29.

Couro campeão de empregos -

A indústria calçadista pode gerar muito mais empregos e salários no Brasil, que a carne. Sabe-se que 1,0 milhão de pares de sapatos/ano corresponde a uma fábrica de 600 empregos diretos e outros 400 no curtume e empresas de componentes. Cada emprego gerado na cadeia do couro/calçados exige um investimento de apenas US\$ 1.000,00 para a reconstrução e modernização do parque industrial existente - muito baixo quando se observa que a indústria automobilística exige praticamente US\$ 1.0 milhão!

Assim, cada emprego gerado na indústria automobilística é suficiente para construção de uma fábrica de calçados para beneficiar 1,0 milhão de pares que geram, por sua vez, 1.000 empregos. Então, por que a indústria urbana ganha tanto destaque na imprensa?

A exportação de "Wet Blue" atingiu 12 milhões de couros, equivalentes a 300 milhões de pares de sapatos (que foram ser fabricados em outros países). Equivalem, também, a 300.000 empregos que deixaram de ser gerados no Brasil. Portanto, o desemprego muitas vezes é provocado pelo próprio Governo e não pelos empresários.

Uma coisa é certa: o país está jogando fora o couro e, com ele, as fábricas de calçados. Esta é uma realidade que precisa ser enfrentada rapidamente: o país tem um parque calçadista que vem sendo desativado e que seria capaz de transformar estes couros em calçados. Depois dos descabros dos últimos seis anos, o setor coureiro exige apenas investimentos da ordem de US\$ 300 milhões, gerando, inclusive, os citados 300.000 empregos. Se estas fábricas funcionassem, haveria um faturamento líquido de US\$ 4,5 bilhões que, em boa parte, iriam para a exportação, carreando divisas para o país, melhorando a balança comercial brasileira.

Couro em todo Brasil - Contrariando alguns analistas, pode-se dizer que o Brasil tem competitividade e tradição para beneficiar todo o couro que produz. O país apresenta farta mão-de-obra especializada e barata em certas regiões que poderiam abrigar a fabricação em alta escala de calçados de baixa ou média qualidade (ao re-

dor de US\$ 5,00 a US\$ 15,00 por par). O Brasil perdeu espaço, nessa área nos últimos tempos, pela queda na competitividade, provocada pelo próprio Governo. Ou sejam, foram penalizados os fabricantes de couros, calçados, seus trabalhadores e, também, o produtor de couro cru. É inacreditável!

Nos setores que compõem a cadeia, as indústrias frigoríficas estão localizadas numa região, os curtumes



estão em outras e o setor calçadista e moveleiro em outras. Gera uma confusão e acúmulos tributários. Surgem impostos em cascata inviabilizando as exportações. Então, sobra matéria-prima, seu preço deprecia-se e as indústrias capitalizadas ou com acesso a capital do exterior, localizadas em países organizados para importar e exportar, adquirem a baixo preço, montanhas de couro brasileiro em estágios primários, e ditam o preço do produto acabado.

Aos brasileiros resta uma matéria-prima cara e eles, os competidores estrangeiros, realizam o lucro sobre o estoque estratégico feito com o couro brasileiro. É assim que todos os brasileiros perdem, inclusive os trabalhadores, que ficam sem os empregos.

A solução está na Geopolítica. Provavelmente, o mais racional seria transferir as fábricas de primeiro estágio que se encontram nas regiões desenvolvidas, para as regiões mais pobres, onde a mão-de-obra é abundante e barata e se possível, conciliando com as regiões onde estão os rebanhos, os frigoríficos e os curtumes de Wet Blue, criando ainda, estímulos de baixo custo para a sociedade.

- O Brasil inverteu a situação histórica nacional e já conseguiu destruir boa parte dos curtumes, sustentáculo da indústria manufatureira. O país está sendo remetido de volta ao período colonial.

Já para fabricação de sapatos de melhor nível, com alto valor agregado, o Brasil está apenas engatinhando, pois não há um sistema organizado com objetivo de transição do primeiro estágio para o segundo. As fábricas desses sapatos de melhor nível deveriam permanecer nas regiões mais prósperas. O país tem condições de implantar um programa de transição visando atingir os mercados mais sofisticados do planeta, com as mesmas fábricas já existentes, ou até criando atratividade para a entrada de outras fábricas do Brasil e do exterior.

Em resumo: parece que o setor de couro é riquíssimo mas muito mal conhecido, principalmente pelas autoridades governamentais. A cadeia produtiva que vai do bezerro até o sapato ou manufaturados do couro é uma das mais ricas do país, potencialmente. E que, com certeza, é uma das menos exploradas. O país pode se transformar numa grande potência mundial ao deter o domínio do couro manufaturado. Transformar o couro em manufaturado, portanto, é questão de racionalidade econômica. O Governo

A preocupação é tanta que se utilizam cercas de arames lisos e as árvores dos pastos são encapadas com material sintético. Tudo para os animais não ferirem o couro! Além disso, os piquetes são formados em terrenos planos, para evitar o aparecimento de músculos e o enrugamento do couro, pois o que interessa é o couro! Abatem-se 160 mil cabeças/ano, sendo necessários quatro couros para cada veículo. Um show de competência e engenhosidade para obter um couro excelente!

Nem só de artigos finos sobrevive o beneficiamento do couro. Além das



cru, para compra, é de US\$ 20,00 por unidade. O couro "Wet Blue", ou seja, o couro no estágio inicial de fabricação, vale US\$ 40,00. O couro "Acabado" vale US\$ 80,00. O couro já beneficiado e transformado em sapato vale US\$ 350,00. Explicando: o valor de um par de sapato, de boa qualidade, é de US\$ 14,00 e um bom couro comporta até 25 pares de sapatos. Ou seja, um couro - depois de transformado em sapato - gera uma receita igual ou até superior à venda de um boi gordo ao frigorífico. De fato, um boi pesa, em média, 16 arrobas, e cada arroba vale entre US\$ 20,00 a US\$ 22,00. Um boi acaba valendo entre US\$ 300,00 a US\$ 350,00.

Vamos aproveitar este momento histórico e gerar riquezas para os brasileiros, naqueles setores que oferecem as maiores vantagens comparativas naturais.

Em setores como os do couro, calçado, manufaturados e móveis precisamos baixos investimentos, escassos no Brasil, com retornos incomparáveis. Basta vontade política.

Arnaldo José Frizzo Filho, pecuarista, curtidor e calçadista. Foi Presidente do CIOB - Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil, atual Vice Presidente Comércio Exterior, Gerente do Programa Especial de Exportações do Couro - CAMEX e Diretor Superintendente da Braspelco Indústria e Comércio Ltda, a maior exportadora de couros nos últimos cinco anos.



precisa acordar para essa realidade.

Competência na Europa - Desde a mais remota antiguidade, o couro é símbolo de nobreza. Numa de suas utilizações modernas, o couro bovino exibe estilo, sofisticação e beleza nos luxuosos carros "Jaguar". Não era fácil escolher um material adequado para os estofamentos e os ingleses trataram de obter couro de alta qualidade para seus carros.

Desde a inauguração da fábrica, em 1948, a empresa mantém, na Suécia, uma fazenda de criação de gado.

camadas para a fabricação dos produtos mais conhecidos, como chapéus, sapatos, casacos, etc. o que sobra é a raspa, um tecido altamente protéico incorporado na formulação de gelatinas, cervejas, iogurtes, balas, cosméticos, cremes, cápsulas de gel, chicletes e brinquedos comestíveis para cães. Antes dessa etapa, porém, já foi extraído o sebo, que serve de componente para a fabricação de produtos de limpeza e de higiene.

O couro depois do beneficiamento - O valor médio de um couro



AGROPECUÁRIA TROPICAL

**Coragem, força, decisão,
a palavra séria
do homem-do-campo.**

**Faça sua assinatura
Apenas R\$ 30,00.
Só falta você.**

É MUITO SIMPLES

3 OPÇÕES

**para você assinar a revista
AGROPECUÁRIA TROPICAL**

Periodicidade: bimestral - Período: 1 ano (6 edições)

1) - Cartão de Crédito VISA

Número do cartão: _____

Validade: ____/____

CPF: _____

Assinatura: _____

(Igual a do cartão)

2) - Assinatura por telefone:

Você liga para a Editora, faz o cadastro e recebe uma senha para Depósito Bancário. Pronto! Sua assinatura já está feita.
Tel.: (34) 312-9788 - (34) 312-9080

3) - Depósito em Conta Corrente:

1 - Deposite R\$ 30,00 no Bradesco - Conta: 52593-6

- Agência: 0264-0- Em nome da Editora Agropecuária Tropical Ltda

Ou no Banco do Brasil - Conta: 6.259-6 - Agência: 015-9

2 - Envie uma cópia do Comprovante de Pagamento p/ Editora

3 - Preencha, então, os dados do cupom, com letra firme.

4 - Envie o Cupom para a Editora, pelo Correio ou pelo FAX.

Nome: _____

Endereço: _____

Apt. sala, andar: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

Estado: _____

CEP: _____

Telefone: _____

Não deixe de fazer sua assinatura.

**Se for CUPOM, envie-o pelo FAX: (34) 312-9080
Ou pelo Correio:**

**Editora Agropecuária Tropical Ltda
Caixa Postal: 606 - CEP: 38001-970
- Uberaba, MG**

Pra quem é rural de verdade!

Novo Portal Rural Business

A Rural Business que no seu quinto ano continua sendo o seu site de Informações Rurais na Internet, agora virou um mega Portal e o melhor, totalmente gratuito!

O novo Portal Rural Business está muito mais completo. Serviços diferenciados, muito mais notícias em tempo real, cotações regionalizadas, clima, entrevistas, revistas virtuais, leilões, recolocação profissional, shopping além de todas as informações necessárias para você, empresário de agribusiness, se manter constantemente informado e ter ferramentas confiáveis para realizar ótimos negócios.

Afinal, em seu quinto ano de Internet, a Rural Business é o Portal de maior experiência e audiência no meio rural brasileiro.

Aproveite... Ele foi todo desenvolvido pensando em você e no seu negócio!



www.ruralbusiness.com.br



Rural Shopping

Compre diretamente, sem ter que sair de seu escritório ou fazenda. Através da Rural Shopping você efetua orçamentos a custo zero e em poucos minutos, recebendo todos os produtos escolhidos no endereço por você estabelecido. É só clicar e comprar!



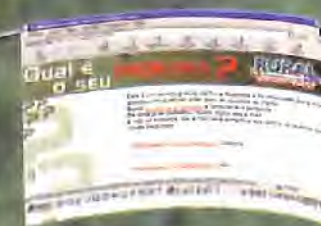
Rural Work

Aproveite a audiência da Rural Business e disponibilize seu currículo para as maiores empresas brasileiras. Você estará participando de um dos únicos sites no mundo direcionado especificamente para o agribusiness. Aqui, certamente, você encontrará um ótimo emprego!



Qual o seu Problema?

Este é mais um serviço da Rural Business, idealizado para tirar dúvidas, em qualquer nível, para os usuários do Portal. Basta preencher o cadastro e formular sua pergunta. Em no máximo 48 horas estará recebendo, de nossa equipe técnica, toda orientação necessária para solucionar o seu problema.

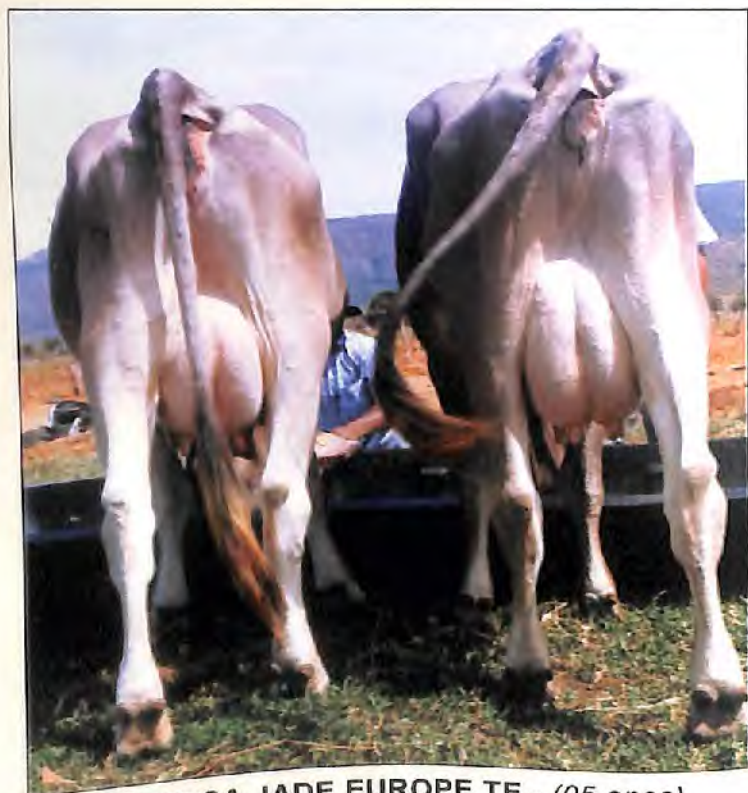
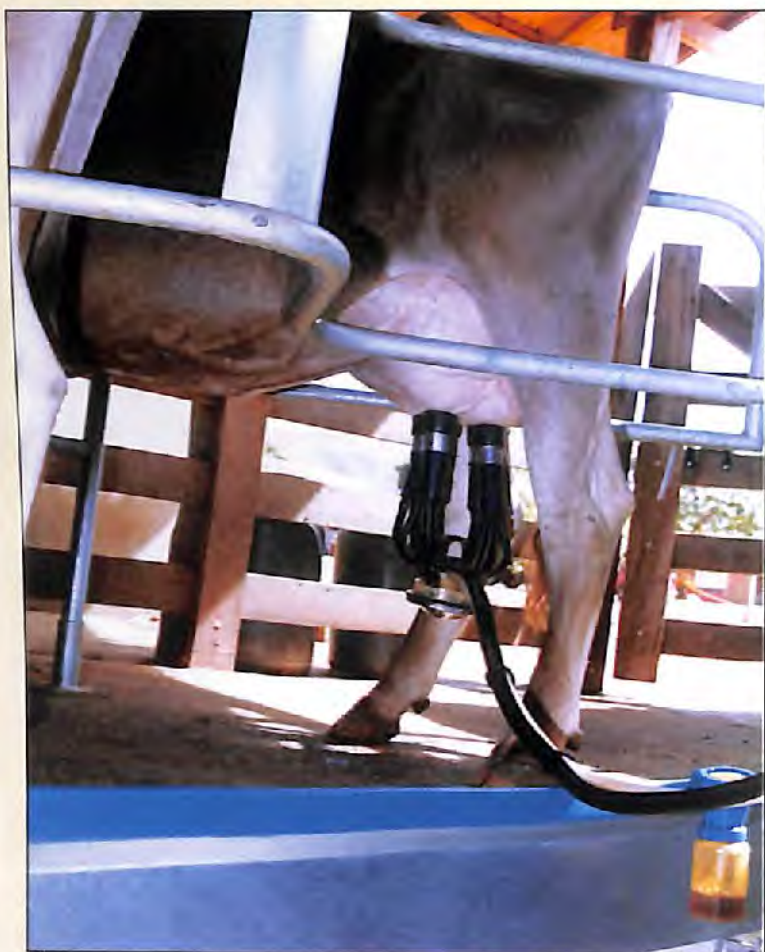


Rural Leilões

Anuncie o seu evento para um público altamente segmentado ou simplesmente saiba tudo que está acontecendo no mercado de leilões do País.



UM PLANTEL DE QUALIDADE



CARIOCA JADE EUROPE TE - (05 anos)
Vaca altamente produtiva, com média de 32 Kg/dia.
Excelente persistência leiteira.

A Fazenda Santa Rita, localizada no município de Arino-MG, no Noroeste mineiro, com área de 206 ha, distante aproximadamente 250 Km de Brasília, tem um dos mais premiados plantéis Pardo-Suíço do entorno da Capital Federal. Seu proprietário, Duílio Braga, ostenta com orgulho os prêmios já conquistados em curto espaço de tempo – três anos, incluindo os de melhor expositor da 55ª Exposição Agropecuária do Estado de Goiás, realizada em Maio/2000, e Segundo colocado na Exposição Nacional Agropecuária do Centenário, realizada em Brasília, no período de 02 e 07 de Maio de 2000.

O criador entende que a evolução da pecuária trouxe a interferência do homem ao processo de seleção genética. Diferentes condições ambientais e mercadológicas determinaram diferentes processos de seleção. O criador considera ainda, que o Pardo-Suíço apresenta duas linhagens básicas: uma leiteira (Pardo Suíço Leite) e uma frigorífica (Pardo Suíço Corte). O termo "Raça Alternativa" também se refere ao fato do Pardo-Suíço ser um animal que originalmente apresenta um rendimento extraordinário, tanto para carne quanto para leite. Em resumo, as múltiplas qualidades da raça são tão antigas que a linhagem de corte preserva a qualidade de produzir leite e a linhagem de leite mantém a sua rusticidade e robustez. Esse leque de conformações permite ao criador optar pelo tipo que melhor atenda às condições de mercado e exploração de sua propriedade.

Segundo Duílio Braga, sua decisão de criar a raça Pardo-Suíça foi baseada em informações obtidas junto de criadores tradicionais, revistas especializadas e leituras sobre a raça, além dos seguintes fatores: 1) Carne com maior área de lombo, menos gordura externa, maior marmorização.



LIMEIRA JADE DENGOSA - (05 anos)
Trata-se de vaca de muita qualidade e excelente persistência a lactação, com média de 27 kg/dia.
Vaca muito premiada e com muita expressão.

E PRODUTIVIDADE EFICIENTES

maciez e sabor ; 2) cascos, focinho, olho e pele com ótima pigmentação, o que lhe confere extraordinária resistência ao calor e à insolação comum na criação a campo; 3) é a segunda melhor raça produtora de leite; 4) é a campeã de ganho de peso; 5) possui longo período de vida produtiva e de lactação; 6) transmite aos descendentes estas características e por isso é a melhor opção para o cruzamento industrial e para melhoramento leiteiro.

O rebanho leiteiro da Fazenda Santa Rita mantém a média de 18,3 kg/cab/dia, em regime de semi confinamento. O plantel de novilhas e vacas são selecionadas e inseminadas com cinco dos melhores touros dos Estados Unidos (Jetway, Emory, Starbuck, Collection e Denmark), após criterioso acasalamento.

Duílio Braga prepara a sua fazenda para a coleta de embriões, tendo em vista dar o salto definitivo na qualidade do seu rebanho. O criador ressalta a qualidade e a produtividade do Pardo-Suíço no cruzamento industrial. A raça obtém ótimos resultados nos cruzamentos diretos com o Nelore, Girolando, Indubrasil, Gir e Guzerá. Ao contrário de outras raças leiteiras, o mercado para os machos é amplo, devido à sua performance nos cruzamentos. Este fator faz a diferença, melhorando significativamente a liquidez da atividade.

FAZENDA SANTA RITA

Duílio César Braga

Fone: (61) 9977-1338



CARIOCA SENSATION GAIVOTA - (03 anos)

Trata-se de uma vaca jovem premiada, sendo campeã e Res. Campeã nas Exposições de Brasília e Goiânia por duas vezes.



CARIOCA EMORY GUINEVERE - (03 anos)

Trata-se de vaca jovem de excelente produção leiteira, com média de 21 kg/dia.



CARIOCA JADE EUROPA TE - (05 anos)

CARIOCA FATITA EMORY - (04 anos)

LIMEIRA JADE DENGOSA - (05 anos)

CARINA EMORY

GUINEVERE - (03 anos)

Trata-se de vacas com alta produção leiteira, com média de 24,8 kg/cab/dia. Plantel premiado em exposições de Brasília e Goiás.

Fora dos trilhos - O Brasil participa com menos de 1% do comércio mundial, caracterizando-se como nação não-exportadora, embora seja a oitava economia do mundo ocidental. Comenta Nelson Mamede (*) que "o Brasil não olha a exportação como um negócio. Nunca fez corretamente o dever-de-casa sobre a função do antigo Gatt - Acordo Geral sobre Tarifas e Comércio, porque o Gatt foi claramente formatado para beneficiar um grupo de países, logica-

"Por que as exportações de produtos agropecuários brasileiros são tão baixas? O que fazer para modificar esse quadro? Nos discursos do Governo apontava-se claramente para a liberação do comércio mundial, mas todas as atitudes eram bastante contrárias e até hoje permanecem contrárias a essa liberação!"

citar um exemplo, a Hungria hoje está muito mais empenhada em fazer parte da União Européia do que, evidentemente, ficar contra uma posição européia numa negociação mais ampla. Na realidade, o Brasil atual ainda está muito longe de ser um país totalmente organizado como são, hoje, os países desenvolvidos.

Aspectos sanitários - Num primeiro momento surgiram as barreiras tarifárias. Elas eram compensatórias à não-competitividade dos países desenvolvidos. Essas barreiras nada mais eram do que uma forma de tornar mais baratos os produtos regionais. Essa é uma medida protecionista.

Produzir é fácil...



...exportar, como?

mente os mais desenvolvidos". E o Brasil ficou de fora!

Esses países tiveram dentro do Gatt dois tipos de atuação:

a) a *atuação política* - Leva em conta que, ao terminar a guerra fria, o foco foi deslocado para a guerra comercial. Os países que já tinham no Gatt o seu desenho, apenas transferiram-no com a mesma formatação, incluindo novas exigências, para a OMC - Organização Mundial do Comércio. Tanto assim que o Brasil continuou a ter os mesmos problemas que existiam no Gatt, os quais ficaram claros no final da Rodada Uruguai. E só então houve a percepção de que, do Gatt para a OMC, o país precisaria começar tudo novamente porque simplesmente não aconteceram as necessárias mudanças.

Nos discursos apontava-se claramente para a liberação do comércio mundial, mas todas as atitudes eram absolutamente contrárias e até hoje são contrárias a essa liberação. E o Brasil fez aberturas unilaterais, sem negociação, mostrando exatamente como nunca prestou atenção em como é feita no dia-a-dia a relação entre países.

b) a *atuação puramente administrativa* - O Brasil não consegue fazer seus pleitos de maneira correta, tem

uma defesa deficiente e perde muitas demandas por decurso de prazo. Tanto política quanto administrativamente, a atuação tem sido amadorística.

O país está precisando estabelecer uma estratégia coletiva muito bem definida e, neste momento, não está preparado para isso. Faltam muitas definições internas dos objetivos como país, do que realmente tem como pontos fortes e como pontos fracos e saber negociá-los em bloco. O Brasil não se conhece, ou seja, ainda não assumiu seu próprio chão!

Depois, há a questão dos parceiros do Terceiro Mundo. O Brasil participa do Grupo de Cairn, que foi formado por países que estariam dentro da mesma sintonia de problemas e que se defenderiam em bloco em relação às nações mais desenvolvidas. Acontece que vários participantes do Grupo de Cairns já não têm as mesmas proposições que tinham no momento de sua formação. Apenas para

ta muito grave e muito desleal. Como há uma evolução constante e os países desenvolvidos fazem dessas armas negociais um exercício diário - que o Brasil ainda não aprendeu a fazer - eles passaram para uma segunda etapa desse protecionismo, que são as barreiras tarifárias e sanitárias. À medida em que se perde a capacidade de negociar as tarifas, compensa-se com as barreiras sanitárias, sempre favorecendo os países ricos - é claro!

Acontece que surgiram problemas sanitários nos próprios países desenvolvidos, como é o caso da doença da vaca louca. Ora, se as barreiras tarifárias estavam sob fogo cerrado e as sanitárias também apresentaram problemas, os países ricos tinham que criar novas barreiras, posto que o desenho mundial do negócio é essentiar impedir que os países pobres vendam seus produtos. Os países pobres têm que ser forçados a serem

apenas produtores e consumidores – nunca vendedores! Não é à toa que a Alemanha é o maior vendedor de café do mundo!

Começaram a surgir as sanções ambientais, sanções religiosas, sanções trabalhistas, de direitos humanos – enfim, todas as barreiras possíveis e imagináveis, as quais continuarão a ser levantadas sistematicamente como parte das negociações.

Esse é um exercício diário nos países ricos. As exigências são cada vez mais subjetivas, em que o país exportador fica com o ônus da comprovação, o que exige tempo. Tempo suficiente para que o produtor local do país desenvolvido atue sem concorrência no mercado mundial. Como quebrar essa rotina? Primeiro, conhecendo o próprio chão e, depois, arregando as mangas...

A ironia do protecionismo – Nos últimos anos o Brasil começou a melhorar seu desempenho mundial, mas o produtor brasileiro ainda está distante do que seria o ideal. Ele produz para depois vender. É precioso que

ele conheça as reais necessidades do seu consumidor e, depois, produzir de acordo com a demanda. O Brasil, portanto, ainda está longe de ter a cultura do exportador, do homem que se dedica ao seu consumidor, detectando as suas reais necessidades.

Um exemplo é a cachaça que é oferecida em litros quando todos os produtos concorrentes são apresentados em garra de 700 ml. Recentemente foi exportado para a Inglaterra um tipo de carne que é aceito no país. É a carne de frango semiprocessada, quando na legislação inglesa é especificado que só pode ser in natura ou processada. É claro que a carne não foi aceita e ficou retida na aduana...!!

Os países desenvolvidos são menos competitivos que os países de Terceiro Mundo em termos de agropecuária. Afinal, a técnica e a tecnologia, aplicadas à produção de alimentos, ficaram disponíveis para todos os países do mundo e, então, o fator impeditivo de competitividade, hoje – ironicamente – são as coisas mais simples, como a qualidade da terra, da água, do clima, etc. É exata-

mente aquilo que não está disponível em qualquer lugar do mundo e está ficando cada vez menos disponível à medida que a terra vem sendo maltratada como um ser vivo.

O esgotamento dessas riquezas está chegando ao Primeiro Mundo e as consequências vão surgindo, como é o caso da doença da vaca louca. O Brasil, felizmente, está qualificado para ser um dos principais produtores de alimentos por causa da extensão e qualidade de suas terras, quantidade de água, clima favorável, ausência de problemas climáticos como furacões, terremotos, etc. Todo esse conjunto credencia o Brasil a ter as melhores vantagens comparativas em relação a outros países. É o país da esperança, pois é fácil afirmar que, um dia, será o celeiro do mundo.

O problema do Brasil é um só: questão de vontade política para estimular a produção daquilo o mercado quer comprar. ★

(*) *Texto básico: Nelson Mamede, ex-presid. da Assoc. Bras. Agribusiness*

Atualidades

Leucena barateia custo no campo

Em sequência ao Programa de Plantio Direto para a pequena propriedade realizado no município de Inhumas (GO), a Universidade Federal de Goiás e a Monsanto do Brasil entregaram sementes de leucena aos membros da Associação dos Produtores de Alho de Serra Abaixo. A leucena é uma leguminosa com capacidade de fixar nitrogênio, retirando o ar e incorporando-o ao solo em quantidades que chegam a até 400 kg/ha. O nitrogênio é um nutriente essencial, sendo um componente usual nos fertilizantes químicos com que se adubam as culturas agrícolas. A entrega das sementes teve por objetivo promover o cultivo intercalado de milho ou feijão com a leucena. ★

Você sabia...?

... que o rebanho bovino do Mato Grosso, em 1985, era de 6,5 milhões de cabeças e que, em 1999, chegou a 17,0 milhões? É o que mais cresce no Brasil.

Dobrando a lotação animal

Garante Moacir Corsi, da Esalq/USP, que o manejo adequado das pastagens pode duplicar a produção de carne bovina no Brasil, sem que haja a necessidade de investimentos. Com 30 anos de experiência no assunto, Corsi destaca que o aumento da produção depende da adoção do pastejo rotacionado. "O pecuarista pode praticar esse sistema sem incorporar qualquer tipo de nutrientes ao solo por até 4 anos. Depois disso, ele terá duas opções: adubar ou reduzir a lotação animal", enfatiza. E lembra que o produtor precisa conceder descanso ao capim, de tempos em tempos. ★

Você sabia...?

...que a pele de frango pode virar biquini? Pesquisadores da U.F.Viçosa estão tingindo a pele curtida de frango com corantes naturais que se torna, então, atraente para fazer biquinis ou complementos de vestuário, de muita delicadeza e fácil de ser dobrada. Será um concorrente do couro ou do tecido.

Ácido Bórico Granular
Ácido Bórico Pó
Borax Decahidratado
Borax Pentahidratado
Solubor
Boroglas (Ulexita Anidra)
Granubor
Ulexita Natural



SUA MELHOR OPÇÃO EM BORATOS
DISTRIBUIDOR DA
MARCA 20 MULAS

**BRASILBOR COMÉRCIO
E REPRESENTAÇÕES
LTDA**

Rua Américo Brasiliense, nº 1.490 -
5º andar - Conj. 57/58
- CEP: 04715-002 - São Paulo - SP

Fax/Fone: (11) 5181-7219
(11) 5182-9824

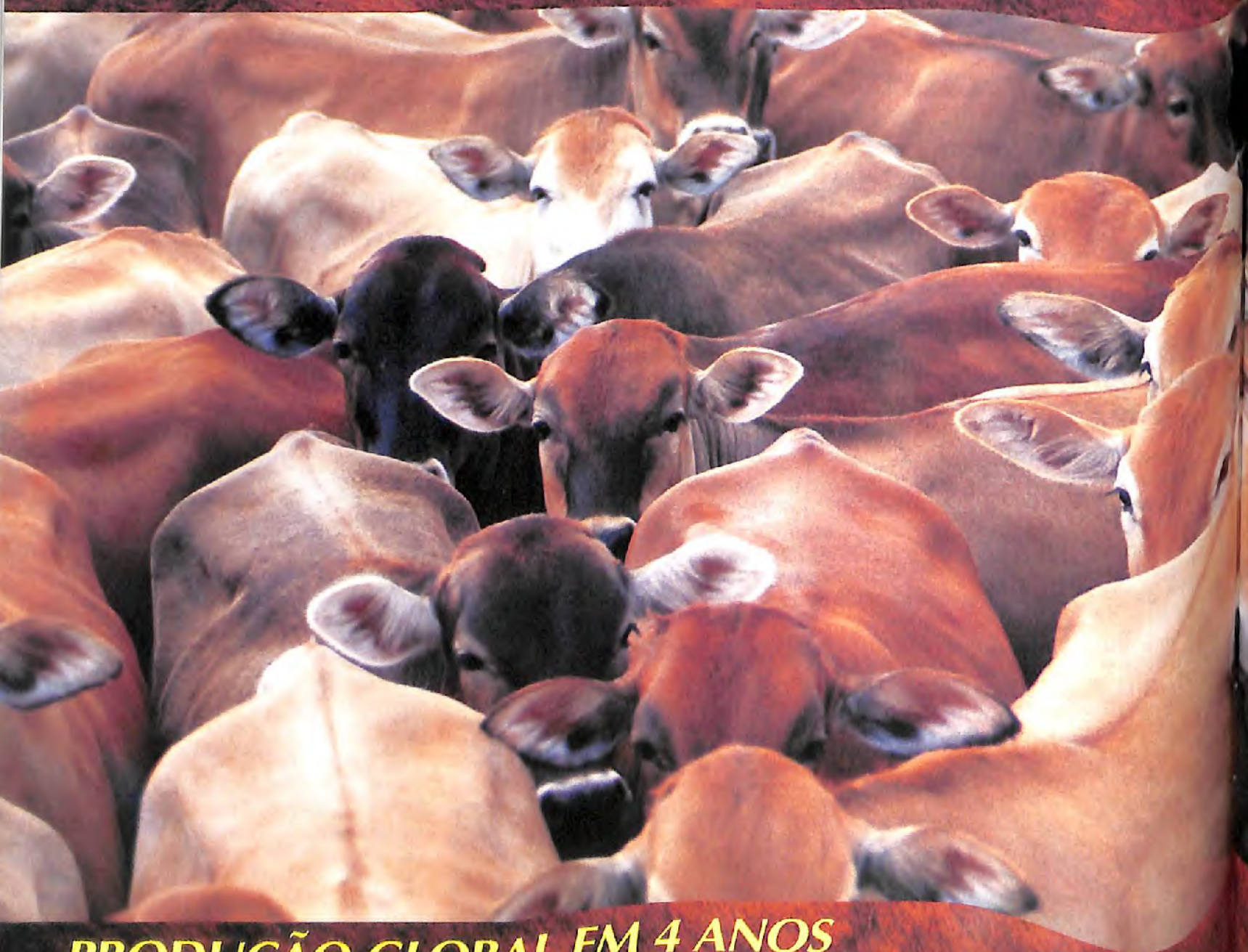
Frases

- O melhor governo é o que menos governa. O melhor governo, na verdade, é o que não governa de modo algum.
(Henry Thoreau)

$$\begin{array}{r}
 500 \\
 + 250 \\
 + 500 \\
 \hline
 1250
 \end{array}
 +
 \begin{array}{r}
 180 \\
 + 400 \\
 \hline
 580
 \end{array}
 =
 \begin{array}{r}
 1.250 \\
 - 580 \\
 \hline
 \neq 670
 \end{array}$$

1 Fêmea 1/2 sangue
Limousin X Zebu
aos 4 anos

1 Fêmea Comum



PRODUÇÃO GLOBAL EM 4 ANOS
1000 FÊMEAS F1 1/2 SANGUE LIMOUSIN X ZEBU.

PRODUZEM 6700

1 boi gordo de sua 1ª cria 24 m = 500 kg
bezerro desmamado de reposição 2ª cria 36m = 250 kg
1 abate da própria matriz = 500 kg
1250 kg
bezerro desmamado de sua 1ª cria (4 anos) = 180 kg
1 abate da própria matriz = 400 kg
580 kg
≠ 670 kg

670kg por animal
ou X 1000 animais
670.000 kg



000 KG MAIS.



Limousin
é mais carne nobre

CACHORRO AGORA É INIMIGO NA FAZENDA

Só existe um caminho: eliminar todas as vacas e seus descendentes diagnosticados como positivos ao "mal do cachorro".

Pensava-se que apenas a brucelose provocava abortos. Agora, pesquisas realizadas na Universidade da Bahia, com 450 vacas holandesas ou mestiças, de 14 propriedades, mostraram que 14% apresentaram abortos devido ao protozoário *Neospora caninum*.

A doença chama-se neosporose e é uma novidade no mundo, tendo sido detectada, pela primeira vez, em 1984, na Noruega mas foi classificada e isolada em 1988, nos Estados Unidos.

A neosporose é o motivo mais comum de abortos bovinos na Califórnia (EUA, Ontário (Canadá), Reino Unido, Holanda e Nova Zelândia).

O protozoário é transmitido pelos cães mantidos na propriedade. A neosporose, além de vacas leiteiras, atinge também caprinos, ovinos e equinos. Se o feto sobrevive, os bezerros podem nascer fracos, com problemas neurológicos ou como portadores do parasita.

Na América do Sul, a neosporose está presente no Uruguai e na Argentina e, talvez, em outros países. Acredita-se que 15% do rebanho brasileiro esteja infectado, pois é grande a permanência de cachorros nas fazendas leiteiras. Outros cientistas acreditam que a doença seja muito mais difundida no Brasil do que se pensa! As suspeitas começaram em 1995 e foram confirmadas em 1998, pela Universidade da Bahia.

Transmissão – Na primeira fase, o cão elimina fezes que levam consigo ovos de *Neospora caninum*. Eles permanecem alguns dias no ambiente e, quando ingeridos por uma vaca, vão se desenvolver no organismo bovino. É a transmissão horizontal. Os próprios cães se infectam, ao comerem carne de cadáver ou fetos já contaminados. A vaca terá o protozoário durante sua vida inteira mas nem todas as infecções resultam em aborto.

A propagação vertical é a mais perigosa: o microorganismo é transmitido para o feto em cada prenhez. As bezerras nascem, crescem, e continuam carregando a neosporose, transmitindo-as para suas descendentes. Só existe um caminho: eliminar todas as vacas e seus descendentes diagnosticados como positivos.

O aborto acontece entre 3 a 5 meses de gestação. Concordam os pesquisadores que a neosporose deve



ser analisada somente depois de verificada outras possibilidades de aborto.

No momento não existe tratamento conhecido para curar a neosporose, e nenhuma vacina está sendo pesquisada. Até o reconhecimento do microorganismo nas análises também ainda oferece alguma dificuldade mas uma cepa isolada em outubro de 1999 já permite testes confiáveis.

É um grande risco a ingestão de alimentos com fezes de cães infectados. E, no Brasil, os cães perambulam livremente pelas pastagens onde estão as vacas e, além disso, é notoriamente difícil controlar cães numa fazenda. Já nas fazendas onde o gado é mantido confinado, as fezes podem estar misturadas com as rações. É difícil controlar os alimentos que são adquiridos em outras propriedades. Resta, então, ao fazendeiro, limpar diariamente os cochos e currais.

Exames – Fazer exame sorológico dos bovinos pode evitar a entrada de infectados na fazenda. Uma coisa, entanto, é certa: é desnecessário analisar o sangue dos cachorros da propriedade, pois ainda não há certeza sobre a possibilidade de esses cães mais serem imunes à neosporose mesmo se apresentarem anticorpos. Os pesquisadores estão seguindo uma metodologia mais conhecida já utilizada com outro microorganismo: *Toxoplasma gondii* – cujo hospedeiro é o gato, que tem ação muito semelhante.

Os 10 mandamentos do Cuidado com o cão

1 – Evitar que os cachorros de quem sobre o alimento. Usar locais fechados para armazenar. Cobrir os restos com plástico. Construir cercas ao redor das pilhas de alimento.

2 – Evitar, dentro do possível, que os cães tenham acesso ao pasto.

3 – Procurar controlar os cães na propriedade, conhecendo seus itinerários.

4 – Eliminar rapidamente os fetos abortados, placentas e animais mortos, para evitar que sejam comidos por cães.

5 – Não acuse os cães, inicialmente. Havendo ocorrência de abortos, verificar as outras doenças abortivas (brucelose, campilobacteriose, BVD, IBR) e, somente depois, a neosporose.

6 – Não acuse os cães, indevidamente. Os abortos também podem acontecer por deficiências no manejo nutricional e reprodutivo. Até a comida também provoca abortos.

7 – Identificar as vacas positivas por meio de exame sorológico. Evitar manter na fazenda bezerras filhas de vacas positivas.

8 – Havendo descarte de vacas velhas ou pouco produtivas, dar prioridade às que são soropositivas e têm histórico de abortamento.

9 – Na transferência de embriões, usar receptoras comprovadamente negativas nos testes sorológicos.

10 – Lembre-se: o cachorro é um amigo do homem. Faça o possível para que ele continue sendo, mantendo-o longe dos locais de alimentação do gado.

PARDO-SUIÇO

CORTE

Um produto
**AGROPECUARIA
TROPICAL**



- Genética acima de tudo no Ano 2000
- Os touros do Sumário 2000
- As principais linhagens do PSC no Brasil
- Comprovado nos campos do Brasil Tropical
- Pardo-Suíço Corte: cada vez melhor
- Está provado: o Braunvieh é mesmo excelente.



**Uma raça para dar lucros,
de verdade!**



Cada vez melhor

Expansão calculada - De ano a ano, o Pardo-Suíço Corte vai se consolidando no Brasil, devido principalmente aos animais de alta genética que vão se espalhando pelos diferentes Estados. O Pardo-Suíço Corte não tem pressa, porque é um gado consolidado e aprovado tanto em trabalhos científicos como nos trabalhos de campo em muitos países. É um trabalho recente e não há animais disponíveis para abrir, de repente, milhares de novos rebanhos.

O Pardo-Suíço Corte consegue unir rusticidade, precocidade, fertilidade e eficiente conversão alimentar e aí está sua grande diferença e vantagem em comparação com outras raças.

O Braunvieh é a raça européia de maior adaptabilidade no Brasil, haja vista que está presente, sem interrupção, desde o início do século. Nenhuma outra apresenta tanta história. E o Pardo-Suíço está presente no semi-árido nordestino desde a década de 1930, com sucesso, produzindo novilhos de corte e leiteiros.

Atualmente, o Pardo-Suíço Corte está sendo comprovado, maciçamente, na região Centro-Oeste, onde as elevadas temperaturas têm reduzido a participação de muitas raças européias nos trabalhos em regime de campo.

Nada de modismos - O rebanho

mundial de Braunvieh é pequeno, menos de 70.000 exemplares puros-sangues. O sucesso está nos produtos cruzados e nos resultados verificados nos testes de desempenho.

Os brasileiros são cautelosos. Nada de pretender um "modismo" a



mais na pecuária tropicalista. O Pardo-Suíço não é uma solução imediatista para os pecuaristas em geral. Nem é um "redentor" para os baixos níveis do desfrute brasileiro. "O Pardo-Suíço Corte vai se consolidar no Brasil, da mesma maneira que se consolidou o Brown-Swiss, ou Schwyz, ou ainda Pardo-Suíço tradicional, mas apenas por meio da demonstração de seus resultados, na prática" - garante Kenneth Martin Coelho, do Núcleo Brasileiro de Criadores de Pardo-Suíço Corte e diretor da Associação Brasileira de Criadores de Pardo-Suíço.

História - Tudo começou no início da década de 1980, com a redescoberta das linhagens mais tradicionais do Pardo-Suíço, na Suíça. O Schwyz para leite já estava definido e constituía um sucesso mundial, mas a raça mantinha linhagens tradicionalmente selecionadas para "força, musculosidade e tenacidade" para os trabalhos no campo e as fíceis jornadas nas montanhas alpinas. Havia um desperdício que poderia ressurgir com a imagem do Pardo-Suíço tipo corte. É claro que a Associação Mundial rejeitou

proposta de inaugurar linhagens exclusivamente para corte mas, diante dos resultados que foram surgindo em diversos países, acabou admitindo o ressurgimento do Schwyz Original e do Braunvieh.

No Brasil - Apesar do pequeno tamanho do rebanho brasileiro, aqui está um dos melhores bancos genéticos do Braunvieh em todo o mundo com animais, sêmen e embriões vindos da Suíça, México, Canadá e Estados Unidos. Somente em 1998, foram importados 103 animais e 5.000 doses de sêmen do México!

Associação Brasileira dos Criadores de Gado Pardo-Suíço

Av. Francisco Matarazzo, 455 - Casa do Fazendeiro - Sala 27 - Água Branca - CEP: 05001-900 - São Paulo - SP

Núcleo Brasileiro de Criadores de Pardo-Suíço Corte

R. 15 de Novembro, 532, centro - CEP: 79002-140 - Campo Grande - MS - Fone: (67) 721-5166
- FAX: (67) 721-3028 - E-mail: hcfilhos@zaz.com.br

Diretoria

Presidente: Hélio Martins Coelho.

Vice-Presidente: Paulo Vieira Branco.

1º Secretário: Henrique J. K. Ramos

2º Secretário: Maria Cristina Salvati

1º Tesoureiro: Kenneth Martin Coelho

2º Tesoureiro: Paulo Adolfo de Carvalho Borges

Conselho Fiscal:

Titulares: José Vieira Branco, José Lopez Fernandes Netto, Renato Alves Ribeiro.

Suplentes: Donizete Fernandes, Paulo A. Leal Narciso, Adelar Balestrin.

Diretores Estaduais: José Lopez Fernandes Netto (São Paulo), Marcos Szerman (Rio de Janeiro), Túlio Rogério de Jesus (Santa Catarina), João Domingos Tonin (Rio Grande do Sul), Eliseu Augusto Sicoli (Paraná), Antônio Balbino de Carvalho Neto (Bahia), Genésio Lima dos Reis (Goiás), Henrique Prado Castro (Mato Grosso).

Consultoria dos textos desta edição:

Kenneth Martins Coelho.

PARDO-SUIÇO CORTE PO BRAUNVIEH

FAZENDA REMANSO - HÉLIO COELHO & FILHOS

- Genética Nacional PO
- Genética Importada - México e Suíça
- Transferência de Embriões desde 1989
- Touros utilizados: El Sucessor, Pride of Erle, Vernon, Baer, Chinook, Terrence, Felix Bouncer, Neru, Pasgall, Gold, Fabian, Sampson, Sambo 737, Beefmaker, Arthur, Grover, Esquire, Trace Negri
- Melhoramento Genético com uso das DEP's - USP Pirassununga



• PREMIAÇÕES:	Nacional	96/97/98/99	Melhor Expositor
		96/97/99	Melhor Criador
	Campo Grande	97/98/99/2000	Melhor Criador e Expositor
	Itapetininga	98	Melhor Criador
	Londrina	97	Melhor Expositor
	Expocorte	99	Melhor Criador

• Venda permanente de matrizes e reprodutores.

• Genética Mexicana e Suíça disponível.

HELIO COELHO & FILHOS

Rua XV de Novembro, 532 - Centro - CEP 79002-140 - Campo Grande/MS
Fone (67) 721-5166 - Fax (67) 721-3028 • E-Mail: hcfilhos@zaz.com.br



Genética acima de tudo no Ano 2000

Raça com DEP - A DEP – Diferença Esperada na Progenie é o ponto inicial de um bom Programa de Melhoramento Genético. Sem conhecer o desempenho da progênie não se pode acreditar nos touros em uso. A pecuária sempre foi uma "loteria", em que o fazendeiro ora apostava num touro, ora noutro, ora numa raça, ora noutra. Agora, chegou a Ciência Zootécnica, com os Testes de Progenie entregando as DEPs para o mercado.

O objetivo do uso das DEPs é identificar os animais geneticamente superiores. É válida não somente para touros, mas, principalmente, para animais jovens, reprodutores e matrizes. O uso das DEPs, de maneira adequada, aumenta muito o ganho genético a cada ano.

"Nenhum país de pecuária avançada compra qualquer touro sem conhecer sua DEP, antes. Ninguém mais compra animais por causa do pedigree" - garante Argeu Carlos de Lima Silveira.

DEP Ano 2000 - Acabou sair o 1º Sumário de Touros da Raça Pardo-Suíço Corte, no Brasil, lançado pelo Programa de Melhoramento Genético da Raça Pardo-Suíço Corte, sob coordenação do GMA - Grupo de Melhoramento Animal da USP (Pirassununga/SP). No comando estão o Dr. José Bento Sterman Ferraz e o Dr. Joanir Pereira Eler.

Garante Argeu Carlos Lima Silveira, Superintendente Técnico do Núcleo Brasileiro de Criadores de Pardo-Suíço Corte que "num futuro próximo todos os animais deverão ser comercializados a partir de uma avaliação genética".

O Brasil e os Estados Unidos são os dois primeiros países a adotarem a mais avançada tecnologia existente no mundo chamada de "modelo animal".

Programa "Congado" - O Programa de Melhoramento utiliza, também, um "software" que oferece ao produtor certos dados como: pesagens, número de crias, inseminações, desempenho de inseminadores, custos, pesos corrigidos para a idade, etc. Tudo isso, além de fazer automaticamente as comunicações para a Associação Brasileira. Este programa recebe o nome de "Congado" e vem ganhando

Hoje, é sabido que os cruzamentos de linhagens maternas, ou seja, das vacadas-criadeiras que vão permanecer no campo, precisam de certas dosagens de consanguinidade para garantir a transmissibilidade de certas virtudes. Já os cruzamentos maternos, ou seja, destinados ao abate ou puramente à produção leiteira, vem ser obtidos com o máximo de heterose possível. É nesse último caso que se diz que "a melhor consanguinidade é aquela igual a zero".



adeptos, todos os meses.

Consanguinidade zero - O Programa de Melhoramento permite uma excepcional vantagem para o usuário, ou seja, permite realizar acasalamentos em que a consanguinidade será praticamente zero, levando em conta até 8 gerações. Durante dezenas de anos, a consanguinidade tem sido o "bicho-papão" de muitos pecuaristas. De fato, desde o início da década de 1950, os técnicos passaram a pregar os malefícios da alta consanguinidade e milhares de pecuaristas tentam, de todas as maneiras, evitar qualquer possibilidade de cruzamentos consanguíneos.

A Ciência, no entanto, garante que a consanguinidade é apenas uma ferramenta que pode ser, ou muito útil, ou muito desastrosa - dependendo da maneira como é utilizada. Por vias da dúvida - não tendo interesse em perfeccionismo racial - o pecuarista moderno tem preferido fugir da consanguinidade, preservando o lucro.

Programa Touro Jovem - O Programa de Melhoramento Genético do Pardo-Suíço Corte permite identificar, também, touros jovens com alto desempenho. Quais serão esses notáveis animais jovens? Apenas 1% - isso mesmo! - apenas 1% dos animais brasileiros serão considerados "top", ou seja, do "Elite". Eles serão

inspecionados, com rigor, para que sejam os padreadores e continuadores da expansão da raça no país.

Depois de aprovados nos testes iniciais, entrarão para a coleta de sêmen, o qual será destinado ao Teste de Progenie de formação de produtos puros-sangues superiores e também produtos cruzados com Nelore. A avaliação científica dos produtos puros e dos cruzados é que permite determinar quais os touros jovens apresentam maior segurança na transmissão de características de interesse para a raça.

O Programa já está no 2º ano, tendo sido inseminadas mais de 3.000 matrizes Nelore - mas já vem recebendo diversas adesões e, para o 3º ano, o número de matrizes será muito maior, aumentando a segurança de avaliação final.

Quanto mais testes, mais progresso. Quanto mais Ciência, mais segurança no campo! ★

QUALIDADE E GARANTIA DE RETORNO

O AVANÇO EM TERMOS DE SELEÇÃO, AS CONQUISTAS E VITÓRIAS NAS PISTAS, REFLETEM O GRAU DE ACERTO DESSES INVESTIMENTOS SOMADOS À NOSSA FILOSOFIA DE TRABALHO, AO USO DE MATERIAL GENÉTICO DE PRIMEIRA QUALIDADE, MEDIÇÕES COM BASE CIENTÍFICA E À UTILIZAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE PONTA NA REPRODUÇÃO.

É ESTE CONCEITO DE CRIAR QUE CADA PRODUTO MEIRA FERNANDES LEVA NO SANGUE.

Os resultados...

EXPO-ARAÇATUBA/2000

Juiz: Dr. Luiz Copetti (Brasil)

MELHOR CRIADOR E MELHOR EXPOSITOR

Grande Campeonato (macho e fêmea)

Reservado Grande Campeonato (fêmea)

EXPO NACIONAL - LONDRINA/2000

Juízes: Marcio Pamplona (Brasil)

José Bráulio de Oliveira Gomes (Brasil)

Paulo Benez (Brasil)

MELHOR CRIADOR E MELHOR EXPOSITOR

Reservado Grande Campeonato (fêmea)

FEICORTE/2000 - SÃO PAULO-SP

Juiz: Juan Moreno (EUA)

MELHOR CRIADOR E MELHOR EXPOSITOR

Grande Campeonato (macho e fêmea)

Reservado Grande Campeonato (fêmea)

EXPOVEL/1999 - CASCAVEL-PR

Juiz: Jocival de Sá (Brasil)

MELHOR CRIADOR E MELHOR EXPOSITOR

Grande Campeonato e Reservado (fêmea)

Reservado Grande Campeonato (macho)

EXPOCORTE/1999 - SÃO PAULO-SP

Juiz: Juan Moreno (EUA)

MELHOR EXPOSITOR E 2º MELHOR CRIADOR

Grande Campeonato e Reservado (fêmea)

EXPO NACIONAL - CAMPO GRANDE/1999

Juízes: Paulo Benez (Brasil)

Ignácio Sanchez Toledo (México)

Ernani Borges (Brasil)

2º MELHOR CRIADOR E 2º MELHOR EXPOSITOR

EXPOCORTE/1997 - SÃO PAULO-SP

Juiz: Jean Luc de Brene (Suíça)

Grande Campeonato (fêmea)

Os investimentos...

IMPORTAÇÕES EM 1997

26 novilhas, 230 embriões do Canadá e 2.500 doses de sêmen da Suíça

IMPORTAÇÕES EM 1998

60 embriões do Canadá, 03 touros, 26 novilhas do México e 1500 doses de sêmen da Suíça

IMPORTAÇÕES EM 1999

01 touro, 01 novilha, 150 embriões do Canadá, 15 novilhas do México e 2500 doses de sêmen, 01 vaca da Suíça

IMPORTAÇÕES EM 2000

300 embriões do Canadá e 29 novilhas do México



H5 Comunicação

MEIRA FERNANDES

**A MOEDA FORTE DO BRAUNVIEH
PARDO-SUÍÇO CORTE**

Buri-SP: Tel. / Fax (15) 546.1185

diretoria@meirafernandes.com.br

agropecuaria@meirafernandes.com.br



Braunvieh

(Pardo-Suíço Corte)



Ouro & Prata



Grande Campeã, Expo Estadual - 1999
Campeão Touro Jovem, Feicorte - 1999
Grande Campeão, Feicorte - 1999
Campeão Touro Adulto, Feicorte - 2000
Res. Campeã Novilha Menor, Feicorte - 2000
Campeã Vaca Parida, Feicorte - 2000
Res. Grande Campeã, Feicorte - 2000
Campeão Júnior, Feicorte - 2000
Campeão Bezerro, Feicorte - 2000
Res. Campeã Bezerra, Feicorte - 2000



Peso, Precocidade e Carcaça

O programa de criação e seleção da Fazenda Aliança tem como objetivo o melhoramento e produção de animais de elite que apresentam acima de tudo: precocidade, ganho de peso e qualidade de carcaça. Investindo em tecnologia e buscando sempre a melhor genética da raça.

Nossas matrizes apresentam grande índice de fertilidade, habilidade materna, peso e excelente carcaça, qualidades que alicerçam a base do plantel.

Nosso programa de acasalamento, visando animais específicos, concluindo a raça que tem em si a dupla aptidão, tendência para carne, com ganho médio de peso, 1.200, 1.300 kg/dia, e rusticidade, formando um animal hoje, considerado perfeito para a pecuária tropical, é auxilia-



da Aliança



do por um programa sério de transferência de embriões, no qual é permitido a multiplicação da qualidade do nosso rebanho.

Nossas matrizes apresentam: Grande habilidade materna, peso e excelente carcaça, qualidades que alicerçam a base do plantel. A transferência de embriões é bastante utilizada, permitindo a multiplicação da qualidade de nosso rebanho.



Fotos: José Maria Mattos

FAZENDA
ALIANÇA

Estrada São João da Boa Vista – Águas da Prata, km 2
Fone: (19) 633-4441 – Fax: (19) 633-1436
E-mail: f-alianca@rantac.com.br
Contato: **Antônio L. Soares**

FAZENDA
ALIANÇA



Os touros do Sumário 2000

Para que serve um Sumário de Touros? - Serve para identificar os animais geneticamente superiores. Os pecuaristas podem procurar no Sumário aqueles animais adequados às necessidades de cada região ou situação. As informações contidas num Sumário de Touros são, sem dúvida, a melhor ferramenta de seleção disponível para os criadores produzirem mudanças genéticas na direção desejada.

Um Sumário não pretende definir quais são os animais "bons" ou "ruins" mas, pelo contrário, pretende auxiliar nas decisões dos produtores, com ba-

se nas informações a respeito do material genético disponível para eles. O melhor animal para determinado criador irá depender do mercado, das condições ambientais, do manejo, do objetivo empresarial, e do real nível genético do seu rebanho. Assim, o animal escolhido por um criador poderá ser o primeiro a ser rejeitado por outro. Ambos, no entanto, estarão tirando proveito da existência do Sumário.

O Sumário do Pardo-Suíço Corte - As análises foram realizadas pela equipe do GMA-Grupo de Melhora-

mento Animal da Faculdade de Zootecnia e Engenharia de Alimentos da USP de Pirassununga (SP), coordenada pelos geneticistas José Bento Stermann Ferraz e Joanir Pereira Eler. A metodologia utilizada foi a mesma que vem sendo empregada nos Estados Unidos, Austrália e Nova Zelândia, neste ano 2000.

No primeiro Sumário do Pardo-Suíço Corte foram incluídos 2.450 animais na matriz de parentesco, dos quais 1.350 tinham registros de produção. Diante do rebanho brasileiro da raça, este é um bom começo, devendo se multiplicar nos próximos anos.

Escolhendo pelo Sumário - Para tomar uma decisão, os criadores poderão seguir os passos:

1 - **Fertilidade** - As características mais importantes na pecuária de corte estão - sem dúvida nenhuma - ligadas à Fertilidade. Um rebanho fértil garante um baixo custo de produção. Assim, é fundamental escolher

DEP Peso ao Nascer (kg)

Nome	Peso ao Nascer
IA MR. SAMBO 737	- 1.64
JK FABIAN ET	- 1.52
PJ CONDOR EXPOENTE	- 1.41
IA FABIAN 3260-0967	- 1.26
FIELDSTONE ESQUIRE	- 1.25
CHAPARRAL SUCESSOR 242 BS	- 1.20
MANDI	- 0.82
PJ EXPOENTE RUTHERFORD	- 0.62
REMANSO A GRALL BAER TE	- 0.46
SWISS WAY YANKEE - B5583	- 0.41

DEP Peso à Desmama (kg)

Nome	Peso à Desmama
REMANSO A FLOR. T. NEGRI TE	10.92
SWISS WAY CHINOOK 2	10.19
PJ TRACE NEGRI	7.55
STARLINE JASON FLE 23Y	7.12
NORTH STAR VERNON	4.79
IA KASSIN 20775-57	4.79
IA BAER	4.61
REMANSO A EPICO BAER TE	3.61
IA STARLINE IMPERIAL FLE 9X	3.59
CONCORDE	3.45

DEP Peso aos 12 meses (kg)

Nome	Peso aos 12 meses
PJ TRACE NEGRI	21.37
SWISS WAY CHINOOK 2	10.14
IA GLB SAMPSON 629 ET	9.80
CONCORDE	4.52
IA KASSIN 20775-57	3.76
MARANATHA ARTHUR 4Y	2.10
IA EXPOENTE	2.09
IA STARLINE IMPERIAL FLE 9X	0.49
IA BAER	- 0.03
IA SWISS TRADITION RICCO	- 0.31



Emperador



Mr MMR Emperador

OB22153 Calved: Nov. 21, 1996 Tattoo: LE MMR 529
 CASABLANCA IMPRESSIONANTE JORDAN 5510 MEILEN
 CASABLANCA ROLDAN ET CASABLANCA PRIMOR
 MX10271 CASABLANCA LOLITA ARON 154750-EGG
 CASSABLANCA JESENIA

MISS GLB 740 SAMBO (NC) JORDI 8240-94
 OB804 ERLE 12832-34

Present wt. 2,640 lb.
 Yearling wt. 1,178 lb.
 Weaning wt. 780 lb.
 Birth wt. 80 lb.

BW	+0.1
WW	+13
YW	+28
Milk	+2
MW	+8

These three newly-acquired females, as well as San Agustin Dorli 1A, KBR Miss Greta ET and San Agustin Thalia ET, will be features in our embryo transfer program. We'll be breeding them to Emperador, his great sons and the other premier sires in our herd bull battery.

New Additions to the Herd



BRI Classi Lady ET

Sire: Silverwood Dragon 4Y
 Dam: WTR Tina 08E ET
 BW +1.1, WW +2, YW +5, M -2, MW -1

Miss Golden Link 8544 ET

Sire: Mr Golden Link
 "Risson" 8917 ET
 Dam: Erle 12832-34
 BW +0.3, WW +18,
 YW +43, M +8,
 MW +17



El Palmar II 596 Mariannaf

1997 Mexican National
 Champion Female
 Sire: Chaparral Grover
 782 BC
 Dam: El Palmar II 440



Call for Braunvieh Semen on Lord, MMR Roldan Alicante, Optimist, Jvan, Nobel, Gino, Elino, Roldan, Huron and Mr. Hondo (a Preusser 5794 son).

We also have semen on these Original Braunvieh Foundation Bulls:
 Fries, Rolf, Gino, Jordan, Normann 5506 Bubikon, Romo and Caruso.

Emperador Progeny,
 Quality F₁ Braunbray
 and Fullblood
 Braunvieh Cattle
 Available

MR

L@Q Q'mbgdr

Maurice & Marichin Rosenstein

13755 S. State Hwy. 16

Jourdanton, Texas 78026

(830) 264-3101 Ranch • (210) 260-4004 Mobile

e-mail: marranches@aol.com



sempre as fêmeas com base na facilidade de partos, na precocidade sexual, na primeira parição ao redor de 24 meses de idade, na regularidade dos partos, na vivência em harmonia com o ambiente (em termos de tamanho na idade adulta e na adaptabilidade).

2 – **Produção** – A escolha dos touros deverá ser feita com base em critérios de produção pois é a única maneira de garantir maior aporte de ca-

DEP Circunferência Escrotal aos 12 meses (cm)

Nome	CE (12 meses)
STARLINE JASON FLE 23 Y	0.92
SWISS WAY CHINOOK 2	0.54
PJ TRACE NEGRI	0.33
IA SWISS TRADITION RICCO	-0.02
IA BAER	-0.10
IA STARLINE TERRENCE FLE 1X-B	-0.29

pital no futuro. Um exemplo é utilizar touros que produzam filhos que proporcionem mais quilogramas de bezerros desmamados/fêmea exposta, mas que sempre tenham pesos moderados ao nascer. Adicionalmente, o criador deve estar atento para o crescimento no período pós-desmama.

DEP Peso aos 18 meses (kg)

Nome	Peso aos 18 meses
SWISS WAY CHINOOK 2	16.59
PJ TRACE NEGRI	16.57
ACVALUS	4.58
IA EXPOENTE	3.14
IA A CHACARA SENIOR	2.69
IA BAER	-2.14
JK FABIAN ET	-2.19
IA GLB SAMPSON 629 ET	-3.07
IA HEKTOR	-3.35
STARLINE SULLIVAN FLE 58W	-4.28

É importante lembrar, sempre, que em ambientes de qualidade inferior ou durante períodos prolongados de seca, não é interessante selecionar altos pesos à desmama, pois as vacas não terão condições ambientais para expressar seu potencial.

Um reprodutor precisa ter seu patrimônio genético muito bem balanceado. Alguns touros apresentam extraordinária DEP para peso à desmama mas, por exemplo, um ganho de peso mediano ao sobreano, ou mesmo abaixo da média. Assim, o uso de cada touro poderá somar virtudes, equilibrar outras e reduzir algumas.

Cada criador deverá escolher os touros com muito cuidado, tendo em vista seu meio-ambiente, suas condições de manejo, suas pastagens, etc.

Uma coisa é certa: nem sempre o máximo é o melhor. Existe o velho ditado, na Zoologia, que sempre é atual: "O ótimo é inimigo do bom". Ou seja, pouco vale comprar sêmen do mais extraordinário reprodutor se as vacas forem inferiores, ou se as pastagens forem impróprias, ou se o meio-ambiente for muito rústico, etc. etc. Nestes casos, o touro mais lucrativo, com certeza, seria aquele que se situa apenas um degrau acima das próprias vacas locais. Ele é o "bom", jamais o "ótimo" mas, para a circunstância em questão, esse "bom" é justamente o "ótimo".

Qual é o melhor touro? – A análise das DEPs pode indicar o touro mais acertado para cada caso. Um balanceamento adequado para a escolha do melhor touro seria:

1 – Peso ao Nascer – DEP negativa ou baixa. A Ciência Zootécnica preconiza que o bom animal é aquele que nasce com peso entre 25-28 kg. Assim, o pecuarista deve sempre procurar touros que reduzam o Peso ao Nascer.

DEP Circunferência Escrotal aos 18 meses (cm)

Nome	CE (18 meses)
PJ TRACE NEGRI	0.33
IA STARLINE TERREN. FLE 1X-B	0.29

2 – Peso à Desmama – DEP moderada ou elevada. A vaca-mãe tem grande importância nesse índice e, então, o pecuarista deve procurar vacas que desmamem bezerros de bom porte, com peso adequado. O peso, no entanto, não é tudo! O bom produto desmamado precisa ter vivacidade, senso de direcionamento, curiosidade para busca de alimentos, etc. Por isso, a DEP pode ser moderada, desde que a cria seja presente muita vivacidade e seja muito saudável.

3 – Peso aos 12 e 18 meses – DEP sempre elevada. Nessa idade, a cria já está por conta própria e deve

disparar no crescimento e no ganho de-peso.

4 – Perímetro escrotal – DEP elevada. Quanto mais elevada, maior chance da cria ser fecundada na época correta, garantindo lucro na atividade.

Como fazer as contas? – Uma maneira simples de fazer as contas é a seguinte. Um touro A tem DEP de +10,0 kg para Ganho de Peso ao Sobreano; um outro touro B tem DEP de 5,0 kg. Os filhos do touro A serão mais 5 kg mais pesados nessa idade que os filhos do touro B, se forem acasalados com vacas semelhantes. Imagine se o touro A tiver DEP de +10,0 kg e o touro B tiver índice negativo de -5,0 kg. Então, os filhos do touro A terão 15,0 kg de diferença em comparação com os filhos do touro B.

Assim, há touros que podem garantir 1 ou mais arrobas de peso-vivo por filho. Supondo 40 filhos por touro/ano, durante 6 anos de vida útil, com 52% de rendimento de carcaça, chega-se a 240 arrobas que, ao preço de R\$ 35,00/arroba (ou US\$19,45) dá um total de R\$ 4.200,00.

Os 10 melhores touros do Sumário – Os Quadros mostram os 10 animais mais destacados em cada modalidade de avaliação, a saber: Peso ao Nascer, Peso à Desmama, Peso aos 12 meses, Peso aos 18 meses, Perímetro Escrotal aos 12 meses, Perímetro Escrotal aos 18 meses. ★





COURO



Esse negócio vale ouro para o Brasil
e rende muito mais
que a carne

*"Quando o boi de 16 valer
18 arrobas, por conta da valorização
do couro, será uma montanha de dinheiro
nas mãos de cada pecuarista"*



O futuro da pecuária brasileira está ligado ao couro

- A pecuária de corte vem fazendo festas quanto à exportação crescente de carne, principalmente com o sucesso do combate à Aftosa. Realmente, o país vem aumentando as exportações de carne. De US\$ 350 milhões passou para US\$ 500 milhões, depois para US\$ 700 milhões e, no ano 2000, já pode chegar a US\$ 1,0 bilhão. Esta vitória interessa a todos os pecuaristas.

- No mesmo período, o setor coureiro exportou US\$ 2 ou US\$ 3 bilhões por ano - e não faz festas - pois a capacidade brasileira é para exportar muito mais. Desde o período colonial, o couro sempre rendeu muito mais que a carne, na balança de pagamentos do Brasil. Na pecuária, o setor do couro foi o primeiro a se internacionalizar, com sucesso.

- O saldo final da balança de pagamento do Brasil, em 1999, foi de US\$ 520 milhões para a carne. O setor de couros, sozinho, foi superavitário em US\$ 1,7 bilhão.

- Qual o horizonte dessa corrida? As exportações de carne tendem a se estabilizar entre US\$ 1,5-2,5 bilhões - no futuro. Já as exportações de produtos de couro podem ultrapassar, com relativa facilidade, a marca de US\$ 10 bilhões, pois agregam valor aos produtos! Naquela ocasião, o setor de couro fará festas, com certeza!

- Nos anos 70 e 80, o Brasil estimulou a exportação de produtos de alto valor agregado, como os sapatos. Por conta disso, chegou a atingir a liderança mundial na produção e exportação de sapatos de couro de média qualidade. É muito fácil retornar a esse patamar - **basta o Governo querer!**

- Com o fim das restrições e a abertura comercial iniciada em 1990, o couro brasileiro está em todos os continentes, sendo exportado para mais de 50 países. A indústria coureira nacional está presente nas mais importantes Feiras do exterior, promovendo produtos nacionais e a indústria do país.

- As vendas de couro "Acabado" já estão entrando firmemente nos países asiáticos, muitos deles em franco

crescimento, há anos. Esse é um notável mercado para o Brasil (Hong Kong, com 27,0%; China com 5,6%, Malásia com 2,6%).

- Assim, de uma maneira global, as estatísticas e os fatos mostram que o setor do couro é o que mais pode crescer no Brasil, na Cadeia do Boi, ou seja, no setor que vai da criação do animal até a fabricação de produtos de exportação.

- Investir na indústria de couro, tanto em curtumes como no setor calçadista, é garantir lucro certo para o futuro. Boi é o que não falta, nem faltará, neste imenso Brasil.

- Já está funcionando o "Programa Brasileiro de Melhoria da Matéria-Prima - Couro Cru", para tipificar os produtos e dar estabilidade ao setor. Este programa tem o objetivo de garantir um couro de melhor qualidade para os curtumes. O pecuarista lucra muito com isso. O couro de seu boi pode aumentar até 100%

de valor, do dia para a noite.

- O preço do couro é crescente, no correr da História. Cada vez mais irá se tornando um produto sofisticado, pois o couro - também devido ao seu alto teor de proteína - vem sendo muito utilizado como gelatina, como produto alimentício, como produto químico, etc. Por isso tudo, o seu valor irá crescer, sempre.

- Haverá interiorização dos frigoríficos junto às novas fronteiras da pecuária. Realmente, os frigoríficos estão muito longe dos rebanhos, que estão muito longe das ferrovias, que estão muito longe dos curtumes, que estão muito longe da indústria calçadista, etc. Os empresários já estão resolvendo estes problemas, no Brasil. Logo, os custos de produção serão muito baixos, ganhando em competitividade mundial.

- Os programas de melhoramento genético avançam de norte a sul do país. Logo haverá mais gado abatido com menor idade - e com uma evidente melhora no couro.

**O pecuarista
pode ganhar
mais 100%,
da noite
para o dia**



Couro + Carne É GARANTIA DE SUCESSO



- De 1980-1995 o abate cresceu 100%, enquanto se manteve estagnado no resto do mundo. No ano 2010 o Brasil estará abatendo entre 42 a 48 milhões de animais/ano, projetando-se firmemente como o maior país fornecedor de couro e de carne para o mundo.



O couro nos esportes.

- Os frigoríficos dividem o valor da arroba da seguinte maneira: 57% para o corte traseiro, 22% para o corte dianteiro, 9% para a ponta-de-agulha, 7% para o couro-verde e 5% para os subprodutos. Assim, o

pecuarista recebe pelo couro-verde a média de 7% do valor das arrobadas do boi. É muito pouco, porque o couro brasileiro ainda não passou pelo Programa Brasileiro de Melhoria do Couro.

- Quanto pode valer, de fato, um bom couro? Nos

Estados Unidos, um couro vale entre US\$ 50 a US\$ 60 - enquanto um razoável couro brasileiro permanece entre US\$ 25 a US\$ 30 - nos bons frigoríficos. A maioria dos abatedouros inclui o valor do couro como parte da "arrobação" - até porque se trata de couros de baixa utilização industrial.

- Fazendo as contas, rapidamente, um boi de corte pesando 16 arrobadas, cotado a US\$ 19,50/arroba, valerá US\$ 312. Assim, o mesmo bovino poderá agregar o valor de US\$ 40-50 ao valor final. Isto equivale a vender um boi de 16 e receber 18 arrobadas - um excelente negócio! Basta que o bovino tenha um couro de primeira qualidade. Essa é a meta mais lucrativa da pecuária nacional.



O couro no vestuário.

- No início da década de 90, o Brasil exportava 3 milhões de couros "Wet-Blue" (estágio inicial de fabricação). Em 1998, passou para 13 milhões, equivalendo a 260 ou até 325 milhões de pares de sapatos (cada couro pode resultar em 25 pares de sapatos). A capacidade brasileira de produção é imensa!

- Cada couro "Wet Blue" exportado gera uma receita cambial de US\$ 30-35. Transformado em sapato, dentro do Brasil, esse mesmo couro poderia gerar US\$ 250 ou mais. **Basta o Governo querer**, e essa "montanha de dinheiro" ficaria dentro do próprio país - como acontecia na década de 80.

- Sem qualquer dúvida, entre todas as metas da pecuária brasileira, a valorização do couro é a mais lucrativa - tanto para o pecuarista como para o industrial, os exportadores e o Governo.



Hora de melhorar o couro

- A precocidade no abate garante couro mais limpo e carne de melhor qualidade. O Brasil já está implantando centenas de empreendimentos voltados para o abate precoce.

- Em comparação com os Estados Unidos, os pecuaristas brasileiros perdem cerca de US\$ 900 milhões, todos os anos. Até um boi crescer e ir para o abate (36 meses), os pecuaristas terão deixado de receber US\$ 2,7 bilhões. Em uma década, terão perdido US\$ 9,0 bilhões. É muito dinheiro jogado fora!



- Eis um exemplo: recentemente o Brasil exportou US\$ 2,5 bilhões em couros e calçados.

A Itália e a China, no mesmo período, utilizando o couro brasileiro, venderam US\$ 6,0 bilhões no mercado mundial. E, muitas vezes, o couro viaja para o exterior e volta em forma de produto industrializado que poderia ter sido fabricado aqui mesmo, no Brasil!

Quadro 1 - Quanto vale um boi?

Produto	US\$
1 Boi gordo	320,00
1 Couro cru	25,00
1 Couro Wet-Blue	40,00
Produto	US\$
1 Couro Semi-"Acabado"	60,00
1 Couro "Acabado"	80,00
1 Couro "Acabado", transformado em sapato (25 pares x 14,00)	350,00

- No total, o Brasil vem exportando couro suficiente para fabricar 300 milhões de pares de sapatos, no exterior. O Brasil deixa de faturar US\$ 4,5 bilhões/ano e ainda perde 300.000 empregos. Existe, portanto, muito espaço para crescer dentro do Brasil, recriando centenas de milhares de empregos, a partir do couro do boi.

- A política tributária que vem sendo adotada estimula a exportação de matérias-primas e dificulta a exportação de produtos manufaturados. Esta fase de "economia autofágica" está chegando ao fim, devendo haver uma

Quadro 2 - Modelo de Parceria entre o Curtume e o Frigorífico

Situação atual	Situação proposta
Perdas e menor qualidade = menor preço	Otimização do aproveitamento dos subprodutos e melhoria da qualidade = melhor preço
Transporte deficiente dos animais, das fazendas até o frigorífico	Desenvolver Manual e implementar procedimentos corretos no transporte do gado vivo e conservação de carrocerias.
Pré-abate sem obediência do período de descanso. Lavagem deficiente dos animais, provocando vasodilatação periférica.	Implantação de sistema de lavagem eficiente do animal, para provocar vasoconstrição periférica.
Sistema de atordoamento irregular	Implementação de sistemas modernos de atordoamento.
Sangria e linhas erradas de corte.	Acompanhamento na sala de abate, objetivando implantar procedimentos corretos na sangria e na definição de linhas de corte
Esfola deficiente, provocando danos no couro e na carcaça.	Acompanhamento durante a esfola, evitando cortes e furos no couro e danos na carcaça.
Finalização deficiente, resultando em menor aproveitamento dos subprodutos.	Aparação pré-descarne do couro-verde no frigorífico, resultando na economia de frete e máximo aproveitamento de sebo e farinha de carne.
Conservação deficiente do couro até a chegada ao curtume. Transporte do couro-verde, com peso morto agregado.	Tratamento microbiológico do couro, visando garantir sua qualidade e conservação. Transporte adequado.

Fonte: CIBC. "Couro Brasil"

rápida estimulação do setor coureiro, pois este é um setor tradicionalmente superavitário com enormes chances de aumentar sua competitividade.

- De fato, o setor coureiro pode conseguir 300.000 empregos imediatos ao custo de US\$ 1,0 mil cada um. Enquanto isso, na indústria automobilística, o custo do emprego é por volta de US\$ 1,0 milhão, segundo as estatísticas do Governo. A imprensa fala muito do desemprego na indústria automobilística e muito pouco do que está acontecendo no setor rural. Com muita facilidade, o Governo poderia conseguir emprego para todo mundo, tão somente na Cadeia do Agronegócio. **É só querer.**

Quadro 3 - Problemas atuais que afetam a qualidade do couro

Problemas	Consequências
Carrapatos, bernes, cicatrizes de sarna, etc.	Couro mais sujo e menor conversão da alimentação do boi em carne.
Marcas de fogo	É uma agressão ao animal e ao couro, resultando em estresse, levando à perda de peso e do valor do couro.
Riscos de arame, galhos ou parafusos, cicatrizes de currais, carrocerias e furos de ferrões.	Ferimentos trazem consequências negativas para a conversão alimentar e provoca perda de área e de valor do couro.

ERRADO



CERTO

Área máxima de 11 cm de diâmetro



Os 10 Mandamentos da melhoria na qualidade do couro

- 1 - Nunca fazer cerca com arame farpado. Utilizar somente arame liso.
- 2 - Não usar ferrão pontiagudo e nem cães para o manejo do gado.
- 3 - Manutenção periódica no combate aos ectoparasitas (carrapato, berne, mosca-do-chifre, sarna e piolho).
- 4 - Manter sempre limpas as pastagens.
- 5 - Vistoriar periodicamente os currais, evitando pontas que possam furar o gado.
- 6 - Fazer marcação do gado nos locais adequados tais como: cara, pescoço e canela com, no máximo, 11 centímetros de diâmetro.
- 7 - Fazer a descorna do gado.
- 8 - Balancear a alimentação do gado com suplementos minerais.
- 9 - Escolher um veículo adequado para o transporte do rebanho até o frigorífico, evitando carrocerias com pontas de madeira ou pregos.
- 10 - Sempre estar consciente de que "gado bem tratado é gado de melhor resultado".

Só o Brasil tem condições de crescer ainda mais

◆ Os EUA abatem 36 milhões de bovinos e exportam 20 milhões de couros de boa qualidade, todos os anos. Isto vem durando 15 anos, deixando claro que os EUA não podem mais ampliar seus rebanhos.

◆ A Europa também não tem como aumentar a oferta de couros.

◆ A Austrália é limitada, tanto quanto a Nova Zelândia.

◆ A América do Sul pode aumentar a oferta de couros mas, sempre, constituirá uma pequena fração da potencialidade brasileira.



◆ Assim, o mundo inteiro logo estará utilizando o couro brasileiro.

◆ De fato, o Brasil ocupou apenas 3,5 do total de 8,5 milhões de km² que tem. Resta um espaço formidável para criar bovinos e aumentar a oferta de couros.

◆ Rapidamente haverá uma equiparação do preço da matéria-prima, no mundo inteiro, garantindo ao pecuarista o justo valor já pago em outros países. Para tanto é necessário que a qualidade do couro brasileiro seja similar ao dos países mais avançados.



Quadro 4 - Principais produtores de couro (1998)

País	Abates	Couros p/ uso interno	Couros importados	Couros produzidos importados	Couros exportados
Argentina	11.800.000	3.160.000	120.000	11.920.000	8.640.000
Brasil	29.100.000	12.444.005	3.443.000	32.593.000	16.655.995
Estados Unidos	36.317.864	16.387.861	1.806.768	38.124.632	19.930.003
Itália	4.400.000	4.400.000	63.400.000	67.800.000	32.050.000

Fonte: Brasil M.A.A., MF/SECEX/DECEX, IBGE, CNPC - Itália - L Instituto Nazionale di Statistico

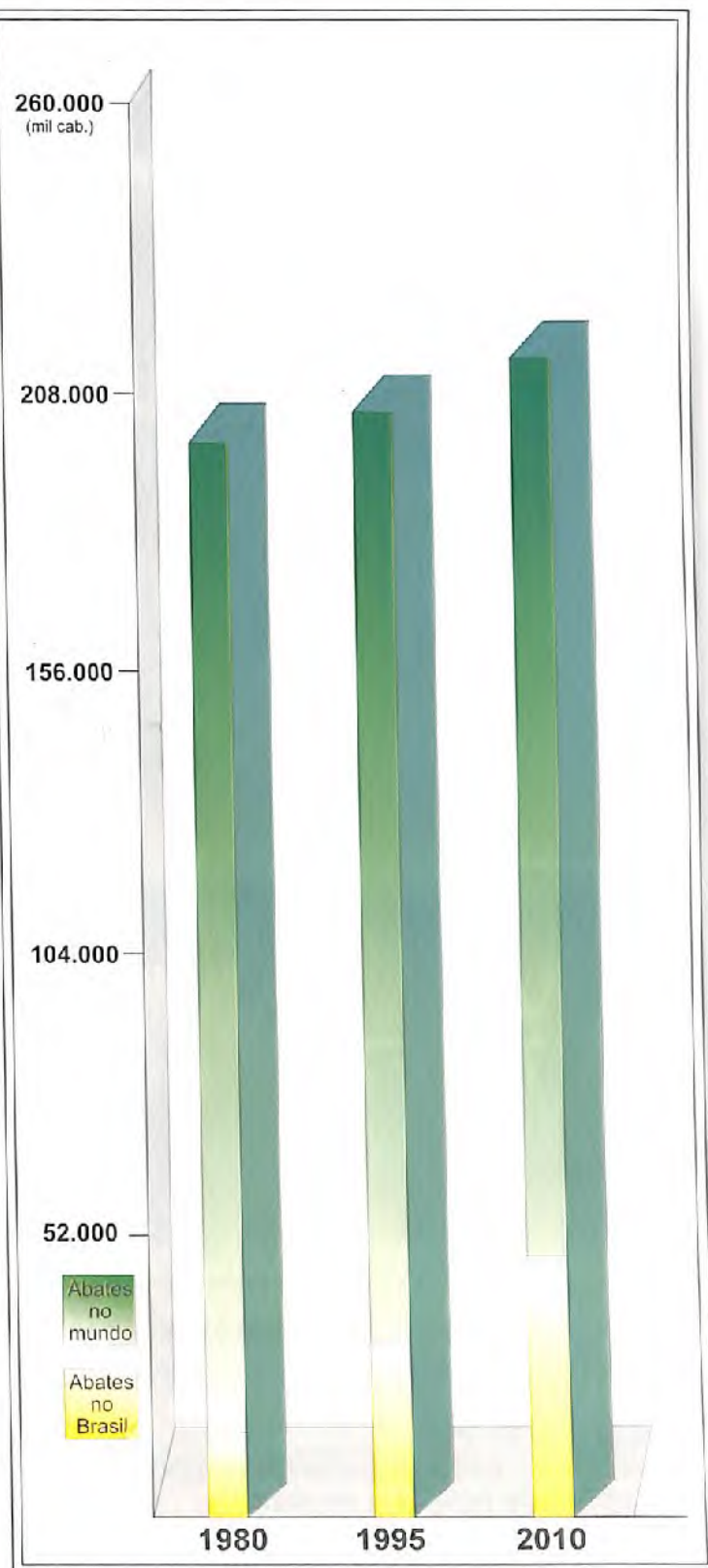
Potencial de crescimento da produção de couro no Brasil e no mundo

O Brasil tem clima, tem solo, tem as plantas, tem grande extensão ainda por explorar, tem os bovinos tropicais e os tropicalizados, tem os homens preparados para a pecuária, tem necessidade de crescimento e de geração de empregos.

Tudo isso leva à certeza de que a produção de couros irá disparar, ao mesmo tempo que a pecuária de corte e de leite.



O couro na indústria.



Quadro 5 - Potencial da pecuária brasileira diante do mundo
(unidade = 1.000 cabeças)

Discriminação	1980	1995	2010
Rebanho mundial	938.630	1.034.431	1.140.000
Abates no mundo	199.000 (21,20%)	204.000 (19,72%)	215.000 (18,89%)
Brasil, rebanho	90.600	165.100	220.000
Brasil, abates	13.850 (15,29%)	32.855 (19,90%)	48.000 (21,18%)

Fontes: Braspeico; "Zebu Ano 2000", Anualpec/99, Estimativa de "Agropecuária Tropical"

O Couro é um grande negócio

Quadro 6 - Veja aqui porque o couro é um grande negócio

- A indústria brasileira do couro possui base e potencial para alavancar e construir um grande futuro.

- A economia mundial está vinculada ao crescimento do comércio internacional. O couro é um produto nobre, de oferta inelástica, que poucos países possuem e do qual muitos necessitam.

- A disponibilidade de produto natural e a capacidade industrial instalada permitem criar uma expressiva vantagem competitiva no Brasil, aliando o Governo e outros segmentos da Cadeia do Agronegócio, todos comprometidos em criar riquezas que beneficiem o sistema empresarial do couro e o país.



Agenda de Serviços a executar

Agenda do País

- Traçar política e coordenação setorial.
- Resolver os problemas no gerenciamento econômico do país.
- Lutar para baixar o "Custo Brasil" que, sendo muito elevado, está afetando a competitividade

Agenda do Setor

- Reduzir a predominância nas exportações de produtos de baixo valor agregado.
- Buscar políticas de equiparação de qualidade entre produtos nacionais e importados, para evitar a entrada de produtos baratos e de qualidade ruim.
- Agilizar processos de comercialização e de Marketing para ganhar eficiência.
- Buscar convênios com a indústria nacional para aquisição de equipamentos com alta tecnologia, similares aos principais centros de desenvolvimento.
- Incrementar a produção de couro de alta qualidade, junto dos pecuaristas.
- Lançar produtos para todas as classes sociais.
- Aproveitamento máximo da matéria-prima com elevado índice de defeitos naturais, que apresentam baixa qualidade para calçados ou manufaturados de alto valor.
- Desenvolver marketing agressivo no mundo todo.
- Criar canais de comercialização eficientes.



Quadro 7 - Vantagens e Oportunidades no Brasil

Vantagens do País

- Preferência entre os países emergentes
- Estabilidade política e econômica
- Posição geográfica favorável

Vantagens do Setor Coureiro

- Crescente disponibilidade de matéria-prima
- Domínio tecnológico
- Setor bem articulado e de credibilidade crescente
- Demanda crescente do couro no mercado externo
- Facilidade em absorver tecnologia disponível
- Mercado interno em recuperação
- Relação custo/qualidade da matéria-prima é atrativa para o mercado de estofamento



É hora de mudar a Política Econômica e a Geopolítica

A Política econômica - A história econômica do Brasil mostra que o couro sempre rendeu muito mais que a carne.

- Com o advento do Plano Real, o país passou a aumentar as exportações de matéria-prima e reduzir as exportações de produtos "Acabados". Ao mesmo tempo, surgiu uma nova indústria curtidora e uma nascente e renovada indústria de calçados. Esta indústria vem sendo penalizada pela excessiva exportação de "Wet-Blue", encarecendo o produto dentro do próprio país.

- Como consequência, dezenas de países ostentam vigorosos aumentos em suas receitas, simplesmente beneficiando o couro brasileiro. O principal exemplo é a Itália que compra 95% de couro "Wet-Blue" e apenas 2% de

permite que especuladores internacionais adquiram, a baixo preço, montanhas de couro brasileiro em estágios primários, e acabem ditando o preço do produto "Acabado". Depois do Plano Real, por miopia governamental, o Brasil foi reduzido à condição de "Colônia" dos países desenvolvidos.

- O Brasil tem competitividade e tradição para beneficiar todo o couro que produz. O país apresenta farta mão-de-obra especializada e barata; em certas regiões, que poderiam abrigar a fabricação em alta escala de calçados de baixa ou média qualidade (ao redor de US\$ 5,00 a US\$ 15,00 por par).

- Provavelmente, o mais racional seria transferir as fábricas de primeiro-estágio, produtos de baixo valor aquisitivo - que hoje se encontram nas regiões desenvolvidas - para as regiões mais pobres, onde a mão-de-obra é abundante e barata. O melhor seria, sempre, conciliar as fábricas de primeiro-estágio com as regiões onde estão os rebanhos, os frigoríficos e os curtumes de Wet Blue.

- As fábricas de segundo-estágio, marcas mundiais, dedicadas a produtos elaborados com melhor ou alta tecnologia, de alto valor agregado, são poucas no país. Na verdade, o Brasil está apenas engatinhando nesse setor, pois ainda não há um sistema organizado com objetivo de transição do primeiro-estágio para o segundo-estágio. O país tem condições de implantar um programa de transição

visando atingir os mercados mais sofisticados do planeta, com as mesmas fábricas já existentes, ou até criando atratividade para a entrada de outras fábricas do Brasil e do exterior.

- As fábricas de sapatos de melhor nível, bem como de outros produtos sofisticados, deveriam permanecer nas regiões mais prósperas. As fábricas de primeiro-estágio deveriam se multiplicar nas regiões menos desenvolvidas do país, levando progresso para a população. **Basta o governo querer.**

couro "Acabado". Depois, tudo é transformado em bolsas, sapatos, cintos, vestuários e estofados para residências e veículos. Embora não produza couro cru, a Itália é a maior promotora mundial dos produtos de couro, ocupando mais de 10 vezes o espaço do Brasil em feiras mundiais. A Itália é a maior compradora de couros do Brasil, faturando mais de US\$ 6,0 bilhões/ano - que poderiam ficar no Brasil.

- O Mercado Comum Europeu compra 80% do "Wet-Blue" brasileiro e apenas 15% do couro Semi"Acabado". Parte desse "Wet-Blue" retorna ao Brasil, transformado em produtos beneficiados.

- Cada 10 milhões de couros exportados em "Wet Blue", matéria-prima estratégica, equivale a uma "perda" de US\$ 2,2 bilhões/ano para o Brasil e, além disso, provoca a perda potencial de cerca de 300.000 empregos. Boa parte do "Wet-Blue" poderia ser beneficiado dentro do país, como antigamente.

Geopolítica do couro brasileiro - A cadeia do Agronegócio, principalmente no tocante ao couro, ainda não está consolidada no país: as indústrias frigoríficas estão localizadas numa região, os curtumes estão em outras e o setor calçadista e moveleiro em outras. Isso



O couro no mobiliário.

Veja como é fácil ganhar dinheiro com o Couro



Agenda de Serviços e Oportunidades - Período 2000-2010

Principais estratégias

- Explorar oportunidades decorrentes de ações de outros países.
- Conscientizar os produtores de couro para, juntos, construir o futuro do setor.
- Buscar "nichos" nos mercados globais: novos produtos, novos usos e novos países.
- Exportar produtos de maior valor agregado e adequados ao ambiente dos clientes.
- Fazer alianças estratégicas mundiais, em nível de conceitos, indústria, comércio, marketing e tecnologia.

O couro na indústria esportiva.



Agenda de oportunidades para o setor de couros

- Linhas de crédito já existentes devem ser melhor estudadas e exploradas.
- Implantação de um vigoroso plano de Marketing, ampliando a participação em eventos e Feiras Internacionais e aproveitando a existência de Feiras Nacionais.
- Dimensionar corretamente o maior rebanho desfrutável do mundo, que é o brasileiro. Existe franca disponibilidade de matéria-prima no país. Tendência para ocupar um maior espaço comercial a curto prazo, tanto interna como externamente.
- Promover mudanças na qualidade da matéria-prima, com ajuda do pecuarista e dos frigoríficos e introduzir/ desenvolver novas tecnologias.
- Conscientizar todos os pecuaristas de que o couro tem valor econômico.
- Divulgação ampla da boa qualidade do couro brasileiro.
- Incentivar programas de novos pólos exportadores.
- Abertura de novos mercados.
- Participação nos novos blocos econômicos regionais e supra-regionais.
- Promoção de parcerias internacionais com os promotores da moda e da comercialização do couro brasileiro no mundo.
- Estudar e aproveitar o crescimento da demanda interna após o Plano Real.
- Aproveitar o momento de estabilidade econômica e melhor poder aquisitivo da população.
- Estimular fusões, aquisições, associações de grupos empresariais, a fim de capacitá-los a enfrentar a concorrência internacional.
- Conseguir reciprocidade tarifária entre os parceiros



O couro no lazer.

- Possibilidade de derrubar a taxa de entrada do couro "Crust" e "Acabado" na Comunidade Européia.
- Programa para aumentar a produtividade da Cadeia do Agronegócio, em parceria com a pecuária e a indústria manufatureira, com melhoria na qualidade do produto.
- Associar-se com a concorrência que possui mercado, melhor tecnologia e custo financeiro competitivo.
- Buscar alianças estratégicas internas, internacionais, financeira, tecnológica, etc. (soma de vantagens competitivas).
- Aproveitar a crise para reestruturação empresarial, realizando saltos tecnológicos e qualitativos dos produtos.
- Usar o BNDES como parceiro.
- Facilitar cada vez mais o acesso às tecnologias internacionais disponíveis.
- Valorizar cada vez mais os produtos naturais.
- Estudar realmente as necessidades dos clientes.
- Acompanhar e aproveitar as oportunidades da moda brasileira e internacional.
- Explorar a possibilidade de desenvolver modelos de estilistas internacionais usando o couro brasileiro.
- Estudar linhas de produtos com maior valor agregado.
- Estimular o calçadista a comprar o couro "Acabado" e não tentar fabricar o couro. Convencê-lo a manter o foco direcionado para o seu negócio específico.
- Dar a mesma prioridade para o capital, a matéria-prima e o trabalho.

O couro é insuperável

- A Cadeia do Agronegócio - que vai do Boi ao Sapato (e manufaturas de couro) - é a mais rica do país, potencialmente. No entanto, ainda é uma das menos exploradas positivamente. Por isso é a hora certa de entrar nesse grande negócio.

- A cadeia produtiva do boi ao calçado é a mais importante social e economicamente - porque é aquela que mais gera empregos e riquezas. E também já está estabelecida de norte a sul do país. Além disso, seu resultado na balança de exportação/importação sempre foi superavitário.

- O Brasil possui uma das culturas mais desenvolvidas do mundo na área de couros, calçados e manufaturados. Incorporar a alta tecnologia é tarefa fácil.

- A Cadeia do Agronegócio, principalmente no tocante ao couro, pode abrir milhões de empregos, em muito pouco tempo.

- Os pecuaristas podem lucrar muito mais, tanto produzindo bovinos com couro de alta qualidade, como participando de empreendimentos do setor de curtumes ou calçadista.



O pecuarista precisa participar dessa grande conquista

- O pecuarista é o primeiro e grande elo da Cadeia Produtiva do Boi que precisa estar atento à fortuna que está deixando de ganhar, todos os anos, devido à baixa qualidade dos couros que produz e também ao baixo valor que tem recebido.

- Se o couro for de alta qualidade, o pecuarista passará a receber um valor internacional que equivale a 2-3 arrobas a mais na conta final do boi. E quem não quer receber 2-3 arrobas a mais por cabeça? Só o Brasil pode produzir mais bovinos; só o Brasil tem essa chance de enriquecimento.

O couro na indústria da moda.



O couro no setor rural.



Investir na qualidade do couro é o grande negócio da moderna pecuária do Brasil



O couro é \$\$\$ para o pecuarista



Em cada safra de bovinos, o pecuarista está deixando de ganhar uma montanha de dinheiro. Só no ano 2000, poderia receber mais 1,0 bilhão de dólares.

Como ganhar esse dinheiro? É só olhar o bovino como uma "máquina de couro" e não apenas como uma "máquina de carne" ou "máquina de leite".

Quadro 8 – A potencialidade do couro no Brasil - para o pecuarista

Ano	Valor do couro brasileiro no sistema tradicional	Valor do couro no sistema moderno
1980	346,25 milhões	692,5 milhões
1995	821,375 milhões	1,642 bilhão
2010	1,2 bilhão	2,4 bilhões



Além de guardar ouro... o próprio couro vale ouro.

COM O APOIO DA GRANDE INDÚSTRIA QUÍMICA DO COURO DO BRASIL

BASF

 **Clariant**

TANAC
YOUR BEST PARTNER

Bayer 

Se é Bayer, é bom.


SETA[®]

SEI S.A. - EXTRATIVA TANINO DE ACÁCIA

TFL 

TOGETHER FOR LEATHER

Industry News at www.tfl.com

Buckman
LABORATORIES



CICB - Centro das Indústrias de Curtumes do Brasil

SCN - Qd. 02 - Edif. Centro Empres. Encol - Torre B - salas 425-427

Fone: (61) 326-5216 / 328-8800 - FAX: (61) 321-4138

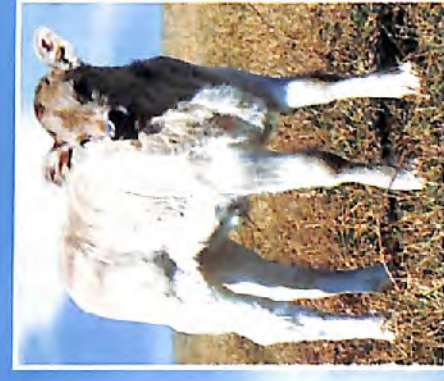
CEP: 70710-500 - Brasília - DF

E-mail: cicb@zaz.com.br



DAVOS ORIGINAL - 3G

□ Milor
□ Rubina



O futuro já pode ser vislumbrado com esta safra que carrega em seu sangue a nobreza de várias gerações de seleção da raça Pardo Suíço original.



GENÉTICA SUÍÇA FECHADA



RUDOLF REICH

Fazenda 3 Galhos
Fone: (43) 561-1244

CARLOS HENRIQUE VERGUEIRO BAILONI

Ouro Fino - MG
Fones: (35) 441-1722 / 441-2013



Está provado: o Braunvieh é excelente

O importante são as provas e a qualidade das provas. O Clay Center é o mais renomado instituto de pesquisas dos Estados Unidos, situado no Estado de Nebraska. Realizou uma sequência de experimentos de cruzamentos envolvendo nove raças que julgou mais importantes para a atualidade. Os produtos Braunvieh foram os mais equilibrados, desde a parição até à qualidade da carcaça, após o abate.

As principais qualidades apresentadas pelo Pardo-Suiço Corte foram:

- facilidade de parto
- puberdade precoce
- fertilidade
- alta lactação
- boa conversão alimentar
- rápido crescimento

Os touros Braunvieh foram cruzados com matrizes Hereford, Angus e cruzadas Hereford/Angus. Os bezerros nascidos dos cruzamentos foram castrados 24 horas após o nascimento. Depois, foram confinados até a desmama e abatidos com 458 dias de vida. Finalmente, foi realizada uma avaliação da carcaça e da qualidade da carne.



Você sabia...?

... que as vacas Pardo-Suiço Corte têm excelente produção de leite? Fêmeas F-1 (PSC x Nelore) são notáveis mães e muito utilizadas em programas de Transferência de Embriões.

alcançar um dos maiores percentuais de nascimento (92,0%) e também o

Clay Center – Produção dos touros

Grupo racial	Bezerros nascidos (n)	Partos sem assistência (%)	Sobrevivência à desmama (%)	Peso aos 200 dias (kg)
BRAUNVIEH	260	94,5	95,1	205
Gelbvieh	438	94,1	91,0	207
Hereford/Angus	102	92,7	91,5	208
Brangus	119	93,8	94,7	199
Simental	421	89,2	88,8	208
Piemontês	200	92,5	91,1	205
Limousin	387	91,8	90,8	201
Charolês	90	86,8	89,5	217
Chianina	238	88,4	89,3	208

Clay Center – Crescimento e Puberdade das Novilhas

Grupo racial	Número de novilhas	Peso aos 550 dias (kg)	Idade à puberdade (dias)	Índice de prenhez (%)
BRAUNVIEH	129	375	346	91,6
Gelbvieh	185	379	341	87,4
Hereford/Angus	55	386	366	80,1
Brangus	63	373	385	85,5
Simental	155	383	360	86,4
Piemontês	89	365	348	95,5
Limousin	155	362	391	83,7
Charolês	36	410	361	79,0
Chianina	94	387	400	84,0

Você sabia...?

... que os machos cruzados PSC com Nelore são abatidos entre 18-30 meses, com 17-18 arrobas, em regime de campo? Esta é uma grande vantagem, sob o sol tropical.

O Pardo-Suiço corte apresentou o maior percentual de partos não-assistidos (94,5%) e de sobrevivência à

Clay Center – Desempenho Materno

Grupo racial	Número de nascimentos	% de nascimentos	Desmama (%)	Partos sem assistência (%)	Peso na desmama /200 dias (kg)	Peso por vaca exposta (kg)
BRAUNVIEH	681	92	85	92	242	260
Gelbvieh	429	95	87	89	242	210
Hereford/Angus	169	88	79	87	229	181
Brangus	238	90	86	86	225	193
Simental	872	89	83	83	236	196
Piemontês	294	93	84	84	226	190
Limousin	851	89	82	88	220	180
Charolês	264	89	80	91	230	183
Chianina	475	93	86	92	237	204

desmama (95,1%). – que são características muito importantes para o moderno empresário rural. As novilhas atingiram a puberdade aos 346

dias, apresentando 91,6% de índice de prenhez.

As fêmeas meios-sangues ficaram em primeiro lugar no número de partos sem assistência (92,0%), além de

maior peso nos bezerros desmamados (242 kg). Tudo isso devido à excelente habilidade materna da vaca Braunvieh.

No abate, aos 458 dias, os produtos cruzados Braunvieh conseguiram 60,6% de rendimento de carcaça e pontuação de 10,4, quanto ao marmoreio da carne. Foi classificada em 61% como "choice" (tipo preferido pelo mercado norte-americano).

Os Quadros mostram o desempenho de cada raça.

AGENDA DE EXPOSIÇÕES E FEIRAS AGROPECUÁRIAS DO PARDO-SUIÇO CORTE

Informações: (67) 721-5166 – E-mail: hcfilhos@zaz.com.br



Principais eventos do Ano 2000

Exposições e Feiras

VII LEILÃO NACIONAL – PARDO-SUIÇO CORTE

Data: 31.março
Horário: 14:00 horas
Local: Pavilhão José Garcia Molina
Promoção: Suíçopar Norte
Apoio: Núcleo Brasileiro de Criadores de Pardo-Suíço Corte e Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo-Suíço
Contato: Augusto Bordin – (43) 324-3727

EXPOSIÇÃO GADO PARDO-SUIÇO CORTE (BRAUNVIEH) – S. J. do Rio Preto (SP)

Período: 14 a 19 de Setembro de 2000
Contatos: (11) 3841-5048 ou
(17) 9774-6523

FEIRA DE REPRODUTORES – Campo Grande (MS)

Período: 11 a 24 de Setembro de 2000.
Contatos: (67) 721-5166, c/ Argeu Silveira

EXPOLAGES 2000 – Lages (SC)

Período: 25 a 29 de Outubro de 2000.
Julgamento: 27/10 às 08.00 horas
Leilão: 27/10 às 19.00 horas
Contato: (49) 225-2914,
c/ Paulo V. Branco

III EXPOVEL – Cascavel (PR)

Período: 10 a 19 de Novembro – 2000.
Contato: (45) 228-2526
– Sociedade Rural de Cascavel

50ª EXPOSIÇÃO ESTADUAL E NACIONAL e 13ª FENAGRO – Salvador (BA)

Período: 25 de Novembro a 03 de Dezembro de 2000.
Contato: (71) 375-5637 – Assoc. de Criad. de Gado P. Suíço dos Estados da BA e SE.

VII EXPOSIÇÃO NACIONAL DE PARDO-SUIÇO CORTE

Local: Londrina – Paraná
Período: 29.março a 08.abril – 2001
1º Turno: de 29.março a 02.abril.
Entrada dos animais: 27.março
Pesagem: 28.março
Julgamento de Corte: 29 e 30 de março – 9:00 horas – Pista central
4ª Conferência Nacional de Pardo-Suíço Corte – 30. março – 14:00 horas
Assembléia Geral do Núcleo Brasileiro de Criadores de Pardo-Suíço Corte – 31.março – 9:00 horas

Você sabia...?

... que os bezerros meios-sangues de PSC com Nelore pesam 20-30% a mais que o Nelore, no desmame? É claro que isso se deve à heterose, em parte, mas também ao aprimoramento do PSC para a finalidade de corte.

**PARDO-SUIÇO CORTE
O Marketing
são seus resultados**

Raça europeia dos trópicos

Enquanto diversas raças fazem produtos sintéticos, tentando viabilizar a utilização dos touros a campo, o Pardo-Suíço Corte vem trabalhando sempre a campo com sucesso. Por isso, no México, país de clima tropical, com braquiárias, carrapatos, moscas, verminoses, etc, o Pardo-Suíço é a principal raça europeia há 100 anos.

Você sabia...?

... que a Expo. Nacional de Pardo-Suíço Corte/2000 foi a maior já realizada? De fato, totalizou 260 animais em julgamento, oriundos de vários Estados.

“Silver” vai ser exportado

“Silver” volta para a Pecplan, onde passará por coleta especial, tendo em vista exportação de sêmen para os Estados Unidos. Foi líder de vendas em 1999.

De 3.000 para 50.000

A ASBIA publica seu Relatório de Vendas de Sêmen no Brasil, onde o Pardo-Suíço Corte surpreendeu, passando de 3.000 unidades (em 1998) para 50.000 (em 1999). A raça passa a ocupar o 10º no ranking de vendas de sêmen no Brasil.

@ FAZENDA RECREIO

Proprietário: LUIS CARLOS CÉSAR DA COSTA

**Venda permanente
de matrizes e reprodutores
PO e PC para seleção
e cruzamento industrial.**



**PARDO-SUIÇO
CORTE
(BRAUNVIEH)**

End. BR 103 – KM 287 – Cx. Postal: 2
Douradina – MS – CEP: 79880-000 / Tel: (67) 412-2001 – Fax: (67) 412-1168



As principais linhagens de Pardo-Suiço Corte no Brasil

Osvaldo Teobaldo Filho analisou a estrutura familiar da raça Pardo-Suiço Corte no Brasil, abrangendo 1.200 genealogias que, após um teste de validade, resultaram em 483 unidades completas. A pesquisa abrange o período de 1952 até 2000. Parece pouco? Sim, é realmente pouco mas Lustenberger (1994) informa que o ber-

Por que escolheu o Pardo-Suiço Corte? Seu inspirador foi Jan Bonsma que afirmou: "uma raça cruzada para carne ou para leite, nos trópicos, deveria usar animais da raça Pardo-Suiço, principalmente por três razões: a) porque a coloração do Pardo-Suiço, quando misturado ao Zebu, resulta num híbrido muito bom; b) o Pardo-



ço da raça, a Suíça, realizou um trabalho semelhante com apenas 267 genealogias!

Suiço possui um número muito alto de glóbulos vermelhos por ser originário de regiões elevadas, onde o oxigênio é raro, tanto quanto nos trópicos; c) nos Alpes a radiação ultravioleta é muito intensa, como nas regiões tropicais e subtropicais. Por tantas semelhanças, o Pardo-Suiço, cruzado com o Zebu, sempre dará certo".

O resultado prático é que 10 animais podem ser considerados como genearcas

do rebanho brasileiro, com mais de 2,0% de participação nos rebanhos analisados. O autor, no entanto, salienta que seria interessante reformular

uma nova análise dentro de alguns anos, com maior quantidade de dados, para obter uma representatividade mais significativa.

Atualmente, são reconhecidas 10 linhagens, ou famílias, diferentes, do gado Braunvieh Original na Suíça, segundo Lustenberger (1994).

No Brasil, a raça começou a se destacar somente nos últimos 10 anos, tendo sido importados animais de diversas origens como Suíça, Alemanha, Canadá, Estados Unidos e México. Como a seleção em cada um destes países segue uma linha distinta, os

animais "brasileiros" possuem contribuições de diversas linhagens existentes no mundo.

É sempre importante utilizar reprodutores que preencham o máximo de características desejáveis dentro do padrão racial, formando-se assim genearcas dentro da raça. O Brasil, em termos de variabilidade genética, detém um dos principais rebanhos mundiais, sendo oportuna a mensuração das contribuições dos principais animais que formaram o rebanho da raça Pardo-Suiço Corte (Ver Quadro)

Apesar da grande quantidade de animais importados do México, Estados Unidos e Canadá, nota-se, ainda, uma forte influência da Suíça, na composição genética dos animais - como mostra a Tabela 2.

Tab. 2 - Frequência dos animais de acordo com o país de nascimento (*)

País de nascimento	Frequência	%
Brasil	43	8,90
Canadá	23	4,76
México	127	26,29
Suíça	227	47,00
Estados Unidos	47	9,73
desconhecidos	16	3,32

(*) Foram analisados dados de rebanhos de importação. Por isso não constam touros de linhagem nacional.

Tab. 1 - Os touros mais utilizados

Touros	MCG (*)	Número de Parentes	Origem do touro
El Conquistador	2,58	110	E. Unidos
Winzer 674-487 Jonen	2,47	59	Suíça
Markus 1076-716 Faellanden	2,33	59	Suíça
Ural 7005-127 Lungern	2,15	56	Suíça
Winetow 3830-8 Fehraltorf	2,09	104	Suíça
Passgal 5995-200 Lehn	2,08	75	Suíça
Rolf 16004-36 Wald	2,05	115	Suíça
Gold 7175-23 Oberamt	2,04	54	Suíça
Maranatha - Arthur - 4Y	2,04	24	México
Prinz 8713-27 Schoenenberg	2,01	58	Suíça
Riss 9937-11 Fabian	1,97	64	Suíça

(*) MCG - Média das Covariâncias Genéticas dos touros.

Brammwich

Pardo Suíço Corte

O Criatório HS é um dos poucos a investir em uma genética importada de países como:

- Suíça
- México
- Canadá
- USA

- Machos
- Fêmeas
- Embriões

Criatório HS

Paulo Rogério ou Roberta
Fone: (11) 3841-9114

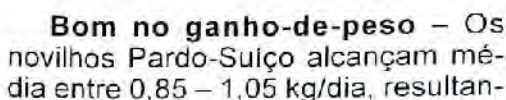
MEIRA BRAGSTEIN TE

- Campeã Bezerra,
Nacional Londrina/2000





Bom na reprodução – Além de



Os novilhos destinados ao abate atingem 499 kg aos 13 meses - resultando numa carne muito tenra e saborosa.

58

Raça para dar lucros, de verdade



O Pardo-Suíço Corte vem dando lucros em diversos países. Seu crescimento é lento, pois ainda não existem animais suficientes para atender a todos os interessados. Por isso, a maior parte da reprodução é realizada por Inseminação Artificial e por Transferência de Embriões.

O Pardo-Suíço Corte está sempre envolvido em provas e testes científicos. A propaganda da raça são seus próprios animais inscritos em pro-



Clay Center, EUA - Desempenho Final de Lucratividade

Raças	Peso Vacas adultas comparadas a cruzas Hereford /Angus (*)	Peso desmama por vaca exposta à repro- dução (kg)	Marmoreio aos 458 dias de idade	Lucrati- vidade no confi- namento (US\$)	Diferença percentual entre as raças em compa- ração c/ Braunvieh
Braunvieh	8,16	206	10,4	112,98	100,00
Hereford/Angus	-	181	11,3	56,33	49,86%
Limousin	4,53	180	8,9	67,36	59,62%
Charolês	59,87	183	10,3	80,00	70,81%
Simental	26,30	196	9,9	69,20	61,25%
Gelbvieh	27,66	210	9,6	72,00	63,73%

Lucratividade no Clay Center – Estados Unidos

Braunvieh	112,98	Charolês	80,00
Hereford/Angus ...	56,33	Simental	69,20
Limousin	67,36	Gelbvieh	72,00

vas. Foi assim que, nos Estados Unidos, na maior prova já realizada na história da pecuária moderna, o Braunvieh mostrou ser a raça mais lucrativa.

No Clay Center, o Braunvieh comprovou um lucro de US\$ 112,98 – conquistando o primeiro lugar. O segundo lugar obteve apenas US\$ 80,00 dólares, conforme pode ser analisado na tabela. Houve uma diferença de 41,23% a mais em comparação com a raça colocada em segundo lugar. ★

- **Habilidade Materna**
- **Boa Musculatura**
- **Alta Performance**

CARNE PURA!!!



FAZENDA DOS COQUEIROS



Marcos Szerman
Niterói – RJ

Fones: (21) 719-1038 / 9986-3191

BRAUNVIEH



Progresso e mais progresso nas provas de ganho-de-peso

No Mato Grosso do Sul - Uma das grandes ferramentas de promoção do Pardo-Suiço Corte é a Embrapa/Gado de Corte, de Campo Grande (MS), onde são realizados testes de ganho-de-peso com diversas raças. Desde o final da década de 1980, o CNPGC já vem realizando trabalhos envolvendo a raça, principalmente tendo em vista os cruzamentos industriais. Quando o Núcleo Brasileiro de Pardo-Suiço Corte foi criado, em 1995, já havia um volume interessante de dados indicando que o Braunvieh garantia excelentes resultados, tanto no ganho-de-peso como no rendimento e na qualidade da carne. A partir de então foram iniciadas outras provas, sempre com o apoio do Núcleo.

A prova realizada em 1998 contou com 21 animais de 12 criadores. Durou 168 dias, sendo que 56 dias eram

de adaptação. A segunda fase, com 112 dias é a prova de fato, quando os animais são pesados a cada 28 dias. Neste período, a ração fornecida era feno de Braquiária decumbens misturado a um concentrado com composição média de aproximadamente 12% de proteína bruta e entre 65-70% de NDT. Esta ração mostra que a prova estava muito similar ao que acontece na imensa maioria dos campos brasileiros, onde o teor bruto de proteína dificilmente passa de 12%.

Os bezerros Pardo-Suiço Corte tinham idade média de 195 dias e peso médio de 317. No final, o recordista atingiu um ganho médio diário de 1.518 gramas, e o segundo lugar atingiu 1.446 gramas/dia. A média do lote ficou em 1.151 gramas/dia.

Já em prova de ganho-de-peso de Novilho Precoce, realizada em 1997, a média de 66 animais ficou em 1.844

gramas/dia, também sob coordenação da Embrapa. Os animais entraram com 19 meses e foram abatidos entre 22-24 meses. O rendimento de carcaça ficou em 55,2%. O ganho de peso vivo por animal foi de 201 kg nesse período. A ração utilizada era preparada com 60% de silagem de milho, com 30% de matéria seca e 40% de concentrado. Este concentrado era constituído de 80% de milho, 14,4% de farelo de soja; 2,74% de de uréia e sulfato de amônia; 1,56% de mistura mineral; 1,56% de calcário calcítico. A composição total apresentava 14% de proteína bruta e 70,8% de NDT.



PARDO-SUIÇO DA 3G responde

1 - Qual é a origem da Genética 3G?

Rudolf Reich - Trabalhamos com o Original Braunvieh "fechado" sem interferência de outras linhagens, desde que se fundou a Associação da raça na Suíça.

2 - Como foi a escolha desta genética na Suíça?

RR - Nossa escolha foi por vias diferentes. Visitamos criadores a convite da Associação da Suíça e fizemos muitas viagens e visitas em particular, desde 1992. Foi assim que descobrimos o reprodutor "Kassin". Somente decidimos importar em conjunto com Dr. Durval Chechinato, depois de encontrarmos uma linhagem com tipo e caracterização que interessavam para as nossas meta. Isto encontramos num único criador que usava uma técnica de acasalamento semelhante à da Fazenda 3 Galhos. Assim, importamos animais exclusivamente deste criador.

3 - Pretende importar mais genética da Suíça?

RR - Em princípio, não. Já nesta primeira importação - os animais chegaram em meados de 1996, com idade de 12 meses, em média - vieram os que achamos de melhor qualidade que encontramos na Suíça, para preencher nossos objetivos na 3G. Também tivemos a felicidade de en-

contrar reprodutores com qualidade e genealogias na terra de origem, facilitando uma ótima combinação de acasalamento com nossas linhagens maternas. Tudo ficou fácil para ao objetivo, com menos gerações. A 3G tem o hábito de visitar e acompanhar os avanços da genética na Suíça e, se encontrar qualidade que venham a somar, é natural que providenciaremos a importação desse material.

4 - Qual é o objetivo da criação 3G?

RR - O nosso objetivo é produzir uma genética refinada, pura de origem fechadíssima, que possa servir a qualquer criador brasileiro de Pardo Suiço de elite, tanto com animais, como embriões e, principalmente, sêmen.

5 - Quando a 3G vai começar vender seus produtos?

RR - Nós estamos agora na 3ª e 4ª geração da nossa genética aqui no Brasil. Já temos prenhez de 4ª geração, das quais pretendemos em breve vender alguns produtos, desde que eles estejam de acordo com nossos objetivos. Como estamos em duas frentes para comercializar animais, uma em Ouro Fino-MG, na propriedade de Carlos Henrique Vergueiro, com quem temos uma parceria

muito bem sucedida, e outra aqui - na 3G - não será difícil a comercialização.

6 - Quais são os reprodutores utilizados pela 3G para atingir esta meta?

RR - Os reprodutores são escolhidos dentro das melhores combinações de acasalamento com as nossas linhas maternas. A meta é produzir reprodutores próprios já nesta geração, onde se conhecem a sua mãe, sua avó materna, seus irmãos e parentes mais distantes. Com esta sistemática temos condições de avançar para o nosso objetivo mais rapidamente, sem depender de novas importações a curto prazo, formando um rebanho exclusivamente brasileiro, adaptado ao meio, nobre, e onde mantém principalmente a dupla aptidão.

7 - Quando a 3G vai participar de exposições?

RR - Isto é uma questão que vai ser discutida com nosso parceiro Carlos Henrique Bailone. A nossa pretensão é mostrar o máximo de animais criados aqui e o mínimo de importados.

3G

STARLINE EMIL FLE 65E ET

(Starline Vernon x Fink)
Peso Expo. Londrina/2000: 1.190 Kgs.
Circ. Escrotal: 41 cm.

Sêmen à Venda

- Campeão Nacional/98
- Grande Campeão Nacional/98
- Campeão Expocorte/98
- Grande Campeão Expocorte/98
- Campeão Nacional/2000
- Grande Campeão Nacional/2000
- Filhos premiados em Exposições

EMBRIONIC

Jorge Nicolau Neto
São João da Boa Vista - SP
Fone: (19) 624-1177



NUCLEO BRASILEIRO DE CRIADORES DE PARDO-SUÍÇO CORTE

Agenda de Eventos do Pardo-Suíço Corte 2000

► Expointer 2000

Esteio - RS

26/08/2000 à 03/09/2000

Contato: Relly Jacques Laranja

Fone: (51) 336-5612 / 222-2280

► Feira de Reprodutores

Campo Grande - MS

11/09/2000 à 24/09/2000

Leilão Suíço Corte MS 2000

23/09/2000 às 19h30min

Contato: Argeu Silveira

Fone: (67) 721-5166

► Expolages 2000

Lages - SC • **25/10/2000 à 29/10/2000**

Julgamento: 27/10/2000 às 8h

Leilão 27/10/2000 às 19h

Contato: Paulo Vieira Branco

Fone: (49) 225-2914

► III Expovel

Cascavel - PR • **10/11/2000 à 19/11/2000**

Contato: Sociedade Rural de Cascavel-PR

Fone: (45) 228-2526

► 50ª Exposição Estadual e Nacional e 13ª Fenag

Salvador - BA • **25/11/2000 à 03/12/2000**

Contato: Assoc. de Criadores de Gado Pardo-Suíço dos Estados da Bahia/Sergipe

Fone: (71) 375-5637



comp_art@uol.com.br



Núcleo Brasileiro de Criadores de Pardo-Suíço Corte

Fone (67) 721-5166 • E-Mail: hcfilhos@zaz.com.br

Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo-Suíço



Pardo-Suíço



Parte 1

Viva a Reforma Agrária ... por que não?

Considerações básicas - Quem é que pode ser contra a Reforma Agrária? Ninguém, muito menos os próprios fazendeiros. Ao implementar uma

Reforma Agrária verdadeira, os fazendeiros aplaudirão, pois estará sendo dada prioridade ao campo – coisa rara ou mesmo inédita na atualidade brasileira.

Uma justa condição de acesso às terras, para colocá-las em produção que venha a satisfazer a sociedade, não pode ser desaprovada por ninguém. Afirma Raul Jungmann, ministro da Política Fundiária, que "quebrar o círculo da exclusão social não é tarefa fácil em um país com histórica concentração de propriedade e renda. Criar oportunidades, na sociedade contemporânea, predominantemente industrial e urbana, para que os filhos dos agricultores e trabalhadores rurais alcancem melhores con-

dições de vida do que seus pais, sem terem de abandonar a terra, é um desafio ainda maior. Todo o conjunto de políticas públicas de Reforma Agrária colocado em prática nos últimos cinco anos está voltado para este fim".

Ademais, numa análise simplista, percebe-se que o Brasil tem terra sobrando por um lado e faltando por outro. Ou seja, tem terra subexplorada e inexplorada ao mesmo tempo que muita gente gostaria de ter um pedacinho de chão. Assim, a Reforma Agrária não deveria ser encarada como uma ferramenta eleitoreira mas uma necessidade do próprio país. Os cálculos do Incra/FAO mostram que em 1998 haviam 2,64 milhões de famílias querendo terra. No ano 2000, são 2,45 milhões; no ano 2003 serão 2,21 milhões e em 2005 serão 2,07 milhões (*Bergamasco, S. et alii, 1999, p. 47*). O mesmo estudo conclui que a área total para efetivar a Reforma Agrária, no ano 2000 será de quase

86 milhões de hectares, diminuindo estes valores nos 2003, para 77,8 milhões e, em 2005, serão 73 milhões de hectares (p. 48). Afinal, suspeita-se que aproximadamente 100 milhões de hectares são grilados. Só na Amazônia, com 157 milhões de hectares, nada menos que 55 milhões teriam sido grilados!

De 1995 até meados de 1999, o Brasil assentou 318 mil famílias, distribuídas em 2.734 projetos. Foram desapropriados 15,8 milhões de hectares e foram gastos mais de R\$ 7 bilhões. Para complementar o programa de desapropriações, o Governo lançou o Banco da Terra, onde um conjunto de trabalhadores rurais compram terras da melhor qualidade possível, por um preço de mercado. Em apenas 8 meses, o Banco da Terra já tinha atendido 4.500 famílias e outras 15.000 esperavam na fila até o final de 1999. Por que este sucesso? Porque as terras escolhidas são especiais, altamente produtivas, permitin-

do uma melhoria de vida imediata. As terras compradas pelo Banco da Terra saem mais baratas que as desapropriadas pelo Incra (?!). O assentado tem 20 anos para pagar e 3 de carência, com juros de 6% ao ano...

Realmente, o Brasil, depois de 500 anos do seu descobrimento, ainda tem milhões e milhões de hectares sendo oferecidos a preço-de-banana para qualquer pessoa, em diversas regiões do país. Assim, um programa de distribuição de terras poderia estar acontecendo de forma natural, sem estardalhaço. De fato, há regiões imensas, de terras férteis, colocadas à venda por R\$ 10,00 o hectare, ou muito menos. Existem até terras gratuitas, em projetos de colonização... esperando quem tenha coragem de ir lá começar o trabalho.

Por isso, antes de mais nada, o MST – Movimento dos Sem-Terra poderia constituir, ideologicamente, uma farsa – ironicamente endossada pelo Governo Federal! Será, todavia, que o MST é uma farsa, apenas isso? Não, parece que não! O movimento pode até estar equivocado quanto aos meios que emprega, mas - se conseguir mobilizar o Governo para realizar uma "boa" Reforma Agrária - terá sido um valioso instrumento em prol da nação.

Uma coisa é certa: ao tentar agradar o MST, e ganhar uns pontinhos junto do eleitorado, o Governo foi levado a comprar terras por preços caríssimos, desperdiçando verbas preciosas que poderiam ser muito úteis a um "bom" Programa de Reforma Agrária. Por que não comprar os milhões de hectares baratos? Só porque estão longe das cidades e das televisões? Ao querer agradar o eleitorado, ao MST e às televisões, o Governo deixa claro que a Reforma Agrária vai se caracterizando como um belo espetáculo, um jogo onde o vencedor ganhará votos mas que poderá resultar num aumento de alimentos igual a zero! Afinal, o que é que está em jogo: o sonho de algumas centenas de milhares de pessoas ou a boa imagem do mandatário supremo da nação? Ao protelar as decisões necessárias, parece que a imagem presidencial vale mais que a felicidade dos que anseiam por um pedacinho de terra...

O Governo, por seu lado, está empenhado em promover uma Reforma Agrária competente em todos os aspectos; uma tarefa difícil e até indigesta. Mas tem mostrado brios para

o Brasil, depois de 500 anos do seu descobrimento, ainda tem milhões e milhões de hectares sendo oferecidos a preço-de-banana para qualquer pessoa, em diversas regiões do país.

tanto, bastando lembrar que em janeiro de 2000, as terras cultivadas com plantas tóxicas passaram a ser desapropriadas sumariamente. No mesmo dia, foram executadas 79 propriedades, somando 7.000 hectares, permitindo o assentamento de 250 famílias. Um show de competência e firmeza. Resolver as causas que levam aos



conflitos atuais no tocante ao acesso à terra é tarefa que deve envolver todos os cidadãos: é uma causa suprapartidária. Cabe aos brasileiros vivos garantir apoio às soluções que julgarem mais apropriadas. Afinal, é assim que se faz a História.

Por que uma Reforma Agrária?

- Os estudos mostram que um emprego urbano custa 10 vezes mais que um emprego de uma família inteira no meio rural. Além do mais, a maioria dos assentamentos até hoje realizados pelo Governo estão em condições miseráveis. Segundo Ulrich Menzel, economista alemão, "o impressionante é perceber que as autoridades brasileiras fogem do assunto da Reforma Agrária e, no entanto, esta deveria ser a primeira coisa a ser feita no Brasil, pelos seus custos e resultados imediatos". A Reforma Agrária inclui os projetos de colonização, que são ainda mais baratos que os de assen-

tamentos. Também inclui os projetos de ocupação na Amazônia, embora provoque uma gritaria generalizada por parte de certos estrangeiros. A verdade é que os governos brasileiros sucedem, fugindo de uma correta Reforma Agrária, como o diabo foge do cruz. E o Governo FHC também está conseguindo fugir...

É claro que o Brasil precisa de uma Reforma Agrária, pois o país apresenta uma alta concentração fundiária. As grandes propriedades, com pelo menos 1.000 hectares, representam apenas 1% do total e controlam 45,1% da área, de acordo com o Censo do IBGE (1995-1996). O levantamento de 1970 mostra que a concentração de terra aumenta, pois as propriedades mais extensas detinham, nesse ano, 39,5% da área total.

O Brasil caminha, rapidamente, para apresentar três civilizações diferentes:

- a) a civilização dos excluídos,
- b) a civilização dos pagantes de impostos,
- c) a civilização dos usufruidores dos impostos pagos.

Por sua vez, a civilização dos excluídos apresenta o Quarto Mundo (população lumpen, amargando na periferia urbana) e o Quinto Mundo (população lumpen, amargando no setor rural)

Em suma, o Governo parece não querer uma Reforma Agrária, tanto quanto não quer uma Reforma Tributária. Se ele quisesse resolver os problemas das pessoas, já o teria feito, com o poder que tem nas mãos - as "incríveis" Medidas Provisórias que já salvaram bancos e outros potentados nacionais e internacionais - mas que parece não terem sido editadas para algum significativo serviço às massas.



Como um governo neoliberal, tudo vai bem: a orientação econômica do governo FHC até pode ser positiva, tentando colocar o país na porteira do Primeiro Mundo, mas é uma pena ter-se esquecido das pessoas!

Um pouco de História – Durante a colonização, Portugal concedeu terras de domínio público em regime de sesmarias. Devido ao crescimento da agricultura extensiva voltada para a exportação, os ganhos de produtividade passaram a depender da ocupação contínua de novas terras.

No Império, a Lei de Terras estabelecia que as áreas devolutas (públicas) só podiam ser adquiridas por compra, não mais por ocupação. Além disso, a legalização restringia-se à parte efetivamente explorada e não a áreas desocupadas. Essa legislação aumentava a concentração fundiária. Após a proclamação da República, os grandes proprietários continuaram a acumular novas terras.

Só na década de 1950, com a organização dos trabalhadores rurais em sindicatos e a criação das Ligas Camponesas, a questão da distribuição de terra ganhou alguma visibilidade política. Na década de 60, o governo João Goulart ia lançar reformas de base, incluindo uma Reforma Agrária mas foi derrubado do Poder, em parte até por isso mesmo. Logo após a implantação do Regime Militar foi criado o Estatuto da Terra (1964) e, em 1970, o INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária, para coordenar a revisão da estrutura agrária e promover

a ocupação da Amazônia. O aspecto de colonização acabou superando o de Reforma Agrária.

Foi assim que o Nordeste e a Amazônia viram surgir mais de 3.000 empresas agropecuárias, todas de grande porte, com recursos incentivados. Tiveram sua importância naqueles tempos, mas não era uma Reforma Agrária para os pequenos e sim para os grandes.

Nos anos 70, as reivindicações por reformas aumentaram e os agricultores sem-terra começaram a organizar as primeiras invasões para pressionar o Governo. Surgiu, então, o MST-Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Os proprietários também se mobilizaram e criaram a UDR-União Democrática Ruralista. Com a redemocratização do país, os governos começaram a promover maior número de assentamentos. Em 1988, a Constituição determinava: "a grande propriedade que não cumprir sua função social poderá ser desapropriada para fins de Reforma Agrária". Começava aqui um processo legítimo...

Questão de falta de terra ou questão de pobreza – Se a falta de terra já é uma vergonha, a falta de renda é mais vergonhosa ainda! Muitos ideólogos estrangeiros dizem que a falta de terra é uma violação dos direitos humanos. A garantia de direitos humanos, no entanto, é uma farsa quando não se começa pela garantia de renda. Ninguém quer terra; quer renda, pois ninguém coloca terra no prato de comida. Tendo terra, o ser humano pode não ter comida mas,

tendo renda, sempre terá comida!

Em termos de renda, o Brasil é um desastre! É o país que apresenta a maior concentração de renda entre 174 nações analisadas pelo Relatório de 1999 do PNUD-Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. A renda per capita anual dos 20% mais pobres (578 dólares) é quase igual à de um país africano como a Tanzânia; é 32 vezes menor que a dos 20% mais ricos (18.563 dólares) equivalente à de uma nação europeia como a Suécia. O primeiro grupo detém apenas 2,5% dos rendimentos nacionais, enquanto o segundo concentra 64,2% do total, de acordo com os dados do Banco Mundial de 1999. O grande problema brasileiro, portanto, é um só: a questão da renda!

Uma das consequências da alta concentração de renda é o grande número de pessoas que vive em situação precária, sem acesso às condições mínimas de saúde, educação e serviços básicos. Em 1998, cerca de 15% dos brasileiros eram analfabetos; 21,2% não contavam com rede de distribuição de água; 36,1% estavam privados de redes de esgoto ou fossas sépticas!

Em 1999, cerca de 57 milhões de brasileiros – o equivalente a 35% da população – viviam em condições de pobreza, segundo o IPEA-Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Eram pessoas com renda familiar per capita inferior a meio salário mínimo (68 reais) mensal.

Apenas um percentual quase insignificante da população tinha acesso à boa formação profissional e, con-

A garantia de direitos humanos é uma farsa quando não se começa pela garantia de renda. Ninguém quer terra; quer renda, pois ninguém coloca terra no prato de comida. Tendo terra, o ser humano pode não ter comida mas, tendo renda, sempre terá comida!

sequentemente, aos melhores postos de trabalho e rendimentos. Essa pequena parcela conseguia transferir a educação de qualidade às gerações seguintes, perpetuando o acúmulo de riqueza e mantendo a exclusão da maioria. *Quo usque tandem?*

O Brasil vai mal? Nem tanto. Entre 1990 e 1996 o número absoluto de pobres diminuiu de 67,5 milhões para 55 milhões; a quantidade de indigentes — pessoas que vivem com menos de 50 reais mensais — apresentou retração de 33 para 21,4 milhões. O doente está deitado em berço esplêndido, apenas isso!

Vivendo com o mínimo — Repetindo: a garantia de direitos humanos é uma farsa quando não se começa pela garantia de renda. Basta este axioma para remeter os gritadores internacionais para o brejo. É uma quimera pensar que quem está na miséria pode usufruir os direitos que os que estão fora dela usufruem.

E, então, surge a grande pergunta: para que enviar populações para o campo se não vão ter condições de obter renda mínima com as mercadorias que, porventura, conseguirem produzir? Estarão apenas aumentando o exército de deserdados da sorte que já estão no campo, sobrevivendo

a duras penas, depois de — um dia — terem comprado ou herdado um pedaço de terra. Falar em Reforma Agrária, portanto, pode ser apenas uma hipocrisia a mais — se não abordar, de princípio, a questão da renda mínima.

Há quem diga que o fornecimento de uma renda mínima vai induzir a população ao ócio. Na verdade, o ócio é próprio de uma pequena faixa de pobres que fica nos botequins e tam-

Para que enviar populações para o campo se não vão ter condições de obter renda mínima com as mercadorias que, porventura, conseguirem produzir? Estarão apenas aumentando o exército de deserdados da sorte que já estão no campo...

bém de uma pequena faixa de ricos que fica nas boates. Este segmento existe mas não é representativo, podendo ser desprezado. A maioria, no entanto, tem aspirações que, ao receber uma renda mínima garantida, buscará o progresso para ter mais e mais coisas, mais e mais sabedoria. Existe uma lei do crescimento embutida na alma do ser humano e é isto que o diferencia dos brutos.

Essa idéia de redistribuição de renda e manutenção de uma renda mínima para o cidadão é velha: Joan Robinson, na década de 30, na Inglaterra; Milton Friedman nos EUA; Tobin nos EUA; Popper, em 1947, etc. Atualmente, o governo norte-americano complementa a renda, garantindo um mínimo para aqueles que estão empregados. Já seria um bom começo, tanto quanto o "seguro-desemprego"

no Brasil. É deveras lamentável notar que o Brasil insiste em importar os maus procedimentos de outras nações, esquecendo os bons.

Existe o Programa de Garantia de Renda Mínima para as famílias com renda inferior a 68 reais per capita e que tenham crianças de 7-14 anos matriculados na escola. Criado em 1997, os primeiros convênios só foram assinados em Abril de 1999, com a meta de atender 1,4 milhão de famílias em 1,2 mil municípios. Até outubro, no entanto, apenas 298 mil famílias de 573 municípios haviam sido beneficiados. O valor repassado pelo Governo Federal foi de 30,6 milhões, recebendo cada família cerca de 35,60 reais. Muito pouco dinheiro para muito resultado...

Na verdade, quanto menor o abismo social, maior será o consumo, levando à felicidade social tão almejada, com emprego pleno. O PGRM visa atender, primeiro, os pobres de 60 anos ou mais; na segunda fase, os acima de 54 anos; depois os acima de 49 anos; e assim por diante até chegar à classe de 24 anos.

O programa proposto seria transitório até o país sair da grave situação em que se encontra. Uma solução seria substituir certas importações danosas, de bugigangas industrializadas, por incremento da produção brasileira desses mesmos bens ou simplesmente voltando os olhos para o campo onde está a salda mais estável, concreta, durável e sustentável para a pobreza brasileira. De fato, o campo brasileiro está merecendo uma Reforma Agrária competente.

E, agora, a notícia triste: o PGRM-Programa de Garantia da Renda Mínima já entrou na pauta do Congresso várias vezes mas nunca conseguiu passar adiante. Por quê?





Parte 2

A gangorra da Reforma Agrária

"Afiml, o que pretende a Reforma Agrária do atual Governo FHC"?

1 - Alguém quer terra? - Uma pessoa simples, cidadão, eleitor, com vocação para a produção rural, poderá viajar até onde o sol se põe e lá conseguirá comprar um pedaço de terra para sua família, por alguns trocados. Assim, terra existe, basta ir até onde ela está... Como todo pioneiro sempre fez. Eles sofreram e conseguiram abrir novas terras. E ainda existem milhões e milhões de hectares para serem desbravados, que podem ser adquiridos a preços irrisórios - mas ninguém quer ir até lá.

Silenciosamente, sem propaganda nas televisões, os novos pioneiros continuam indo para lá, mas nenhum pertence ao MST-Movimento dos Sem-Terra e, por isso, inexistem para a imprensa em geral. Eles, no entanto, estão no mapa, estão derrubando

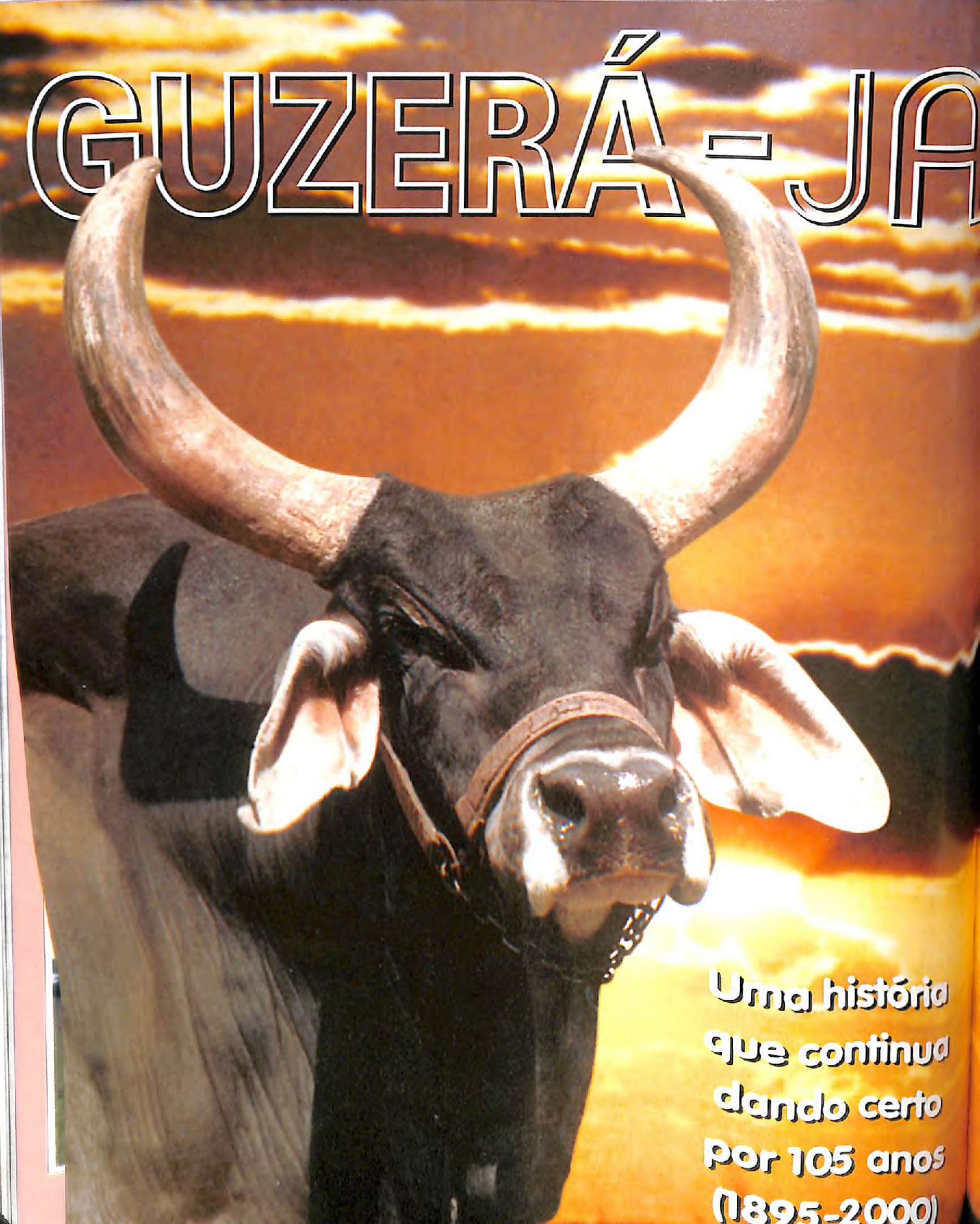
matos e plantando a terra! A ocupação de novas áreas é silenciosamente feita a preço barato, não existe apoio do Governo, nem o ministro alardeia ter gasto R\$ 7 bilhões com tais pioneiros que, de fato, colocam a terra em produção. Os dados do INCRA ou do Ministério do Meio Ambiente mostram essas ocupações... Por outro lado, no final de 1999, o relatório ministerial mostra superindenações que somam mais de R\$ 7,0 bilhões e que seriam suficientes para assentar 300.000 famílias de agricultores.

Chega-se, então, a uma constatação pífia: "o MST não quer apenas ocupar terras "novas", mas sim aquelas que já estão "exploradas há longo tempo". Ou seja, o MST quer "também punir" o fazendeiro", o dono-da-

terra... Algo como os soviets fizeram logo após a Revolução de 1917: puniram os proprietários das terras, trocaram-nos pelos mujiques e, estes, sem competência para a tarefa de produzir alimentos, foram depois, fuzilados por Stalin. Milhões morreram, segundo está muito claro no livro "Trosky" - talvez mais de 35 milhões! Morreram para não verem suas minúsculas propriedades saqueadas pelo coletivismo usurpador, em meio à maior orgia já registrada na História da Humanidade! Foi a apoteose da Reforma Agrária de lá...

Voltando ao Brasil, eis o paradoxo: os pioneiros do século XX desbravaram novas fronteiras, ajudaram a construir o Brasil da atualidade, amargaram derrotas contra o clima, contra bandoleiros, contra feras, contra a

GUZERÁ - JA



Uma história
que continua
dando certo
por 105 anos
(1895-2000)

MANSO LEITEIRO MANTEIGUEIRO

GUZERÁ-JA

desde

1895

JOÃO DE ABREU JÚNIOR (1895-1949) - ALLYRIO JORDÃO DE ABREU (1949 -1997)



Fazenda CANAÃ

Sucessores de Allyrio Jordão de Abreu
Boa Sorte Distrito de Cantagalo, RJ

(24) 553-1112
522-2889
(21) 285-5276

Outro exemplo: bastaria dobrar o triplicar as terras nas mãos dos atuais proprietários de microfundios, ou seja, estabelecimentos com menos de 20 hectares. São 1.129.381 produtores segundo o IBGE, mas somente 856.108 proprietários. Entregaria pr

meiro para os atuais arrendatários, parceiros e ocupantes que somam 273.273 produtores de bom calibre. Isso, sim, seria uma forma de aumentar a produção – sem qualquer dúvida!

Um grande contra-senso é expulsar 1.000 pessoas do campo para assentar, com estardalhaço eleitoral, outras 100. E aqueles 1.000 que foram expulsos tinham tradição, eram produtores. Em seu lugar, o Governo assenta pessoas que têm, ou não têm, vocação para o manejo da terra. E ainda trombeteia que sua Reforma Agrária tem como um dos objetivos aumentar a produção de alimentos!

O meio rural brasileiro tem 4,8 milhões de propriedades – garante o IBGE (1995-96). Praticamente 2,95 milhões de proprietários são donos de uma parcela minúscula. Só na pecuária brasileira, existem 1.849.381 proprietários; 60.206 arrendatários; 60.422 parceiros e 218.883 ocupantes de terras – incluindo aqueles dedicados à produção mista (lavoura e pecuária) – totalizando 2.188.892 pessoas explorando a terra com gado. A maior quantidade de rurícolas encontra-se nos estabelecimentos com áreas entre 5 a 200 hectares – somando 1.710.114 pessoas, ou 78,13% do total. A máxima concentração está nas propriedades de 20-50 hectares, com 433.502 usuários; seguida pela faixa de 10-20 hectares, com 330.603 usuários. Assim, é fácil observar que – dos 4,8 milhões de proprietários – mais de 4,0 milhões dominam terras com menos de 500 hectares, sendo que a grande maioria sobrevive em áreas com menos de 20 hectares!

Este imenso “exército” rural está trabalhando e gostaria de ter, ou Crédito Rural compatível incentivado, ou ganhar de presente um pedaço de terra a mais. Aí, sim, a produção brasileira seria multiplicada. A lógica manda atender, primeiro, a esse formidável “exército de trabalhadores do campo” e, depois, o resto...

4 – O Governo quer garantir terra para quem tem competência e tradição no assunto? Nada disso. Se quisesse, bastaria abrir um Programa de Desbravamento em regiões longínquas, garantindo o acesso e o escoamento da produção para aqueles que têm “carteira-assinada”, hoje, nas propriedades rurais. Ou seja, daria uma chance para Administradores, Zootecnistas, Gerentes, Veterinários, Agrônomos, Ecólogos, Topógrafos, Vaqueiros, Ordenhadores, Campeiros,



etc. Seria uma “premiação” aos vencedores do campo. Seria algo como uma nova “marcha para o oeste”, levando pessoas competentes para produzir...

Nas propriedades rurais existem mais de 2,0 milhões de pessoas que sonham em ter seu pedacinho de chão e, enquanto isso, vão trabalhando na terra de outros. São pessoas decentes e não baderneiros, nem invasores. São pessoas que merecem confiança, pois permanecem pobres, mas sempre no trabalho. Se não houver bom senso, o Governo facilmente acabará premiando o bandido e punindo o detetive!

O Censo (1995-96) mostra que estavam em exploração 353,6 milhões de hectares, sendo que 60,49% com pecuária, (somando 213,9 milhões de hectares), seguida pela lavoura temporária, com 17,82%, (somando 63,0 milhões). Supondo que 20% da área empregada em “produção mista” (lavoura e pecuária), soma 36,6 milhões tem-se que a pecuária estaria ocupando 250,5 milhões de hectares do território ocupado brasileiro, correspondendo a 62,56% do total nacional. Ou seja, para cada 3 hectares explorados, cerca de 2 estão viabilizados com bovinos. Por que bovinos? Porque onde vai o boi, a civilização humana vai atrás...

5 – O Governo quer a felicidade para a pequena propriedade rural? - Claro que não. O Governo decretou o fim das propriedades que ele denomina de “ineficientes” na produção de leite, ou seja, das pequenas e médias, que somam quase 1,8 milhão no país – cuja renda básica é o leite! O que acontecerá no segundo capítulo? É claro que vai haver clandestinagem por toda parte; depois haverá a venda galopante de propriedades; depois será a vez da introdu-

ção maciça de vacas européias para aumentar a produtividade das propriedades que se ajustarem. E, no futuro, essas fabulosas vacas estarão morrendo, depois de gastarem fábulas de antibióticos e outros remédios, pois mudar a propriedade é fácil, difícil é mudar o clima! Assim como o frango norte-americano encheu a população humana de hormônios (apesar de muitos médicos afirmarem o contrário), também o leite encherá a população de resíduos fármacos (apesar de muitos médicos afirmarem o contrário). Depois de passados vários governos, os fazendeiros começarão a retornar às vacas tropicalizadas, como medida de economia, porque “governos passam” e “o trabalho precisa continuar”, “as crianças precisam de leite”, etc. Ou seja, na hora de economizar dinheiro, como sempre, as vacas tropicalizadas mostrarão sua superioridade – com ou sem globalização. Mas, até lá, uma formidável montanha de dinheiro terá sido gasta, enriquecendo muita gente esperta...

Alguém pode ser contra a modernização do setor leiteiro? Jamais. O Governo já deveria ter permitido essa modernização, beneficiando mais de 2,5 milhões de propriedades no país. Por que o desfrute leiteiro é tão baixo? Porque as vacas não são “tropicalizadas”, porque o produtor é um pária na sociedade, porque não vale a pena, porque os impostos são escorchantes, etc. etc. Enfim, por culpa do Governo que, agora, de repente, quer posar de “modernista” e lança uma Lei para proibir a produção em todas as propriedades que não preencherem certos requisitos.

O governo nunca exigiu a adequada remuneração pelo teor de gordura ou de proteína. Praticamente nunca incentivou o produtor de leite e suas vacas. Pelo contrário, periodicamen-

NA CARNAÚBA TEMOS MANIA DE BALDE CHEIO EM GUZERÁ, SINDI E CAPRINOS



DEMORA-D - 3.943 Kg - 5,2%



CARTOLA-D - Máx: 16,8 Kg/dia



CANDEEIRO-D (Sacado)



CARREIRO-D (Sacado/Malva)



ABAFA-D - 3.445Kg - 6,7%



FUTURISTA-D - 3.674 Kg



ESTIVA-D - 3.224 Kg



Maior rebanho Sindi do Brasil.



Ovinos Cabugi.



Ovinos Barriga Negra.



Ovinos Cariri.



Ovinos Morada Nova.



Caprinos Azul.



Ordenha diária de caprinos e bovinos.

Desde 1934, a Fazenda Carnaúba desenvolve experiências de manejo do solo e das plantas do semi-árido nordestino. Hoje, é a fazenda mais visitada do Nordeste.

A Carnaúba mantém um latifúcio padronizado e ali beneficia 1.800 litros de leite/dia.

Seus queijos e outros produtos lácteos são reconhecidos pela excelência e fino trato.

O Controle Leiteiro Oficial é



TRIGUEIRO-D (JOANA-D, 5,118Kg, 6,1%)



ALOPRADO-D (JOANA-D, 5,118Kg, 6,1%)



Caprinos Moxotó, leiteiro.



Caprinos Graúna, leiteira.



Caprinos Murciana, caoba, leiteiros.

mantido em todos os anos, apesar dos ciclos secos.

Muitos trabalhos científicos já foram elaborados na Carnaúba. Agora, com sistema próprio de computação.

Quando alguém quer conhecer a CAATINGA, o caminho é um só: conhecer a **Fazenda CARNAÚBA**.



Sindi: raça leiteira, de deserto.



Caprinos Murciana, leiteiro.



Caprinos Parda Alpina, leiteiros.



Caprinos Murciana, leiteiros.

- **GUZERÁ**
- **SINDI**
- **CAPRINOS**
- **OVINOS**



Laticínio próprio na fazenda.

GUZERÁ-D
desde 1934

Tradição
em Sertão
Nordestino

MANOEL DANTAS VILAR FILHO

Fazenda CARNAÚBA
Taperoá – PB
Rua Manoel Dantas Vilar, 1
CEP: 58680-000
Fone: (83) 463-2213

- **Guzerá** desde 1934. Ordenha diária.
- **Sindi**. Ordenha diária.
- **Caprinos**: Parda, Moxotó, Murciana (negra e caoba), Azul, Graúna.
- **Ovinos**: Santa Inês, Morada Nova, Barriga Negra, Cabugi, Cariri.
- **Laticínio próprio na fazenda.**

te o perseguia e punia, dizendo estar defendendo a "sociedade urbana".

Para onde irão os desempregados dessas 1,8 milhão de propriedades? O que farão esses proprietários? Bom, o Governo não quer nem saber...

6 – O Governo quer garantir “bem-estar social” para os “sem-terra”? Claro que não. Bastaria o Governo criar um Programa que estimulasse os fazendeiros a empregar um certo número de pessoas, em troca de certos créditos para a produção. Na terra do desemprego, neste governo de FHC, uma “carteira-assinada” é uma bênção na maioria dos lares – um seguro sinal de bem-estar social. Afinal, de que adianta imobilizar milhões de hectares que mal sustentarão seus proprietários? Seria preferível colocar esses hectares em produção para beneficiar a sociedade em geral. Francisco Graziano afirmava que “talvez um bom emprego seja preferível ao assentamento” – ele não estava errado (Graziano, 1996, p. 19). É claro que o salário não precisa ser encarado como “esmola”, uma vez que ele permite ao cidadão a reconstrução de sua vida e reinserção social ati-

va ou, em outras palavras, a restituição da dignidade. O melhor seria, obviamente, ter terra e ter renda!

No item 2 acima, está claro que 4,0 milhões de propriedades são pequenas, e a maioria é minúscula. Bastaria favorecer a ampliação, ou junção dessas propriedades, condicionando à abertura de novos postos de trabalho. Mais de 2,0 milhões de empregos surgiriam do dia para a noite!

É sabido que basta um aumento de 7% na área de plantio para gerar 2 milhões de novos empregos. Um simples aumento de 10% na pecuária geraria um aumento de 800.000 empregos no campo. Resta perguntar: “se houver empregos no campo, então para quê existiria um movimento popular de Reforma Agrária”? Ou o Governo quer produção, ou quer um Movimento pela Reforma Agrária. Parece que ele optou pelo segundo ca-

minho...

Nos assentamentos oficiais do Mato Grosso, 66% das residências não apresentam esgoto, nem sequer uma fossa. E em 61% a água vem do poço, cisterna, rio, córrego ou açude. A energia elétrica está em 60% dos domicílios. Apenas 17% usam tratores. 57% dos equipamentos são comunitários. Não se pode falar em “melhoria de vida” diante dessas estatísticas.

7 – O Governo quer garantir “dignidade e cidadania” para o “sem-terra”? Na verdade, mesmo sem saber, os “sem-terra” estão correndo atrás de “dignidade” e não de “terra”. A política econômica de FHC acabou de liquidar o resto de dignidade que



persistia no homem pobre do campo. O pequeno proprietário passou a ser enxergado como um inadimplente, um pária a mais dentro da globalização e do neoliberalismo. Perdendo tudo, casa, terra ou fonte de renda, tratou de correr atrás do “sonho” que restou – que era seu pedacinho de chão. Daí surgiu o nome de “sem-terra”. Na verdade, é um “sem-dignidade”, igual a um “mujique” da velha Rússia.

Por outro lado, existem outros “sem-dignidade”, tais como os sem-teto urbanos, os sem-emprego, os sem-acesso à Educação, os sem-acesso à Saúde, etc. O brasileiro está se tornando um “sem-dignidade”, está sendo assaltado em cada esquina, tanto por bandidos como pela ganância de fiscais, policiais, etc. Tudo pode ser resumido como voracidade do Governo que quer mais e mais impostos para manter o “status-quo” atual

Para garantir dignidade, o governo primeiramente deveria facilitar o pagamento pelo esforço realizado, ou seja, devia providenciar empregos. Uma vez que, claramente, esse não vem sendo um Governo promotor de empregos (produtivos), então não tem autoridade para discursar sobre “bem-estar social”, ou sobre “progresso” humano, pois deixou faltar a base de tudo, que é a “dignidade” do cidadão. Cidadão sem dignidade resulta em baderna com certeza!

8 – O Governo quer garantir que o trabalhador rural tenha direito a produzir sua comida? Os próprios moradores de fazendas com carteira assinada, estão prefe-

rindo comprar alimentos no povoado, pois acaba sendo mais barato do que produzi-los. Cada vez mais, a produção irá ganhando escala, barateando o preço final ao consumidor e, assim, o pequeno produtor estará sendo alijado do mercado fornecedor. Em sua pequeníssima terra, poderá plantar e colher apenas para sua subsistência – como já o fazem mais de 4,0 milhões de proprietários. Então, para quê Reforma Agrária nessa

direção?

9 – O Governo quer “desfavorecer” as cidades por meio da Reforma Agrária? Claro que não, pois em nenhum momento houve um “convite” para estimular pessoas a deixarem a cidade em direção ao campo.

Ao mesmo tempo, “em 1997, o Brasil consumiu com internação e tratamento de vítimas da criminalidade cerca de 1,9% do PIB, ou 15 bilhões de dólares. De cada 4 dólares gastos com saúde, 1 foi para as vítimas de violência, na guerra contra os marginais urbanos. Ao se somarem os gastos com polícia, segurança privada, prisões e tribunais, a conta sobe para assombrosos 55 bilhões de dólares! Uma montanha de dinheiro que poderia ser empregada de forma mais produtiva (dados do BID-Banco Interamericano de Desenvolvimento). O

Brasil foi colocado entre os 5 países mais violentos do mundo, ao lado da Colômbia, El Salvador, México, Peru e Venezuela.

Tudo porque o Governo não enxerga as pessoas, a desesperança, a falhada. O Governo é o culpado mas as pessoas é que sofrem. Segundo Keynes "em situação como essa é importante dar emprego, nem que seja para cavar buracos e tapá-los em seguida". Keynes não pensava em trabalho mas sim em renda mínima, em poder de compra. Modernamente, a montanha de impostos arrancadas da população indefesa é canalizada para tapar buracos das contas dele, do Governo, mas quase nunca para melhorar a vida das pessoas. Apenas o discurso político inclui promessas de melhoramento para as camadas pobres e, como todo discurso, acaba dando em nada. Uma triste herança do governo FHC...

10 - A pequena gleba é viável?

- São 4,8 milhões de propriedades rurais no país. Dentre elas, 4,0 milhões são pequenas e mais de 3,0 milhões são minúsculas. A imensa maioria não atinge uma área de 20 hectares!

A agricultura, cada vez mais mecanizada, exige grandes investimentos tecnológicos para garantir níveis altos de produtividade. Assim, as culturas de exportação vão apresentando crescimento, acumulando recursos e adquirindo mais terras; enquanto as culturas destinadas ao mercado interno estão estagnadas ou em queda. Enquanto isso, as pequenas glebas mal se sustentam no nível da subsistência. Modernamente, a maioria delas prefere obter renda alugando sua própria mão-de-obra para os vizinhos e comprando os alimentos no povoado - uma visão, no mínimo, muito estranha para um Governo que diz apoiar uma Reforma Agrária!

11 - O Governo quer mesmo fixar o Homem no campo? - É fácil observar o procedimento das nações ricas. Os europeus alegam, sempre, que precisam manter os produtores no campo, até como medida de segurança alimentar da população, e também por motivo de "segurança nacional". Para isso, evitam sua migração para as cidades, pagando-lhes uma renda em torno de US\$ 800 mensais (ou cerca de R\$ 1 440,00/mês), valor esse que não conseguiriam com

Bastaria favorecer a ampliação, ou junção dessas propriedades, condicionando à abertura de novos postos de trabalho. Mais de 2,0 milhões de empregos surgiriam do dia para a noite!

suas pequenas propriedades que mal chegam a 25 hectares na média. Os europeus adoram e respeitam seu próprio solo! E até pagam por isso! É claro que eles irão, sempre, proteger sua terra. No Brasil, o Governo pressiona os rurícolas, levando-os ao desespero a ponto de fugirem em direção às cidades, onde irão provocar enormes "rombos" nas contas da nação. Sem dúvida, seria mais barato mantê-los na própria terra.

Com um mínimo de estímulo e recursos, mais de 4,0 milhões de propriedades poderiam aumentar a produção e gerar milhões de empregos. Mais barato do que apostar numa Reforma Agrária lotérica!

12 - Existe terra boa para a Reforma Agrária? Segundo Ailton Barcelos Fernandes, durante o 2º Congresso de Agribusiness, o Brasil apresenta algumas regiões que são verdadeiros "fenômenos" de potenciali-



dade, como a Baixada dos Parecis, em Mato Grosso. Ali está a maior área contínua agricultável do mundo, com 30 milhões de hectares. "Só ali" garante o palestrante - "é possível fazer dois Brasis, dobrando tudo o que produzimos hoje, e com folga, num piscar de olhos. Cerca de 170 milhões de toneladas. Será muito? Nada disso, ainda é pouco. Com os 850 milhões de hectares do país, dos quais 350 ainda inexplorados, existe

a possibilidade de produzir 500 milhões de toneladas de grãos, facilmente. O país pode produzir 240 milhões de toneladas de milho, e outras 260 milhões de toneladas de soja para abastecer o mundo, de forma competente e ambientalmente responsável. E, ao lado dos grãos, pode produzir muitas outras coisas. Esse é o Brasil de verdade, e não esse Brasilzinho fazendo festas comemorando uma "super-safra de apenas 90 milhões de toneladas de grãos". Se o governo enxergasse o chão brasileiro, e incentivasse o homem que produz riquezas na terra, o país seria outro...

Erros grosseiros acontecem na implementação da atual Reforma Agrária. Por incrível que pareça, os 30 assentamentos de Reforma Agrária do Mato Grosso ocupam terras que não preenchem os requisitos do próprio INCRA. Nesse caso, tais terras deveriam ser devolvidas a seus antigos proprietários. O Governo teria coragem de o fazer? (*Dados da pesquisa "Vox Populi", encomendada pelo CNA e da pesquisa realizada no Mato Grosso, pelo Ministério Extraordinário de Política Fundiária e o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, com execução pela UFMS. Dados publicados no órgão informativo da Federação de Agricultura do MS e do SENAR-AR/MS, n.9*)

13 - O MST é competente? - O MST tem sua raiz imediata na expulsão de 1.200 arrendatários de ascendência europeia pelos índios Kaingang da reserva de Nonoai. Estes colonos exploravam as terras dos índios, que viviam na miséria, pagando à Funai um infimo arrendamento, além de impedir que os índios as cultivassem. Ao serem expulsos, deram início ao MST (*Stedile & Fernandes, 1999. p.25-26*).

O MST tem agido com muito acerto, em termos políticos, pois o movimento não possui vínculos com nenhum partido. De fato, a questão agrária que exige uma Reforma Agrária é suprapartidária. Esta tem sido a grande vitória do MST. Se os mentores do movimento se filiarem ou mesmo fundarem um partido deixarão de prestar um serviço aos pobres da terra e, certamente, apenas conseguirão apagar as lutas do passado.

Em 1992, o MST criou a Confederação das Cooperativas da Reforma Agrária (CONCRAB) para cuidar da produção, da comercialização, da tecnologia, da agroindústria e do crédito rural. Até abril de 1999 havia cerca de 79,5 mil famílias de 843 assentamentos integradas a cooperativas ligadas à CONCRAB, um crescimento de quase 600% em relação a 1997. Um show de competência!

Para combater o analfabetismo que atinge 43% dos assentados, o Governo começou a implementar em 1998 o Pronera-Programa Nacional da Educação na Reforma Agrária. Em 1999 atendia 73.470 alunos, jovens e adultos, em 16 Estados. O MST possui 1.000 escolas de 1ª a 4ª série do ensino fundamental e 50 escolas de 5ª-8ª série em acampamentos e assentamentos, com aproximadamente 95.000 crianças e adolescentes. Nelas, lecionam 2,8 mil professores, sendo 1,0 mil com habilitação para o magistério. Também há seis escolas itinerantes no Rio Grande do Sul para acompanhar as crianças dos acampamentos que mudam de lugar constantemente, somando 516 alunos, tendo sido esse tipo de ensino aprovado em 1996 pelo Conselho Estadual de Educação do Estado. Trata-se de um "sistema de ensino" paralelo ao federal! Ao mesmo tempo, milhares de pequenas escolas privadas foram condenadas e fechadas, nas cidades. Dois pesos e duas medidas?

Desde 1998 aconteceram 1.100 conflitos pela posse da terra. Em 1997 foram 736. As invasões somaram 599 envolvendo 76.482 famílias, registrando 47 assassinatos, 46 tentativas de homicídio e 89 ameaças de morte. O número de ocupações cresce em todas as regiões, exceto no Norte. O Nordeste lidera o número de invasões (244), das quais mais de 50% acontecem em Pernambuco, sobretudo na Zona da Mata, fato atribuído à crise do setor de açúcar e álcool e à seca. Em seguida vem o Sudeste, com 137 invasões, das quais 78 só em São



Paulo. Nas regiões Sul e Centro Oeste os Estados com maior número de ocupações são, respectivamente, Paraná e Mato Grosso do Sul.

O MST, portanto, é um movimento real, palpável, tem um objetivo sólido, mesmo que equivocado. Como pode o Governo despejar dinheiro para ajudar a campanha do MST se, ao mesmo tempo, vem liquidando as pequenas propriedades do país? Se o Governo quer a modernização do setor rural, a qualquer preço (como vem fazendo) então a Reforma Agrária não deveria se pautar pelo acesso a uma minúscula fatia de terra. Há uma enorme incongruência no comportamento governamental...

A Reforma Agrária já distribuiu 22 milhões de hectares – uma área maior que a soma da Bélgica, Áustria, Portugal e Holanda – muita terra que poderia estar gerando milhões de toneladas de alimentos para o país. Nessas terras, o governo garante que assentou 618.000 famílias, sendo 400.000 somente no governo FHC. Seriam 618 mil produtores a mais, no campo, juntando-se aos 5,0 milhões que já existem e que – quando conseguem – vendem tudo e vão embora para a cidade. Ou seja, por um lado, o governo exibe a imagem de "pai-bonzinho doador de terras" e, pelo outro lado, assina decretos e leis que expulsam os tradicionais donos de pequenas áreas... Uma hipocrisia lamentável!

Em termos de produção, a Reforma Agrária é um desastre. Um lote no assentamento produz 60 sacas milho/ha mas um fazendeiro particular produz 160. O assentado produz 50 sacas de soja, enquanto o mesmo fazendeiro privado produz 100. produz 30 de feijão, enquanto o fazendeiro produz 60. São dados apenas dos lotes considerados "produtivos" pois os lotes abandonados nem entram nas estatísticas. Um resultado de dar

pena, um desastre de logística e de competência!

14 – Pode haver Reforma Agrária competente? - A iniciativa privada vem fazendo sua Reforma Agrária, com os olhos voltados para a produção. É o caso do PRODECER (Programa de Cooperação Nipo-Brasileira para o Desenvolvimento dos Cerrados) que, decorridos 20 anos da implantação de seu primeiro projeto, traz resultados que impressionam. Para a incorporação de 350 mil hectares de cerrado, em sete estados brasileiros (MG, GO, MS, MT, BA, MA e TO), foram necessários investimentos de 570 milhões de dólares em 20 anos. (Que flagrante diferença dos 7 bilhões gastos só nos últimos 4 anos com a Reforma Agrária do Governo)

Essa "reforma agrária privada" vitoriosa gerou 20 mil empregos diretos e 40 mil indiretos. A produção anual de grãos é de 620 mil toneladas, além de mais de 1 milhão de toneladas pelo efeito multiplicador. São 21 projetos de colonização implantados sob o amparo do Programa, 758 produtores individuais assentados através de cooperativas e/ou associação de produtores.

Somente nesse programa (existem outros bem sucedidos pelo país) as receitas anuais para os produtores giram em torno de US\$ 165 milhões, o que representa uma renda anual per capita de US\$ 217.678, ou US\$ 18.139 mensais, com a arrecadação de US\$ 30 milhões em impostos. Ou seja, é uma Reforma Agrária que até paga impostos pela produção obtida! E mais: sem invasões, sem discursos inflamados, sem cobertura da imprensa, sem falastronices de ministro, sem hipocrisia de presidente, sem nada. Tudo reduzido ao máximo silêncio e à máxima eficiência.



Regional

Secas, política agrícola, crédito rural:

Nordeste: Os vendilhões do templo continuam soltos

Manelito, ou "doutor Manelito" é cognominado de "Bruxo do Cariri", pois tem sobrevivido aos ataques de secas, de governos, de políticos e – ao mesmo tempo – é conselheiro de outros governos, de outros políticos, de outros economistas, os quais seguem em "romarias" até sua fazenda para escutar o líder que tem voz de trovão! Uma coisa é certa: dentre os governantes e líderes que passaram pelo Nordeste nestes últimos 30 anos, o único gigante que ficará na História é o Dr. Manelito – garantem os que conhecem seus feitos, suas descobertas, sua abnegação nos estudos de convivência com as secas. Mas a arrogância, o cinismo e o sarcasmo das autoridades que lidam como o Nordeste, podem liquidar todo seu patrimônio de descobertas, corroendo-o por meio do irrealismo que campeia solto nos órgãos públicos...

E preciso tratar a seca do semi-árido intertropical como peculiar, até porque não existem desertos plenos nos trópicos, como um fenômeno natural. No Nordeste, o semi-árido abrange 80% da área e metade da população.

- É peculiar porque, não existindo cereal xerófilo, a pecuária de ruminantes sobre vegetais perenes é a atividade produtiva que melhor resiste às mudanças do clima.
- É peculiar porque mais de 90% das terras nordestinas não são irrigá-

veis artificialmente. Falar em irrigação é quase um tresloucamento!

- É peculiar porque, embora a seca não possa ser resolvida por meio de ações espasmódicas, nenhum governante nordestino ainda incluiu nos seus planos de mandato, se ocupar assiduamente com ela, apesar da assiduidade com que ela ocorre.

- É peculiar porque Instituições de ensino ou de pesquisa agrária da região nunca tiveram a seca como referência para sua criação, sua ideologia e funcionamento.

Por conta de tamanha alienação, o sertanejo se desgasta em preencher papéis nos gabinetes públicos ou de Crédito Rural, enquanto a seca vai corroendo sua existência e sua potencialidade. De resto, as autoridades não estudam Política Agrícola, deixando o Crédito Rural – que é componente intrínseco de qualquer sistema agrário de produção – à mercê do arbítrio de burocratas urbanóides que sequer entraram numa fazenda, para saber como funciona.

Garante Manelito (*) que "a experiência e a consciência adquiridas no convívio com as secas levam a um incrível contraste: de um lado, o que existe como o possível-de-ser feito e, do outro, o que realmente se faz. Para ele, os discursos das autoridades já se tornaram enfadonhos pois indicam, por sua pompa, que nada será realizado de duradouro. Muito gongorismo para pouco laborismo! De fato, os discursos, programas e projetos sobre o semi-árido são uma refeição indigesta, pois deitam raízes no irreal e nunca no que é real. Desde os camelos

importados por D. Pedro II, a cantilena é a mesma: santos de pau-oco, discursos ocos! Não há cristão que consiga ler a montanha de estudos, projetos, programas e consultorias nacionais e internacionais já realizadas sobre o sertão semi-árido. Na hora de fazer, de deixar o sertanejo fazer, de levar o produtor a produzir... nada! Ele, o catingueiro, está lá, sozinho, na imensidão. É ele e Deus!

Por isso, a sensação imediata diante de um veranico é paralisante, de impotência, de bloqueio do trabalho e da perspectiva de produzir. Para piorar, se juntar o cansaço de tanto escapar do destino. Na verdade, o sertanejo produtivo vive driblando o desencontro entre a realidade da Zona Seca e os procedimentos institucionais que deveriam ajudá-lo, mas não o fazem. Quando se encadeiam anos ruins, aí tudo fica muito pior, augurando o desastre.

Buscando a luz - Qual é a realidade? A relação do sertanejo com o semi-árido é intensa, profunda e inevitável. Guimarães Rosa ensinou que "o sertão é uma longa espera..." mas Manelito vai além, lembrando outras passagens do famoso escritor das secas lembrando que "a coragem é matéria de outras praxes, é crer nos impossíveis...". Só existe um caminho: aceitar que, quando o medo vai ficando maior do que a esperança, é hora de reagir, para continuar vivendo. Diz Manelito que "é melancólico olhar para além da fazenda, e enxergar o fatalismo dos outros sertanejos, conformados que se tornaram, devido ao abandono essencial, restando-lhes apenas a crença nos designios de Deus". De fato, querer encarar a seca sob uma dimensão política é tentar praticar a translucidência filosófica, é querer enxergar o inexistente — coisa que ninguém aguenta por muitos anos consecutivos.

Manelito, o cientista das terras do Cariri, velho lutador, está à procura de quem possa resolver essa peleja: a da decisão política de fazer o que é próprio, para acudir, realmente, milhões de brasileiros e converter, também do ponto de vista da produção e da prosperidade, o semi-árido nordestino num bom pedaço do Brasil.

Não se trata de um visionário a mais. Manelito é da geração que fez a cabeça quando os desequilíbrios regionais eram uma prioridade política do Brasil de então. Belos tempos da instalação da capital no Centro Oes-

te, da concepção da SUDENE, da expansão das estradas para o Norte, etc. Belos tempos que, além de elevar a auto-estima dos brasileiros, fazia pensar que o país do futuro ia desembocando na nação do presente.

Confessa o mestre das caatingas que "a impressão atual é que revogaram esse quadro, que essa cultura foi apagada da memória do Governo do Brasil e que o Nordeste seco só existe a partir da ênfase do jornal da TV Globo sobre suas tragédias comezinhas".

De fato, o que perambula por aí, como inspiração e doutrina é um falso internacionalismo, uma "globalização" caricatural e grotesca com que se tenta justificar tudo de ruim. Tenta



implantar uma "filosofia de mercado" que, evidentemente, não vai se interessar por equilíbrios nacionais e, muito menos, por flagelados das secas nordestinas. Ou seja, uma doutrina em que as pessoas são excluídas, em que as potencialidades e realizações regionais são desprezadas.

O exemplo da História - O que resta do passado? Muito pouco. Cada seca gerou, desde o outro século, alguma iniciativa em relação ao Nordeste mas que, independente do mérito, sempre foi sistematicamente esvaziada ou descontinuada no tempo tão logo as chuvas voltaram a cair. O Nordeste parece só existir para atender à necessidade de manchetes pitorescas nos jornais algemados pelas polpudas verbas federais. Na História, as poucas iniciativas só ocorreram a partir do Governo Central e, como afirma Manelito, "ali o nordestino nunca teve vez e hoje campeia uma tal de equipe econômica que mais parece coisa do inverso do Brasil verdadeiro".

O maior ciclo seco da modernidade, de 1978-83 nem sequer pariu uma nova iniciativa. As secas seguintes — 1990 e 1993 — foram terríveis, e agora o semi-árido está metido noutro tempo brabo, sem vislumbrar nenhuma mudança de postura, o que é mais do que de lascas... E, como na Grande Seca de 1978-83, esse período também está prognosticado mas engavetado para reservar dividendos eleitoreiros para o partido de plantão, no Planalto.

A leitura crítica do passado, o escutar dos que viram, a indagação à História e o benefício da sabedoria retrospectiva, ajudam muito a pensar o futuro — mesmo para não perder a fé na evolução da vida e a sus-

tentar a disposição para enfrentá-la. Por isso vale a pena lembrar e comentar sobre as principais iniciativas da história, com o sabor apimentado do cientista sertanejo.

1 - É incrível que uma estratégia, imaginada apenas para salvar biologicamente as pessoas, há quase 70 anos, se limite, secas e gerações além, ao eufemismo das mudanças de nome; outro dia para "frentes de trabalho" e agora, "frentes produtivas". Na melhor das hipóteses, continuam produzindo o roço das juremas na faixa das estradas, que os Departamentos Rodoviários deixaram de fazer, enquanto subjugam e conformam nordestinos empobrecidos com a brutalidade e o menosprezo. Uma estimativa da SUDENE calcula em 12 bilhões de dólares o dispêndio com essas frentes, de 1958 até 1998, cifra enorme que não gerou nenhum progresso, não gerou nada em termos de resistir às secas seguintes. É doloro-

so encarar que as autoridades não tenham sido capazes de praticar outra atitude, outra filosofia, quando a seca normal se exacerba, ameaçando desmontar o que já se tenha conseguido erguer e matando rebanhos desconsiderados. O que tem restado é um triste amontoado de gente nas estradas, para quem são simuladas tarefas de trabalho e distribuídos óbolos. É apenas uma maneira de conseguir espaço nos horários das televisões, para exibir imagem de governos bonzinhos e paternalistas e que pouco se preocupam em estar reservando seu espaço no inferno de Dante, devido a tanta perversidade e cinismo contra as pessoas simples.



2 – A ação humanitária é uma coisa bonita e, muitas vezes, é ela que ganha corpo quando se acentuam as desigualdades, chegando à exclusão, depois de tentar meios e ações ineficazes. Mas não é a mesma coisa que a solidariedade. Solidariedade é transformar em emprego a ajuda aos desempregados. O altivo e popular baião de Luiz Gonzaga expressa bem isso, reclamando da esmola a um homem sadio, matando-o de vergonha e vício. Esmola é dinheiro público jogado fora; é compra de votos, diretos ou indiretos; emprego é garantir dignidade ao cidadão.

3 – Um atual Ministro da Agricultura divulgou um estudo do BNDES que calculava a geração de 12 empregos na indústria contra 297 no campo para cada 1 milhão de reais de investimento. O manejo intensificado dos gados, que a seca impõe, só ele, mais do que dobra a necessidade de pessoal. Diante de tal realidade é de se perguntar: "cadê os empregos nos campos"? Pelo contrário, o que se verifica é o progressivo esvaziamento do setor rural. É lamentável perceber que a Democracia foi transformada numa máquina de esvaziar o campo e superlotar as cidades, para facilitar a colheita dos votos! Não há mais democracia para satisfazer o cidadão mas apenas para satisfazer os que se locupletam do sistema eleitoral. A riqueza não é mais fruto do trabalho mas dos bons humores dos políticos de plantão. Não é à toa que existem mais de 2 000 escritórios de "lobistas" em Brasília, para bajularem os liberadores de verbas. Mas os produtores rurais do semi-árido nordestino não têm nenhum "lobista".

4 – Há importantes tarefas possí-

veis de serem feitas no horizonte do trabalho rural, apesar da pouca chuva e da frustração de lavouras lotéricas de sequeiro. Estas tarefas conseguem manter a ocupação do povo, preservando empregos e estruturas preexistentes e também reforçando as condições de convivência adequada com o estio futuro. Por exemplo: plantio de forrageiras perenes e xerófilas, manutenção de cercas e pastos já formados, abertura de poços e cacimbões, construção de barragens e, sobretudo, o manejo de salvação dos rebanhos. E mais, esses rebanhos poderiam, inclusive, ser mantidos produzindo – e não apenas vivos – com o financiamento racional do uso de tecnologias já disponíveis. Paralelamente, ainda por exemplo, os sertanejos poderiam ser instruídos sobre as potencialidades e caminhos do seu mundo, dando uso racional ao dinheiro que é gasto perdulariamente com "cursinhos" e "workshops", os quais, segundo Manelito, são "meio idiotas e alienantes, já a partir dos nomes que adotam".

5 – É possível preservar as produções e não apenas os patrimônios de forma econômica, decente, tirando partido do ambiente seco para fazer eficiente pecuária de ruminantes, como acontece em inúmeros países. Afirma Manelito que, "financiado" pelo favor de amigos e de agiotas particulares, tem mantido uma taxa-de-desfrute do rebanho numa média de 28% ao ano, igual ao da Austrália, que cresceu com pecuária e também convive com regime de pouca chuva. Por quê? Simplesmente porque o semi-árido tem gramíneas e arbustíferas com teor de proteína muito elevado, servindo para feno – e que não são utilizadas nem

estimuladas pelos técnicos oficiais. Enfrentar a seca com financiamentos, empréstimos, sob taxas e indexadores escorchantes leva a uma certeza: o paciente irá morrer por asfixia, mesmo que seja cumpridor de obrigações e respeitador de compromissos. E, para piorar, o Governo passou a exigir que o brasileiro confronte sua "competitividade" com a dos subsidiados colegas de ofício de um "Primeiro Mundo". Dessa maneira, as autoridades ganharam força para continuar importando, além de uma produção protegida, os subsídios à exportação que os outros países acrescentam. Lá, o Governo salva o produtor e subsidia a produção; aqui, o Governo liquida o produtor e ainda o chama de "incompetente". (!)

Garante Manelito que tem, hoje, uma dívida oficial e particular equivalente a apenas a 9,2% do patrimônio rural mas que essa conta, nos prazos irracionais que são impostos e os encargos extravagantes, rapidamente passará da iliquidez do presente para a insolvência, numa próxima seca maior. E pior: estará sendo destruído um modelo de utilização de tecnologias e procedimentos, pensosamente aprendido e amadurecido, aplicado com parcimônia e cuidado. Igual a ele, centenas ou milhares de outras "escolas" rurais tropicalistas já foram sepultadas. Nenhuma nação do mundo já sepultou tantos "impérios rurais" ou "escolas" rurais como o Brasil!

De fato, devido à sucessão de anos ruins e por não dispor de mecanismos elementares de apoio, os índices de produtividade no semi-árido vão se tornando decrescentes e seriam piores ou mortíferos, se os elementos biológicos (plantas e animais)

que Manelito conseguiu identificar, usar e repassar para outros não fossem compatíveis com o ambiente. Essas descobertas têm um valor incalculável.

Com tristeza, Manelito afirma que "na seca de 1993, chegou a ocupar 232 pessoas mas que na de 1998, teve que reduzir as atividades da fazenda ao mínimo incompressível e trabalharam apenas 28! Os demais devem ter migrado ou se alistaram em alguma fila degradante". Simplesmente por estrangulamento de meios, mesmo, pois jamais pensaria em cancelar empregos na região semi-árida... Quem promove desemprego não é o produtor, é o Governo!

6 - Não há agropecuária sem crédito rural em nenhum lugar do mundo. E os desvios naturais dos climas, obrigam financiamentos especiais, emergenciais, operados temporaneamente no interesse de produtores e... de quem "empresta". No Brasil, ouve-se muito que "o problema não é só crédito", mas isso é uma farsa. O problema rural, ou seja, a "política agrícola" é, essencialmente, Crédito Rural, em qualquer lugar do mundo. Afinal, existe Crédito farto para os produtores da indústria, do comércio e dos serviços, mas não existe para os produtores do setor rural! São dois pesos e duas medidas condenando a agropecuária brasileira! Os governos federais são títeres implementando leis que protegem os países ricos e aniquilam as chances de desenvolvimento para as pessoas do próprio país.

Afirma Manelito: "de resto, o que parece haver é muito academicismo, é um bando de tecnocratas maniqueístas, subvertendo prioridades e o desenvolvimento, por alienação, praticando corriqueiramente a arte de explicar porque não se faz. Perde-se muito tempo e dinheiro para explicar o não-fazer e o não-saber, no Brasil. É muito penoso aturar, quase sempre, a exaltação do secundário e a erudição da insignificância nas questões públicas". No geral, as pessoas simples sofrem enquanto as verbas somem nos ralos da corrupção engendrada por

pessoas de alto escalão, das altas esferas políticas do país.

A seca, particularmente, deveria gerar um sistema de seguro para o crédito, para que financistas simplórios e anti-sociais, divorciados do Brasil tropical e exuberante, arrogantes por mediocridade cultural, ficassem mais serenos e os produtores não entrassem em pânico a cada alteração climática. Este Seguro - incluído num sistema adequado, como o que já previa o Código de Hamurabi, no seu capítulo sobre Crédito Rural, 3.000 anos antes de Cristo - seria coberto pelos financiados. Seria, além de garantia, uma cláusula ética a constar nos contratos... Tudo muito simples mas que,



melancolicamente, não consegue aprovação!

7 - Na realidade, a seca é muito mais uma crise na oferta de alimentos do que uma crise na oferta de água, embora às vezes faltem os dois. Resolver o problema da água para beber, e transportar forragens para suplementar os rebanhos nas próprias fazendas, é mais econômico do que fomentar, por omissão, a indústria do carropipa e a "retirada" dos gados. Financiar esse processo, adequadamente, é essencial e a forma mais correta de "salvar" as pessoas, mantidas no seu ambiente de trabalho, na sua moradia, num esquema decente de respeito ao seu potencial produtivo e, até, à sua dignidade. E, sobretudo, é a maneira mais barata, em gastos públicos e sofrimentos particulares. É fácil de ser feito... Basta o Governo querer!

8 - Desde 1970, foram lançados 12 Programas Especiais, tendo a

seca como motivo. Todos eles marcados por grande inconsistência técnica, pela mesma transitoriedade, deixando claro que foram realizados por pessoas de espírito superficial e leviano. É impressionante a alienação dos que passam a vida nos gabinetes públicos, sem qualquer compromisso com a existência de milhões de pessoas que vivem no semi-árido.

A paciência vai se esgotando e Manelito censura: "a seca é permanente, o inverno é apenas um pequeno intervalo de tempo entre dois estios, às vezes alongados. Os nordestinos que resistem na região, evitando a migração, já não aguentam mais que confundam sua frugalidade e paciência com resignação limitada. A vida auto-sustentada é possível no semi-árido, de forma bastante e limpa, na chuva e na estiagem. Os habitantes do semi-árido, na verdade, são credores do Brasil".

9 - Na forte seca isolada de 1970, o então chefe da República, quis ver de perto uma frente de emergência instalada nas estradas do Ceará. O General Médici, gaúcho imperativo, talvez por carregasse sangue de camponeses imigrantes, horrorizou-se com a cena. Na volta, fez um discurso emocionado em Mossoró e mandou o Banco Central, bem de pressa (Resolução 147, de 12 de Junho de 1970) "conceder empréstimos especiais aos proprietários situados em zonas do Polígono das Secas" para "(...) evitar o êxodo dos trabalhadores e minifundiários" e ainda privilegiou nesses financiamentos, "plantios de forrageiras xerófilas" e a "implementação de lavagens permanentes". E só permitiu cobrar juros depois do segundo ano seguinte. A taxa foi baixada para um terço da usual naquele tempo, o prazo de amortização foi esticado para até o dobro do maior em vigor. E foram reescaladas as dívidas anteriores. Foi uma retomada do espírito da Lei de 1958 que, como ela, também durou - novo espasmo! - apenas um único ano! Dizendo de outra forma, apesar do discurso de Médici, não



aconteceu, ainda permanente, como a seca. Chegou perto, mas não aconteceu, como em tantas outras vezes! O Nordeste semi-árido está muito longe do Brasil das televisões...

10 – Uma filosofia de crédito rural efetivamente adequada à realidade fisiográfica, culturas e potencial do Nordeste seco teria sido estabelecida, se competência houvesse, a partir de 1988, quando a sabedoria política dos parlamentares regionais recriou, na nova revisão constitucional, o destaque análogo ao "Fundo das Secas" da década de 40, quando ficara estipulado que 3% dos recursos da União iriam para políticas de convivência com as secas.

Dessa vez, o número – 3% – foi o mesmo; só que dividido com o Norte e o Centro Oeste, ficando a maior parcela – 1,8% – para o Nordeste, pai histórico da fórmula. Esta foi uma grande ironia: dividir incentivos com o Norte e o Centro Oeste que são atraídos dos flagelados que podem fugir das secas. Dinheiro do Nordeste pobre para ajudar seus primos ricos! E ninguém se lembrou de comparar com a década de 20/30 quando o Governo Federal taxou o algodão nordestino para implementar o parque algodoeiro do oeste paulista e paranaense – até ao aniquilamento. Acabou-se o "ouro branco" nordestino para enriquecer o Sudeste tão rico!

Lamentavelmente, desde 1988, lá se foram 12 anos e mais 4 secas anormais. O repasse ao mundo rural é feito sem consistência técnica e ética, com saldos afetados por multiplicadores agiotados, sem relação com os preços agrícolas: TR, da especulação financeira, depois TJLP do "mer-

cado futuro" e, adiante, um IGP, calculado com abrangência nacional (nem regional e nem dos preços nas fazendas) porque era "menor".

Trombeta o Governo: "Liberem dinheiro para o campo, mas subam-se os juros" e mantenham-se, o senso, a lógica e Hamurabi sepultados, enquanto não se pergunta à atividade produtiva do semi-árido o nível e os prazos de sua capacidade de remunerar capital.

Enquanto São Paulo do pós-Banespa vendido, financia pela sua Caixa Econômica Estadual, programas de Crédito Rural com taxas de 3-4% ao ano; o Nordeste, sob secas sucessivas, é convidado a pagar 6 e, depois, 8%, sobre dinheiro recolhido a custo zero no Orçamento Nacional!

É claro que isso tem que dar errado... É mais do que semear inadimplências e constrangimentos; é reforçar pretextos, autofagicamente, para que a "área econômica" (entenda-se "FMI") volte a pedir a extinção de "renúncias fiscais" e a "privatização" do Banco público que as manipula. Como se o Nordeste pudesse, fundamentalmente, prescindir da ação do Estado e ter sua indigência entregue ao "mercado", para corrigir descompensações alicerçadas em bases erradas.

11 – É bom ressaltar que no vizinho Rio Grande do Norte, a integração entre Associações ruralistas e Governantes estaduais, vem ensejando uma promissora evolução intelectual e prática diante da seca. Estão sendo lançadas adutoras de água entre as localidades, ao longo das estradas, para resolver o uso primordial e sem sucedâneo que a água tem, para pessoas e animais, enquanto in-

tervenções de criativas políticas públicas ("Programa do Leite") estimulam e defendem a atividade pecuária de lá. Promoveram há um ano um emblemático "Grito da Seca", reunindo a classe política, técnicos e produtores rurais. Depois de reencontrarem magistralmente a bíblica Caprinocultura, o grande tema com que se ocupam é a adequação do Crédito Rural, à realidade plausível. Como sempre, o Crédito Rural é a ferramenta básica da produção. Espera-se que os politiquinhos de plantão não sejam aliçados para derrubar mais essa trincheira do bom senso nordestino.

12 – Lembra Manelito que "talvez precise ser inventado uma espécie de Instituto permanente de Cultura e do Progresso do Semi-Árido, sem escutar conversas de nenhum "economista global", nenhum "planejador de abstrações". Este Instituto, sob a liderança de um Político (com "P" maiúsculo) pode estabelecer, introduzindo a perenidade, programas realistas, contrapondo o semi-árido verdadeiro à caricatura oficial que fazem dele. E também para revogar a "filosofia da água", como panacéia excludente para a produção na zona seca, servindo de biombo estéril, há mais de século, para muita gente".

13 – Conclui o cientista do Cariri que "talvez seja necessário buscar a articulação política dos flagelados/cidadãos, viventes nessa enorme extensão geográfica e histórico isolamento. Articulação que venha desembocar, eventualmente, na imitação de Frei Caneca, Antônio Conselheiro, ou, mais perto de nós, do coronel José Pereira, o guerrilheiro de Princesa. Todos eles findaram perdendo a briga na foice, como terminou numa cruz o Jesus de Nazaré, depois de açoitar vendilhões e hipócritas. Foram esses personagens, no entanto, que construíram a nacionalidade brasileira, mostraram que o Nordeste é bom de serviço e de fé e balizaram a consciência é a vontade do homem, para encontrar na Terra a verdadeira e profunda convivência solidária". *

(*) Manuel Dantas Vilar Filho (Dr. Manelito) – Engenheiro, com passagens na vida pública, de longa estirpe sertaneja, que se orgulha de ser catingueiro, estimulador da cultura popular sertaneja e cientista-prático do sertão.

O futuro além da porteira, com o Gir

Da. Leda Góes, presidente da Associação Brasileira dos Criadores da Raça Gir, vem realizando uma "revolução", não só na raça Gir.

Para os pecuaristas, ela é vista como predestinada que tem feito mais nos últimos anos do que décadas de existência da raça no Brasil. Seu trabalho, no entanto, vai muito além da própria raça Gir, vai muito além da porteira da fazenda, vai muito além do Brasil...

AT - A senhora acha que o pecuarista brasileiro está no caminho certo?

Leda - Esta é uma pergunta difícil de responder. O desfrute é baixo, entre 17 a 19%, enquanto outros países estão com mais de 30%. As vacas brasileiras mal produzem 1.000 litros por lactação, enquanto outros países estão acima de 5.500 litros. A inseminação artificial mal passa de 5% no rebanho leiteiro e nem chega a 4% no rebanho de corte, enquanto outros países estão entre 90 a 100%. Por outro lado, se olhar para o lado do Governo, fica claro que o pecuarista brasileiro é até um herói. Afinal, de cada lote de 100 animais produzidos,

o pecuarista acaba entregando praticamente 52 para o governo, de uma maneira ou outra. Pensar em modernização sem uma política definida para o setor é muito difícil. Por isso, a melhor resposta é dizer que o pecuarista vai bem, sim senhor! Se o Governo agilizasse a Reforma Tributária e nela incluir a necessária atenção ao setor rural, o cenário seria muito diferente e o Brasil seria o maior produtor do planeta.

AT - A senhora cria Gir e Nelore. O objetivo primordial seria fazer com que o Gir retornasse ao período glorioso da década de 1940, onde representava o que hoje é representado



**D. Leda Góes,
Presidente da Assogir.**

pelo Nelore?

Leda - Nada disso. História é História, ela já passou e serve como exemplo para não cometermos muitos erros do passado. O Nelore é a grande raça do momento mas, olhando bem direitinho, é fácil verificar que existe gado de mais no Brasil e Nelore de menos. Assim, comparar Gir com Nelore é tolice, pois há espaço para todos. O objetivo primordial é o lucro. O que interessa ao pecuarista é o gado lucrativo. O gado lucrativo pode ser o mestiço cruzado, ou seja, o animal ecologicamente correto para cada



situação geográfica, ou os animais puros-sangues para vender aos cruzadores. Muitas vezes, poderá ser até o Nelore puro, ou outras raças puras, mas a maioria dos criadores irá sempre preferir produtos mistos, para lucrar com a heterose. O animal lucrativo é a meta inicial e também a meta final da moderna pecuária.

AT - Na busca do animal lucrativo, de uma forma geral, onde entra o Gir?

Leda - Ora, o Gir é a raça mais utilizada do Brasil, está presente em mais de 80% das propriedades. Isso explica bem a importância desse gado. Estamos estudando, agora, novos métodos de avaliação do Gir. Importantes descobertas estão sendo feitas, por meio de pesquisas sobre a fisiologia de animais Gir. A raça está vivendo uma "revolução científica".

AT - Mesmo estando em mais de 80% das propriedades, o gado Gir ou agirado, ou Girolando, representa menos de 30% do rebanho nacional. Estaria indicando que se trata de um "gado de gente que fica cada vez mais pobre"?

Leda - Isso já é um problema de política governamental. Quando o Governo determina que o leite brasileiro não deve valer quase nada – prestigiando o leite que ele, o Governo, importa da Europa – então, de fato, não só o Gir mas todo o rebanho leiteiro despenca. Os 30% do rebanho nacional – que são as vacas leiteiras – perdem muito valor. O Governo sabe disso, mas é surdo para as reclamações e cego para perceber o descalabro que provoca no setor mais frágil do campo. As estatísticas estão aí: o IBGE (1995-96) confirma que existem 911.371 propriedades entre 20 a 500 hectares, explorando pecuária. Esse é um universo muito importante, onde o fazendeiro terá grande vantagem se criar Gir ou gado cruzado de Gir. Se fizer a conta, direitinho, verá que cada propriedade destas só tem 22,8 vacas – o que é irrisório, ou quase piada! É claro que nesse universo poderia caber muito mais gado – sempre agirado ou Gir...

AT - Diante desse horizonte cinza, em que o Governo não vai ou não quer auxiliar o setor leiteiro, como acreditar que o Gir possa ter um papel relevante no cenário nacional?

Leda - O Gir não é apenas um animal leiteiro. Também não é apenas um animal de corte, o Gir faz parte da fa-

mília ruralista. As vacas são muito dóceis, comem ao redor da casa, andam pouco – o que significa que estragam pouco pasto – e produzem não apenas o leite mas também carne. Algumas pesquisas já mostraram que o animal Gir é campeão de rendimento de carne-de-primeira. Por isso, de repente, todo mundo está de "olho-grande" sobre o Gir.

AT - O que significa "de olho grande" sobre o Gir?

Leda - Basta citar que um dos mais famosos neloristas do país já esteve, recentemente, na Índia. Comprou um lote de vacas para transferência de embriões e alguns touros. Montou até um pequeno laboratório na Índia para coletar o material genético para si. É claro que ele sabe o que está fazendo. No Brasil, no entanto, ele ainda não tem uma única vaca Gir. Ele sabe que o mundo está de olho na vaca Gir do Brasil. Assim como ele, muita gente está investindo em Gir, pois sabe que esta raça vai explodir e vai dar muitos lucros, daqui a pouco.

AT - Por que outros países teriam interesse na vaca Gir do Brasil?

Leda - Primeiro, porque o mundo inteiro precisa das virtudes do Gir: docilidade, leite, economicidade, lucratividade, etc. É uma vaca que vive com pouco e acaba se pagando. Se for bem tratada, dará um bom lucro para o proprietário. Segundo, os países muito populosos, como a China – que não têm tempo, estão correndo contra o relógio, para evitar desastres para sua população – a solução pode estar numa simples vaca. A vaca Gir

é uma solução, pois "amansa" o gado nativo, aumenta o leite, e continua forte para os trabalhos do campo. Por essa e outras virtudes, o Gir sempre foi considerado como uma raça sagrada, na Índia. Ou seja, muitos governos querem acertar o rumo de seu país, começando por baixo, e aí entra o apoio ao homem-do-campo, como vem acontecendo na China. Nesse momento, o Gir tem um valor inestimável e sem igual.

AT - A questão de "gado sagrado" não era apenas credence indiana?

Leda - É claro que não. Os indianos colocaram bastante "poesia" em seus escritos, mas – no fundo – as verdades sobre a raça, ou sobre as raças, estão nos textos. A vaca "Khandenu", ancestral celestial da vaca Gir atual, era multicolorida, preferida pelo Deus Krishna, mas era mansa, vivendo ao lado das casas, fornecendo leite para todos. Os touros eram famosos pela extraordinária força. Assim, o brasileiro não pode menosprezar a literatura indiana ou mesmo as credences indianas pois, por trás delas, há muitas verdades que são ótimas para nossa situação. Afinal, nós brasileiros também temos nossas credences e também somos vistos como "pitorescos" pelos países ricos, não é mesmo?

AT - O que o Gir ou mesmo os produtos cruzados de Gir têm a ver com a vastidão do Brasil?

Leda - Olha, foi o Gir que mostrou ser possível ter uma vaca produtiva no Pantanal brasileiro entre as décadas de 1930 a 1950. Só depois che-



gou o Nelore. Agora mesmo, depois que centenas de experiências falharam na região amazônica, muita gente está levando Gir para lá. Parece que o sistema de "troca de calor" do organismo do Gir é mais adequado ao clima tropical úmido e já começam a surgir estudos sobre isso, ou seja, sobre o sistema endócrino-metabólico do gado ideal para a Amazônia. Nesses estudos, o Gir está na dianteira. Ou seja, o gado amazônico, logo mais, poderá ser um mestiço de Gir. Ninguém pode negar a extrema rusticidade do Gir diante dos maus tratos praticados pelo Homem.

AT - Quer dizer que o Gir já abandonou a imagem de "gado dos cafezais" do passado?

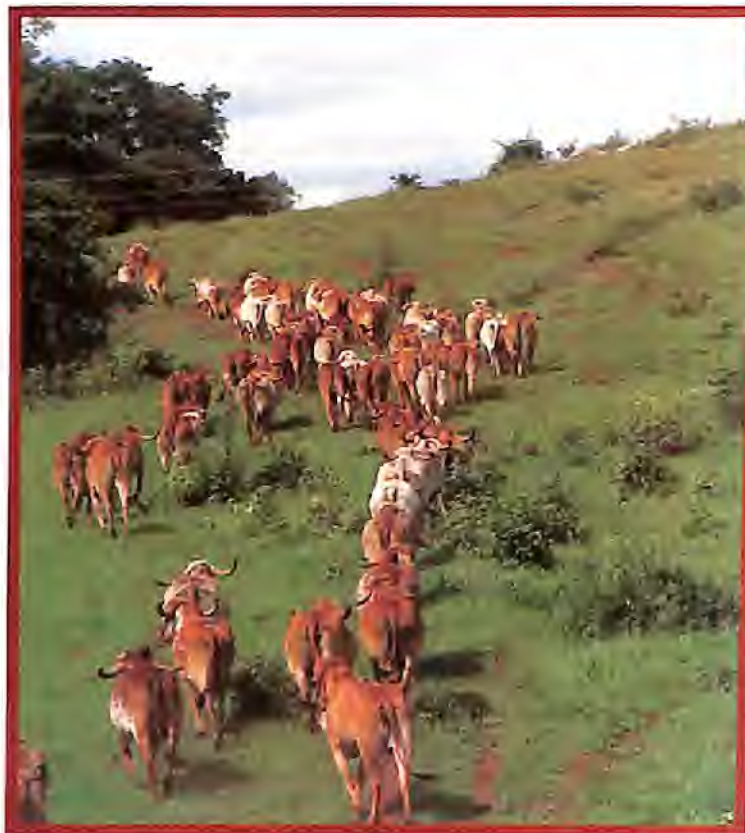
Leda - Ele já deixou os cafezais há muito tempo. O Governo financiou a introdução de gado Holandês nas principais regiões onde predominava o Gir, naqueles tempos e, assim, destruiu o rebanho soberbo que havia no país. Os fazendeiros optaram por abrir novas propriedades muito longe e, lá, o melhor gado seria o Nelore. Só os fazendeiros teimosos ficaram com Gir. Todos sabem, no entanto, que a pecuária de corte da década de 1940/50 era muito lucrativa. A carne do Gir chegou a ter até um preço superior nos frigoríficos, pois a carne era de melhor paladar e de maior rendimento. Mas o Gir está mostrando seus méritos, de novo e, hoje, ninguém tem uma novilha para vender – tamanha é a procura.

AT - Se o Gir é a raça indicada para as pequenas propriedades, tanto quanto também para a Amazônia, para o Pantanal, etc. – então será a raça mais importante do Brasil?

Leda - É só viver para ver! O Gir bem selecionado tem um grande papel pela frente. Não estamos aqui advogando em causa própria. Nada disso. O Gir é o que é, ele é milenarmente traçado para realizar uma tarefa e acontece que essa tarefa existe em todos os países tropicais. Ele é o gado das pequenas e médias propriedades. Também é o gado indicado para cruzamentos-básicos de regiões tropicais úmidas, pode ser cria-

do soberbamente em regiões semi-áridas, etc. Assim, é um gado que poderia estar presente em muitos países.

AT - Quais os países já demonstraram interesse no Gir brasileiro?



Leda - O principal é a China, que vê no Gir um gado ideal para somar ao seu "gado amarelo", de pequeno porte, que tem bastante força mas pouco leite. O Gir é bem maior, superdócil, bom de trabalho no campo, e muito leiteiro. É fácil preconizar que o Gir é (ou será) o gado chinês, por excelência. Se o governo chinês quiser colocar dez vacas em cada povoado, haja Gir! Outros países também estão gulosos pelo Gir: Equador, Peru, Colômbia, Venezuela, vários países africanos, vários países do sudeste asiático, etc. Só o Brasil pode fornecer essa quantidade de Gir.

AT - Bom, tudo isso é propaganda da raça Gir. Mas o que acontecerá, quando os compradores internacionais quiserem "provas científicas" da excelência do Gir?

Leda - Estamos chegando ao final de uma etapa do nosso Programa Nacional de Melhoramento da Raça Gir, com a construção de uma Central para aplicação de alta tecnologia. Ali haverá tudo sobre Inseminação Artificial (IA), Transferência de Embriões

(TE), Fertilização in Vitro (FIV), Clonagem, MOET, etc. Será inaugurada no segundo semestre do ano 2000 em Goiânia. Está sendo construída com total assessoria do CENARGEN. Aliás, o Governo Federal tem sido um bom parceiro na escalada do Gir.

AT - Por que uma Central especial?

Leda - Para garantir ao mundo um material de alta segurança. O Gir passou por um período difícil que podemos chamar até de adulteração de identidade. Vou dar um exemplo: é fácil exibir nas pistas um Nelore enorme que tenha um oitavo de sangue Marchigiana ou Chianina, não é mesmo? Pois isto seria uma adulteração de identidade, mas que muita gente acaba "engolindo" como sendo Nelore. O Gir passou por esse mesmo problema, só que no tocante à produção de leite. Grande parte do que se chama, hoje, de "Gir Leiteiro" tem – lá atrás – uma dose de sangue europeu. Assim, estamos hoje selecionando, com extrema velocidade, um Gir que seja muito lucrativo – sem nenhuma influência de gado europeu. A Central será o local para coletar e distribuir material genético de extrema confiabilidade para o mundo.

AT - O que faz esse Programa Nacional de Melhoramento do Gir?

Leda - Ele atua em várias frentes. Faz o Teste de Progenie de touros Gir, partindo de um lote de 32 animais escolhidos, visualmente e por documentação genealógica. Depois, é realizado um exame de "cariotipagem mitocondrial", ou seja, um exame de DNA para verificar se há genes de gado europeu. Assim, acabam restando apenas animais de sangue Gir milenar. Todos com as virtudes da raça, tanto para leite como para carne.

AT - Qual a aceitação desse Programa Nacional?

Leda - É total. Já estamos com o segundo grupo de touros aprovados nos exames de DNA. Também vamos incluir touros Mochos. E mais outra novidade: não mais será exigida a codificação dos touros. Ou seja, antes, o produtor utilizava um touro sem saber qual era. Só iria saber o nome do

touro depois de finalizados os testes. Agora, a Assogir e os técnicos envolvidos decidiram que o criador pode escolher o touro, desde o primeiro momento, sem problemas para o resultado final.

AT - Mas o CNPGL – Centro Nacional de Pesquisas de Gado de Leite realiza um Teste de Progenie onde exige que o produtor jamais possa conhecer o touro que está utilizando, justamente para garantir seriedade ao programa. Agora, a senhora diz que o criador pode escolher o touro? Isso não afetaria a seriedade do Programa?

Leda - Necessariamente, não! No nosso caso, só utilizamos touros previamente provados pelo DNA. Isto muda tudo.

AT - E quando todos os criadores recusarem utilizar um touro que, porventura, possa ser um grande produtor de leite?

Leda - Suas filhas estarão inscritas no Controle Leiteiro Oficial e o Sumário de Touros, publicado pelo Ministério/Embrapa/ABCZ mostrará o valor desse animal. Os criadores poderão dar marcha-a-ré e voltar a utilizar esse animal. Afinal, não se pode impedir o criador de selecionar o touro que quer utilizar. Muitas vezes, todas as contas acabam dando errado, mas assim é o mundo da pecuária... Muitas vezes o touro de milhão, com vaca de milhão, produz um bezerro de tostão! Aqui reside a "poesia" da pecuária seletiva.

AT - O Gir não é um gado pequeno, de pouco peso, de ossatura muito fina – como se tem ouvido por tantos anos?

Leda - O Gir é um gado de porte médio, podendo pesar até 1.150 kg mas ninguém quer um touro pesando mais que 1.000 kg – a não ser para fazer "marketing" em exposições. As vacas são pesadas, entre 450 a 650 kg mas houve até algumas acima de 800 kg. É um gado, de fato, com ossatura fina – mas isso já está sendo considerado uma virtude, pois garante um maior rendimento de carne-de-primeira.

AT - Então, por que é comum ouvir que o Gir sempre pesa menos?

Leda - Por um vício de linguagem ou de hábito. Na verdade, o Gir colocado numa pastagem junto com outras raças poderá pesar menos, individualmente, na balança. Mas se o

Quando o Governo determina que o leite brasileiro não deve valer quase nada – prestigiando o leite que ele, o Governo, importa da Europa – então, de fato, não só o Gir mas todo o rebanho leiteiro despenca. Os 30% do rebanho nacional – que são as vacas leiteiras – perdem muito valor. O Governo sabe disso, mas é surdo para as reclamações e cego para perceber o descalabro que provoca no setor mais frágil do campo.

fazendeiro pesar todo o lote de Gir e de outras raças que estiverem ocupando uma área de igual tamanho, verá que o lote de Gir não ficou para trás. Ou seja, o Gir pode pesar menos, individualmente, mas cabem mais animais Gir numa mesma área do que qualquer outra raça. Essa é uma vantagem. Como explicar isso? Simples: o andamento do Gir evita estragar as pastagens, ou seja, o gado Gir consegue comer durante 2 ou 3 meses a mais. Na hora de fazer as contas, o Gir acaba se saindo muito bem. Por isso, o mercado de três-quartos Girolando (voltado para Gir) é muito solicitado, justamente por serem animais que engordam muito bem.

AT - Existem provas concretas desse rendimento do Gir?

Leda - A Embrapa está fazendo Provas de Ganho de Peso, justamente dos animais oriundos de excelentes vacas leiteiras. O Gir é de dupla aptidão, e – por isso – apresenta notáveis animais para corte, tanto quanto apresenta notáveis animais para leite. Cabe ao selecionador definir, claramente, as linhagens ora para leite, ora para carne. Tanto quanto produzir animais de dupla aptidão para atender o mercado em geral.

AT - Se o Gir está sendo produzido no quintal e em laboratório, então está tentando abolir a "fantasia" das exposições?

Leda - Nada disso. As exposições são importantes como ferramentas de "marketing". Afinal, é um ponto de encontro muito salutar. Nin-

guém mais acredita que a exposição possa indicar o melhor animal, geneticamente falando. Este animal já está sendo indicado por Provas Zootécnicas. Por isso as Provas precisam ser muito sérias.

AT - De norte a sul do país existe o gado Girolando. É ele que garante o sucesso da raça Gir?

Leda - Pode-se afirmar que sim, pois foi o melhor caminho encontrado pelos fazendeiros para obter rendimento em carne e leite sob o sol tropical. Agora, a Assogir está lançando o "Selo de Qualidade" para o gado Girolando.

AT - O que é esse "selo de qualidade do Girolando"?

Leda - É um Certificado de Qualidade que garante ao comprador que o animal é, de fato, produzido por um girista. Este Certificado é importante, pois existe muito vendedor de Girolando que "esquenta" o sangue da vaca Gir nos cruzamentos, ou seja, utiliza animais meios-sangues, etc. Assim, o Girolando, embora denominado de "meio-sangue" no documento, pode ser um três-quartos, etc. A confiabilidade do grau sanguíneo do Girolando é muito pequena, em geral. Os giristas querem entregar ao mercado um produto confiável, com a dosagem exata de sangue zebuino. O "Selo de Qualidade" foi instituído para isso.

AT - É claro que a senhora deve estar enfrentando cobras e escorpiões. De onde lhe vem o apoio?

Leda - Dos bons giristas em geral. E de técnicos e autoridades que estão querendo o melhor para o Brasil. Os programas têm consultoria de pessoas de renome nacional. Contamos com Rodolfo Rumph, do Cenargen para o programa de Alta Tecnologia (Central especial); com Cláudio Napolis Costa, do CNPGL, para o Teste de Progenie; com José Benedito de Freitas Trovo, do Ministério, para as Provas de Ganho de Peso; com Cláudio Ulhoa Magnabosco, da Embrapa, para o comando do PMGRC. E contamos com diversas parceiras com a Yakult, com o Ministério da Agricultura, com o Cenargen, com o Governo de Goiás, com a Embrapa e com a Universidade Federal de Goiás. O Gir quer Ciência, quer novos parâmetros de avaliação, quer ser um gado muito importante no novo milênio. ★



O BERRO

A única revista especializada
em Caprinos & Ovinos
no Brasil

Não fique do lado de fora,
leia e conheça a maravilhosa vida
dos produtores de cabras e ovelhas
de todo o Brasil.

Apenas R\$ 30,00 por ano.
Vale a pena! Só falta você.

É MUITO SIMPLES

3 OPÇÕES

para você assinar a revista
O BERRO

Periodicidade: bimestral - Período: 1 ano (6 edições)

1) - Cartão de Crédito VISA

Número do cartão: _____

Validade: ____/____

CPF: _____

Assinatura: _____
(Igual a do cartão)

2) - Assinatura por telefone:

Você liga para a Editora, faz o cadastro e recebe uma senha para
Depósito Bancário Pronto! Sua assinatura já está feita.
Tel.: (34) 312-9788 - (34) 312-9080

3) - Depósito em Conta Corrente:

- 1 - Deposite R\$ 30,00 no Bradesco - Conta: 52593-6
- Agência: 0264-0- Em nome da Editora Agropecuária Tropical Ltda
- 2 - Envie uma cópia do Comprovante de Pagamento p/ Editora
- 3 - Preencha, então, os dados do cupom, com letra firme.
- 4 - Envie o Cupom para a Editora, pelo Correio ou pelo FAX.

Nome: _____

Endereço: _____

Apt. sala, andar: _____

Bairro: _____

Cidade: _____

Estado: _____

CEP: _____

Telefone: _____

Não deixe de fazer sua assinatura.

Se for CUPOM, envie-o pelo FAX: (34) 312-9080

Ou pelo Correio:

Editora Agropecuária Tropical Ltda
Caixa Postal: 606 - CEP: 38001-970
- Uberaba, MG

Transgênicos: Um diálogo de surdos

A questão era pouca produção – Francisco Menezes (*), do IBASE e da RIAD, comenta que o conceito de segurança alimentar incorporou, nas últimas duas décadas, diversos atributos que antes não eram considerados em sua definição. Na primeira metade da década de 70, a visão que prevalecia era a de que os problemas de fome e desnutrição em todo mundo resultavam de uma produção insuficiente de alimentos. Reforçavam essa idéia os baixos estoques então existentes, em grande parte devido à crise de capacidade produtiva de grãos na antiga União Soviética.

As projeções otimistas acenavam para o futuro breve com substanciais elevações da produção e produtividade agrícolas, em função dos resultados promettidos da Revolução Verde, caracterizada pelo emprego das chamadas "sementes de alta produtividade" e pelo intenso uso de máquinas e insumos químicos. Na verdade esses ganhos não conseguiram livrar o mundo do problema da insegurança alimentar.

Os problemas reais - No final da década de 70 começava a ficar mais claro que a insuficiência de oferta não era o maior dos problemas. Amplos segmentos da população mundial eram incapazes de ter acesso aos alimentos.

A explicação estava na forma desigual pela qual a renda e a riqueza estão distribuídas para muitos, falta poder aquisitivo para garantir a própria alimentação. No caso da população rural, que não dispõe dos meios de produção – principalmente a terra – faltam recursos para produzir os ali-

mentos necessários a seu próprio consumo.

Esses dois problemas não são únicos, havendo outros elementos igualmente imprescindíveis à desejada condição de segurança alimentar para todos os países.

Adeus às ilusões – Continua Francisco Menezes, informando que o



significado da segurança alimentar tornou-se mais abrangente, rompendo a separação entre a segurança de natureza eminentemente econômica e a segurança nutricional, matéria esta específica dos profissionais de saúde. Outros atributos – qualidade, práticas saudáveis e sustentabilidade dos sistemas alimentares – compõem uma noção de categorias articuladas e interdependentes que diz respeito a todos sem distinção.

"Esses aspectos são importantes para que se desfaçam as ilusões de que poderá haver segurança alimentar sem o preenchimento de todos os requisitos citados" – salienta o articulista. Foi essa a concepção que se firmou na Cúpula Mundial de Alimentação realizada em Roma, em 1996.

Transgênicos na agricultura – À luz desse conceito devem ser exami-

nadas e avaliados os possíveis efeitos da utilização de organismos geneticamente modificados na agricultura, ou transgênicos, com suas implicações sobre a produção de alimentos.

Sob a ótica da segurança alimentar, cabe saber se a nova revolução tecnológica propiciará maior disponibilidade de alimentos de boa qualidade, nutricionalmente adequados e que tenham preços acessíveis. "Importa saber se a sustentabilidade do sistema alimentar sai fortalecida ou ainda mais ameaçada" – comenta Menezes.

Os argumentos favoráveis aos alimentos modificados ressuscitam a antiga tese do tempo da Revolução Verde que afirmava que a fome e a des-

nutrição só desaparecerão do mundo com maior produção de alimentos e de que esta depende do aumento da produtividade. A novidade agora são as possibilidades abertas pelo emprego da engenharia genética, capaz de gerar espécies e animais muito mais produtivos. Apresenta-se, hoje, portanto, uma "Revolução Verde modificada".

Outro argumento é a geração de novas variedades resistentes a pragas e por isso menos exigentes de agrotóxicos, com efeitos ambientais positivos e conseqüente redução de custos para o produtor. Ou no caso

das plantas transgênicas com tolerância a herbicidas, será possível uma redução na aplicação desses agrotóxicos – sempre resultando em preços menores para o consumidor e melhoria das condições de acesso aos alimentos.

Outra possibilidade é a obtenção de produtos mais ricos do ponto de vista nutricional. Anuncia-se por exemplo a soja "high oleic", que possui maior concentração de ácido oléico. E dezenas de outras possibilidades que enriquecerão a mesa do ser humano.

Os transgênicos, portanto, têm seus prós e seus contras!

Problemas previstos – Francisco Menezes confirma que os problemas previstos para a segurança alimentar com a disseminação de produtos transgênicos são de quatro tipos:

1 - Efeitos negativos sobre a saúde dos consumidores - Os possíveis efeitos dos alimentos transgênicos sobre a saúde dos consumidores ainda não estão claros. Detectaram-se ocorrências de aumento da resistência a antibióticos e aparecimento de novas alergias em casos específicos.

Além disso, ao contrário do anunciado pelas companhias que desenvolvem espécies transgênicas resistentes a herbicidas, paira a denúncia de que maiores quantidades de agrotóxico são requeridas, com a contaminação mais intensa daquilo que é produzido, bem como dos solos e lençóis freáticos das áreas onde são cultivadas essas espécies. Nesse aspecto, o incremento de uso de agrotóxicos merece plena condenação, principalmente num país de dimensões continentais como o Brasil.

2 - Perdas da biodiversidade - Quanto à preservação da biodiversidade, componente fundamental da sustentabilidade de um sistema, persistem grandes preocupações diante da possível erosão genética.

O maior risco parece estar na possibilidade de mistura de pólen transgênico com outras variedades nativas ou convencionais, transformando-se todas em variedades transgênicas.

No Brasil, os maiores problemas poderão ocorrer com o arroz e o milho, de grande diversidade genética no país. No caso da soja, essa ameaça é atenuada, já que ela é uma espécie exótica no país, não ocorrendo exemplares nativos na biodiversidade brasileira. Mas pode ocorrer contaminação em campos de soja vizinhos, atingindo aqueles que não optaram pelas sementes transgênicas.

O risco da perda de diversidade teria nefastas consequências para a segurança alimentar, desde aquelas que advêm da homogeneização das espécies até a não-preservação de hábitos alimentares locais. Considerando o mundo como uma "aldeia global", pode-se inferir que, num futuro qualquer, todas as plantações serão transgênicas, mesmo contra a vontade de certos grupos de consumidores - pois a "pirataria transgênica" será transmitida pelo ar, pelo pólen. O máximo que se pode fazer, por enquanto, é retardar esse momento até se achar uma solução mais segura.

3 - Monopólio sobre espécies vegetais e animais - Quanto à oligopolização do mercado é fácil perceber

que poucas transnacionais estão controlando não apenas o segmento de sementes mas todo pacote tecnológico inerente à nova tecnologia. Obviamente, o processo de concentração da biotecnologia para a agricultura caracteriza uma situação de oligopólio. Gigantescos grupos, em número muito reduzido, dominam a área. Formaram-se recentemente, em um processo acelerado de fusões: Monsanto, Novartis, AgrEvo, DuPont Co, Rhône Poulenc Agro.

Esse nível de oligopolização representa por si uma ameaça à segurança alimentar, caso venha a se generalizar a utilização de variedades transgênicas. Maior ainda será o risco diante do anunciado lançamento da nova técnica denominada "Terminator", que produzirá sementes esté-



reis, consolidando o poder monopólico daquelas empresas. O agricultor será então obrigado a comprar, em cada nova safra, as sementes para seu plantio, não tendo o recurso de reproduzi-las, como até hoje foi feito. Ademais, a concorrência entre os produtores de sementes praticamente deixará de existir. Mesmo as empresas afirmando que não disseminarão a "Terminator", o risco estará no ar, para emprego em qualquer oportunidade. A "indústria de monopolização das sementes" pode se transformar numa importante arma estratégica no embate entre nações, adentrando no campo político. Sem dúvida, um nó-górdio entre as nações beligerantes e, como tal, um risco a mais na evolução da humanidade.

4 - Agravamentos das condições de exclusão dos agricultores mais pobres - O mais provável é que se defina uma divisão do mercado entre os

grupos citados. Portanto, o que se pode esperar é o aumento dos custos e, como resultado direto, maior pressão sobre os preços dos alimentos.

Como desdobramento da oligopolização do setor, torna-se possível o agravamento da pobreza entre os pequenos produtores rurais que não poderão ter acesso às novas tecnologias, pelos seus altos custos e pela sua inadequação às condições da pequena produção familiar.

Os fenômenos da exclusão e do êxodo rural, que atingiram tão duramente aquela categoria de produtores na época da Revolução Verde, tenderiam a se repetir, agravando o problema de segurança alimentar, identificado na área rural. Poderiam os governos sustentar o êxodo cons-

tante do campo rumo às cidades do interior e, depois, rumo às megacidades? Valeria a pena o custo social dessa mudança?

Onde fica o Brasil

Pelo que representa o mercado brasileiro para o segmento da engenharia genética na agricultura, o processo que vem ocorrendo no país tem, sem dúvida, um alto valor estratégico, servindo também como referência para o que simultaneamente ocorre em diversas outras partes do mundo. Dessa forma, não é pequena a responsabilidade de todos os fatores sociais nesse processo.

Três ordens de questões marcam tal processo no Brasil:

a) A primeira refere-se às possibilidades e riscos, já apresentados.

b) A segunda diz respeito aos procedimentos postos em prática, envolvendo as empresas, o governo fede-

ral, parlamentares, representantes do judiciário e setores da própria sociedade. É consenso que o Brasil se encontra em uma posição privilegiada quanto à definição institucional dos instrumentos de controle e monitoramento sobre o emprego da engenharia genética na agricultura. A própria existência da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança – A CNTBio – seria uma prova disso.

O problema, justamente, é o desempenho desse órgão em sua função. A CNTBio já concedeu mais de 800 pareceres favoráveis à liberação de transgênicos, além de aprovar o pedido para o uso em escala comercial da soja Roundup Ready, da Monsanto. Mesmo sem uma ampla consulta e aprovação por parte da sociedade, evidenciando um caráter "ditatorial" à revelia da Ciência e do espírito democrático.

Nesse tom, o Governo parece estar querendo plantar transgênicos no Brasil e, no máximo, está apenas protelando a decisão. É sobejamente conhecido que os governos brasileiros não conseguem enfrentar pressões internacionais consistentes, e essa fragilidade resulta sempre em pesado sacrifício para a sociedade em geral. Assim, é de se esperar a aprovação do uso de transgênicos, de uma hora para outra, desde que o Governo vislumbre qualquer lucro nisso. As pessoas pesam muito pouco nas decisões de governantes das democracias do Terceiro Mundo!

c) A terceira aborda os impactos ético-econômicos dos transgênicos sobre a população. O Brasil é um país com imensa população ainda na faixa de subnutrição, exigindo alimentação de qualquer origem. Cabe confirmar se essa desnutrição ocorre por falta de produtos mais resistentes (diga-se, transgênicos) ou por mera falta de meios culturais ou econômicos disponíveis para a produção. Parece que a segunda hipótese é mais viável, uma vez que a tecnologia de produção nos climas tropicais ainda é incipiente, sendo óbvias as dificuldades econômico-financeiras dos produtores; bem como é notória a inexistência de uma política agrícola de longo prazo para o país.

Por outro lado, se a sociedade brasileira não endossar a vocação para produção com transgênicos, a decisão precipitada de aprovar a nova tecnologia pode constituir um crime de "lesa-pátria" que poderá custar muito caro para as futuras gerações.

Esse crime de "lesa-pátria" também poderá ser exigido em julgamento pelas nações que condenam o uso de transgênicos. O Brasil, portanto, poderá estar entre a espada e a foice, logo mais.

Faltam normas de segurança alimentar – Garante Francisco Menezes que é preocupante o açodamento do CTNBio, considerando-se que o mesmo até hoje não cumpriu outras atribuições para as quais foi criado, como estabelecimento de normas relativas à construção, cultivo, manipulação, uso, transporte, armazenamento, comercialização, consumo, liberação e descarte dos organismos geneticamente modificados. Igualmente, não existe uma norma sobre segurança alimentar, que deveria ser estabelecida no âmbito da CTNBio.

Deveria, ainda, a CTNBio fixar normas específicas para o consumo, assegurando a segregação de outros cultivos em relação aos transgênicos, zelando pela liberdade de escolha do consumidor e sua total informação sobre o que vai consumir. Como pode isso ser feita diante da "pirataria" já citada, que se espalha pelo ar?

Aqui entra o problema da rotulagem, cuja forma operacional é de difícil resolução, mas que já se constitui em exigência dos consumidores e de algumas das principais redes de supermercados na Europa.

No momento, o Brasil poderia se preocupar em produzir para os fabulosos mercados que "não querem produtos transgênicos" ao invés de mer-

gulhar, de cabeça, como um produtor a mais dessa novidade que ainda está sendo tachada de "suspeita". A prudência nunca é demais! A discussão sobre a validade ou não dessa nova tecnologia ficaria para os países ricos: eles que decidam o que querem comprar, transgênicos, ou não transgênicos. Depois que o grande mercado comprador brasileiro tiver feito sua opção, caberá ao Brasil bater o martelo sobre essa questão.

Ficar para trás, ou na frente? – Por decisão judicial, no Brasil, os transgênicos só podem ser plantados em lavouras experimentais – por enquanto, embora existam muitos plantadores clandestinos. O panorama é inteiramente diferente nos Estados Unidos, onde 60% de todos os alimentos processados apresentam modificações genéticas. Na Argentina, 90% da soja origina-se desse tipo de semente e a área plantada saltou de 36,0 mil hectares para 6,9 milhões nos últimos 4 anos. Parece que do ponto de vista econômico, os transgênicos são um sucesso.

Hoje, 2,5 bilhões de pessoas consomem algum tipo de produto geneticamente modificado. Os negócios globais com transgênicos deve gerar uma receita de 3,0 bilhões de dólares apenas no ano 2000. Em 2010 pode chegar a 25 bilhões.

Os humanos sempre praticaram a hibridização, um método semelhante à transgenia, mas sem possibilidade de se saber qual será o resultado final. Com os transgênicos, os especialistas sabem exatamente o que querem como produto final.

Onde está o problema? É razoável perguntar se um grão adaptado para resistir a herbicidas não irá igualmente desencadear o desenvolvimento de proteínas desconhecidas no organismo humano, capazes de provocar reações alérgicas. Afinal, a manipulação na formação de transgênicos permite a formação de "monstros" vegetais. "Não conhecemos os riscos de juntar organismos que jamais se cruzariam na natureza" – argumenta Mariana Paoli – "e, por isso, não podemos ser cobaias de uma tecnologia que não está suficientemente comprovada".

Por outro lado, o ex-presidente norte-americano Jimmy Carter afirma que "o inimigo não é a biotecnologia, mas a fome".

No lado político, os transgênicos são considerados um atentado con-



tra a agricultura familiar, conforme Rommel Figueiredo, do MST de Pernambuco, que liderou o boicote a um navio carregado de milho transgênico no porto de Recife.

Por enquanto, os Estados Unidos, Canadá e Argentina detêm 99% da área plantada com transgênicos. O restante do mundo está esperando para ver o que vai acontecer. O Brasil talvez permaneça também nessa posição de espera, de prudência.

Pesquisa em primeiro lugar – Este assunto é muito sério. As investigações científicas sobre os efeitos ainda desconhecidos dessas inovações devem ser priorizadas, mesmo contrariando o cronograma dos grupos interessados na rápida colocação de seus produtos no mercado. Deve prevalecer a responsabilidade das autoridades nos procedimentos que

venham a ser adotados. Como responsabilizar, no entanto, as autoridades, depois do mal já feito?

O momento é de perigo, afirma Francisco Menezes: "a direção que está sendo dada à pesquisa e às inovações que se pretende lançar no mercado compromete praticamente todos os atributos da segurança alimentar, projetando problemas relativos à diversidade do que será oferecido, a sua inocuidade, qualidade e mesmo disponibilidade e acesso aos alimentos. A questão alimentar e de segurança precede a questão comercial que hoje parece privilegiada". Em outras palavras, pode-se estar cometendo um crime no escuro!

Opiniões diversas precisam ser ouvidas e confrontadas. O debate deve ser democratizado, incorporando os atores sociais que sofrerão diretamente a adoção da tecnologia e ain-

da ignoram sua verdadeira dimensão. E, ao contrário do que está acontecendo, não vale menosprezar os argumentos daqueles que não concordam com o rumo dos acontecimentos. Muitas vezes, os argumentos são do tipo "representantes do atraso", "inimigos do progresso", não entram bem no debate. O importante é aprofundar os argumentos e analisar seriamente cada um deles, até que se chegue a um consenso – ou a uma decisão.

(*) - Francisco Menezes é economista, com mestrado em Desenvolvimento Agrícola; trabalha no Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase); fez parte da Secretaria do Fórum Brasileiro de Segurança Alimentar e é membro da Rede Interamericana Agricultura e Desenvolvimento – Riad).

Você sabia...?

... que a cidade de São Paulo consome 151,16 milhões de litros de água por hora? Em 40 horas, o total consumido encheria garrafas de 2 litros que, empilhadas, chegariam até à Lua.

ETAPA

- A seleção é nossa ferramenta mais poderosa e tem chegado o momento em que se torna imperioso regionalizar a produção pecuária sobre bases ecológicas.

(Bonsma, 1955).

Você sabia...?

... que a área cultivada com alfafa no Brasil, é de apenas 6 milhões de hectares? Na Argentina é de 8 milhões de hectares; nos Estados Unidos, passa de 10 milhões. Alfafa é sinônimo de mais leite no rebanho.



Precocidade
Rusticidade
Fertilidade

ALBA DA VARGEM GRANDE

15/07/99

(Lembo do Alegre x Juracy do Alegre)
Campeã Bezerra e Grande Campeã da Raça
na 42ª Expo. Rio Verde-GO/2000



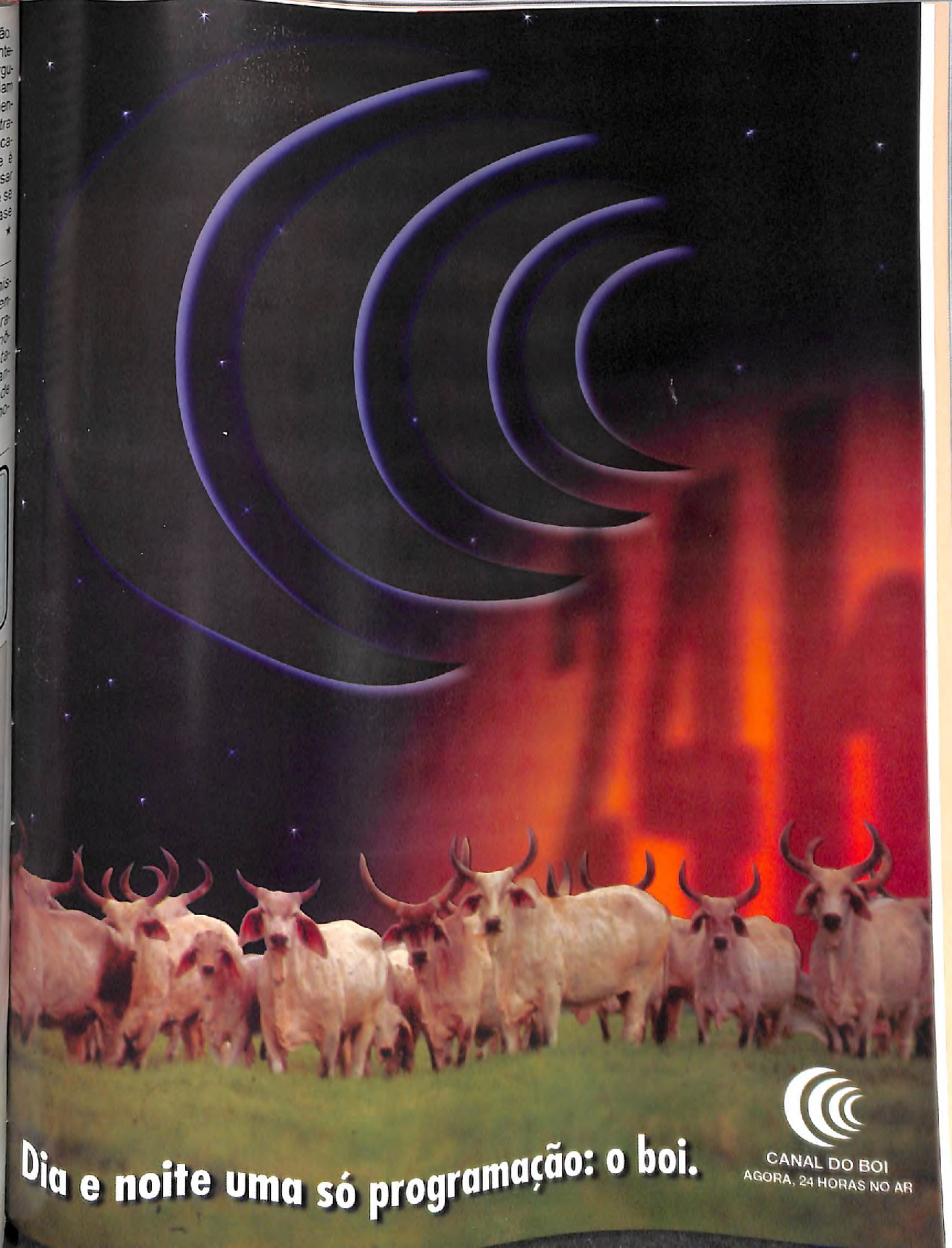
Telefax: (62) 621-2014
Rio Verde – GO
Peeters@dgmnet.com.br

APOGEU DA VARGEM GRANDE - 29/07/99

(Lembo do Alegre x Junina do Alegre)

- Campeão Bezerra, Campeão Frigorífico e Grande Campeão da Raça na 42ª Expo. Rio Verde-GO/2000
- Res. De Grande Campeão em Jataí- GO/2000





Dia e noite uma só programação: o boi.



CANAL DO BOI
AGORA, 24 HORAS NO AR

Valorize mais o couro do seu rebanho



O couro do seu rebanho pode
render muito mais
que se imagina.
Para isso, a Braspelli
desenvolveu o
Programa de Melhoria do Couro.
Um programa voltado para
orientar o pecuarista sobre os
cuidados importantes
que garantem a
qualidade e valor
do couro na venda.

Braspelli
Legítimo BRASPELCO

10 MANDAMENTOS PARA OBTER A MÁXIMA QUALIDADE DA CARNE E DO COURO DO SEU GADO

- 1 Nunca fazer cerca com arame farpado; utilizar somente arame liso.
- 2 Não usar ferrão pontiagudo, e nem cães, para o manejo do gado.
- 3 Manutenção periódica do combate aos ectoparasitas (carrapato, berne, mosca do chifre, sarna e piolho).
- 4 Mantenha a pastagem limpa.
- 5 Fazer a descorna do gado.
- 6 Fazer marcação do gado nos locais adequados, tais como: cara, pescoço e canela com, no máximo, 11cm de diâmetro.
- 7 Visitação periódica nos currais, evitando pontas que possam furar o gado.
- 8 Balancear a alimentação do gado com suplementos minerais.
- 9 Escolher um veículo adequado para o transporte do seu rebanho até o frigorífico, evitando carrocerias com pontas de madeira ou pregos.
- 10 Gado bem tratado produz melhor resultado.

BRASPELCO INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA

NANIL

FRIZZO

MAIER

CADORNA

SIMCAFE

Rua Décio Spirandelli Carvalho, 205 Uberlândia MG
www.braspelco.com.br

CEP 38402-342 Fone (34) 218.0800 Fax (34) 218.0900
commercial@braspelco.com.br

Braspelli